



Aline Louro de Souza e Silva Rabello

O conceito de terrorismo nos jornais americanos
Uma análise de textos do New York Times e do Washington Post,
logo após os atentados de 11 de setembro

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Relações Internacionais da PUC-Rio.

Orientador: Mônica Herz

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Aline Louro de Souza e Silva Rabello

O conceito de terrorismo nos jornais americanos
Uma análise de textos do New York Times e do Washington Post,
logo após os atentados de 11 de setembro

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Relações Internacionais da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Mônica Herz
Orientador
PUC-Rio

Marco Aurélio Chaves Cepik
UFRGS

Nizar Messari
PUC-Rio

João Franklin Abelardo Pontes Nogueira
Coordenador(a) Setorial do Centro de Ciências Sociais - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 2007

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Aline Louro de Souza e Silva Rabello

Jornalista formada pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhou como produtora do Jornal Nacional da TV Globo e foi editora de telejornais de rede na TV Globo Brasília. Atualmente, é editora de internacional na TV Globo São Paulo.

Ficha Catalográfica

<p>Rabello, Aline Louro de Souza e Silva</p> <p>O conceito de terrorismo nos jornais americanos : uma análise do New York Times e do Washington Post logo após os atentados de 11 de setembro / Alice Louro de Souza e Silva Rabello ; orientadora: Mônica Herz. – 2007</p> <p>171 f. ; 30 cm</p> <p>Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Relações internacionais – Teses. 2. Terrorismo. 3. 11 de setembro. 4. Al Qaeda. 5. legitimidade. 6. Globalização. 7. Mídia. 8. The New York Times. 9.The Washington Post. I. Herz, Mônica. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Relações Internacionais. III. Título.</p>
--

CDD: 327

Agradecimentos

À minha orientadora, Mônica Herz, que com a orientação precisa, o carinho e as palavras de estímulo, teve papel fundamental na elaboração deste trabalho.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pela bolsa de isenção que possibilitou a conclusão do curso de mestrado e desta dissertação.

Aos integrantes da banca examinadora pela disposição em participar da avaliação desta pesquisa.

Ao corpo de professores do IRI, pela experiência rica que nos proporcionaram e à equipe de funcionários do IRI – em especial, a Maria Helena – pelo carinho e pela ajuda preciosa.

Aos consulados dos Estados Unidos no Rio de Janeiro e em São Paulo – em especial, a Almerita de Souza e Karla Veras – pela paciência e precisão na seleção das reportagens de jornais americanos analisadas nesta pesquisa.

À direção de jornalismo da TV Globo, por me conceder o tempo de afastamento necessário para a conclusão deste trabalho.

A Luiz Cláudio Latgê, Mariano Boni, Erick Brêtas, Renato Machado, Miguel Athayde e Márcia Menezes pelo apoio em diferentes momentos dessa jornada, sem o qual não teria chegado até aqui.

A todos os colegas do Bom Dia Brasil e do Jornal da Globo – em especial, Maria Cleidejane e José Alan Dias - pela solidariedade e companheirismo.

Aos amigos da turma de mestrado, que tornaram todos os momentos – os difíceis e os felizes – ainda mais ricos. Meu agradecimento especial a Marcelo Valença, Regina Kfuri e Cristina Alexandre.

Aos amigos Gustavo Sénéchal e Mila Burns, fundamentais no início desta

caminhada e a Tuila Barbosa, sempre pronta a ajudar, ouvir e aconselhar durante todo o processo de elaboração da pesquisa.

A Fernando Piva pelo incentivo e pelo exemplo de ter chegado lá antes.

Por fim, um agradecimento maior aos que dedico este trabalho: À minha mãe e meu pai, pelo amor e pelo aprendizado. A Alfredo Pasin, com quem divido cada conquista e cada passo a frente dessa jornada. E a Roberto Machado, que com amor, carinho e tolerância, deu novo sentido ao esforço de chegar até aqui.

Resumo

Rabello, Aline Louro de Souza e Silva; Herz, Mônica. **O conceito de terrorismo nos jornais americanos: uma análise de textos do New York Times e do Washington Post, logo após os atentados de 11 de setembro.** Rio de Janeiro, 2007. 171p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo da dissertação é analisar o conceito de terrorismo presente em reportagens de dois dos principais jornais americanos – The New York Times e The Washington Post - no período entre os ataques de 11 de setembro de 2001 e o início da guerra ao governo Talibã, no Afeganistão. Os parâmetros da análise foram propostos a partir de dois importantes debates acadêmicos relacionados ao conceito de terrorismo. Trata-se do debate sobre a questão da legitimidade do uso da violência para fins políticos e do debate sobre a existência de um “novo terrorismo” no mundo contemporâneo. A proposta da dissertação foi avaliar quais respostas a alguns dos principais questionamentos dos debates acadêmicos podem ser encontradas no conteúdo dos jornais americanos, nos dias seguintes aos maiores atentados da história.

Palavras-chave

Terrorismo; 11 de setembro; Al Qaeda; legitimidade; globalização; mídia; The New York Times; The Washington Post.

Abstract

Rabello, Aline Louro de Souza e Silva; Herz, Mônica. **The concept of terrorism in American newspapers: an analysis of The New York Time's and The Washington Post's articles in the aftermath of September 11.** Rio de Janeiro, 2007. 171p. MSc. Dissertation - Departamento de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation seeks to analyze the concept of terrorism that can be found in the news articles from two main American newspapers – The New York Times and The Washington Post – in the period between the attacks of september 11 and the war against the Taliban government in Afghanistan. As parameters to the analysis, we used questions raised from two main academic debates related to the concept of terrorism. That refers to the debate about legitimacy and the use of political violence and to the debate about the existence of a “new terrorism” in the contemporary world. Our proposal was to disclose some of the answers to this academic questions that can be found in the content of the articles, in the aftermath of the greatest terrorist attacks in history.

Keywords

Terrorism; September 11; Al Qaeda; legitimacy; globalization; media; The New York Times; The Washington Post.

Sumário

1. Introdução	11
2. O terrorismo em perspectiva histórica	18
2.1. Dos primeiros usos do termo ao terrorismo moderno	20
2.2. A internacionalização do terrorismo	25
2.3. O terrorismo contemporâneo	30
3. Os debates sobre o terrorismo	38
3.1. O debate sobre a legitimidade do uso da força para fins políticos	39
3.1.1. O debate sobre legitimidade e a relação com as causas, agentes e modos de operação do terrorismo	49
3.1.2. As divergências sobre a natureza das causas do terrorismo	51
3.1.3. As divergências sobre a natureza do agente do terrorismo	55
3.1.4. As divergências sobre a natureza do modo de operação do terrorismo	58
3.2. O debate sobre a existência de um novo terrorismo	62
3.2.1 A década de 1990 - o fanatismo religioso	67
3.2.2. A revolução iraniana e a derrota dos soviéticos no Afeganistão – o terrorismo islâmico e o nascimento da Al Qaeda	70
3.2.3. A década de 1970 e o aumento da letalidade do terrorismo	75
3.2.4. A negação dos cortes temporais - o papel da mídia no aumento da letalidade do terrorismo	77
3.2.5. O 11 de setembro como um recorte – o aumento da letalidade para a escala da guerra	80
3.2.6. Perguntas do debate sobre o novo terrorismo	83
4. O terrorismo nos textos de dois jornais americanos – The New York Times e The Washington Post – nos dias seguintes ao 11 de setembro	88

4.1. Metodologia de análise das questões do debate sobre legitimidade	89
4.1.1. Metodologia para a pergunta um	90
4.1.2. Metodologia para a pergunta dois	91
4.1.3. Metodologia para a pergunta três	91
4.2. Metodologia de análise das questões do debate sobre o novo terrorismo	93
4.2.1. Metodologia para a pergunta quatro	95
4.2.2. Metodologia para a pergunta cinco	97
4.3. A análise dos textos do New York Times e do Washington Post em relação às perguntas do debate sobre legitimidade	97
4.3.1. Análise sobre a pergunta um no New York Times	98
4.3.2. Análise sobre a pergunta dois no Washington Post	100
4.3.3. Análise sobre a pergunta dois no New York Times	102
4.3.4. Análise sobre a pergunta dois no Washington Post	103
4.3.5. Análise sobre a pergunta três no New York Times	104
4.3.6. Análise sobre a pergunta três no Washington Post	105
4.4. A análise dos textos do New York Times e do Washington Post em relação às perguntas do debate sobre o	107
4.4.1. Análise sobre a pergunta quatro no New York Times	107
4.4.2. Análise sobre a pergunta quatro no Washington Post	108
4.4.3. Análise sobre a pergunta cinco no New York Times	109
4.4.4. Análise sobre a pergunta cinco no Washington Post	110
5. Conclusão	112
6. Referências Bibliográficas	119
7. Anexos	138
7.1. Anexo 1	138
7.2. Anexo 2	142
7.3. Anexo 3	149
7.4. Anexo 4	154

7.5. Anexo 5

161

7.6. Anexo 6

165

1 Introdução

Nos dias seguintes a 11 de setembro de 2001, o mundo inteiro experimentou sensações, reações e reflexos políticos e econômicos do que foram os maiores ataques terroristas da história da humanidade. Os mais de três mil mortos e as imagens inesquecíveis da destruição de dois ícones da nação americana dão a primeira medida da dimensão desses eventos para o mundo em que vivemos. Ao mesmo tempo, são elementos representativos do simbolismo e do alcance global desses acontecimentos - apenas dois dos aspectos da complexidade desses fatos marcantes da História contemporânea.

Os atentados de 11 de setembro se tornaram objeto de estudo em diversos campos de conhecimento, em especial na disciplina de Relações Internacionais. Debates sobre a ordem hegemônica mundial e sobre a existência de um novo terrorismo foram incrementados pela discussão sobre o significado dos atentados daquela manhã de terça-feira. Dois aspectos dos estudos sobre terrorismo são centrais para a proposta de pesquisa desenvolvida nessa dissertação. Em primeiro lugar, o reconhecimento de que o terrorismo é um fenômeno socialmente construído. Também é fundamental para a presente análise o reconhecimento de que o estudo do terrorismo tem como um problema de fundo a inexistência de um conceito amplamente aceito pela comunidade internacional e pelos estudiosos do tema.

A visão do terrorismo como um problema socialmente construído implica em considerar que o terrorismo não é um fenômeno entendido da mesma forma, por todos os indivíduos, independente do contexto histórico e de diferentes posicionamentos políticos. As percepções sobre o que é o terrorismo são construídas socialmente e dependem de complexas redes de interação social, que envolvem como os governos, a própria sociedade e a mídia interpretam o conceito de terrorismo. O entendimento do terrorismo como socialmente construído vale

tanto para “o conceito em geral como para grupos e atos específicos” (Jenkins, 2003, p.ix)¹.

Como qualquer problema socialmente construído, o terrorismo tem seu significado modificado, alargado e estreitado de acordo com usos em diferentes discursos, influenciados por interesses de governos e grupos que combatem governos, pela mídia e pela audiência e por contextos históricos distintos. Muitas vezes, o que é considerado terrorismo em um contexto, não será em outro. Grupos que participam da negociação política tradicional, por exemplo, muitas vezes praticam atos que podem ser rotulados como terrorismo, por meio de integrantes ou subgrupos mais radicais².

A construção social do terrorismo é um processo especialmente complexo porque envolve a natureza subjetiva do próprio fenômeno. Segundo Brian Jenkins, o terrorismo “não é apenas o que os terroristas fazem, mas o efeito – a publicidade, o alarme – que criam com suas ações” (Jenkins, 1978, p. 119). Assim, as percepções sobre o terrorismo não são determinadas pelos números de ataques ou de mortes apenas, mas pela “qualidade dos atos, a localização e o grau de cobertura da mídia” (Jenkins, 1978, p. 119), por exemplo.

A idéia dessa dissertação é contribuir para a investigação dos processos de construção social do terrorismo, logo após os atentados de 11 de setembro. Apesar do reconhecimento de que a mídia é apenas um dos elementos desse processo de construção social, entendemos que os meios de comunicação têm um papel extremamente importante nesse processo. Por esse entendimento, propomos investigar como dois dos principais jornais dos Estados Unidos – o New York Times e o Washington Post – retrataram o terrorismo, no período entre os atentados de 11 de setembro de 2001 e o início da guerra no Afeganistão, em sete de outubro de 2001.

A nossa pesquisa não pretende abranger todo o processo de construção de significado de terrorismo nesse contexto, o que daria origem a outro tipo de pesquisa. A intenção aqui é lançar luz sobre algumas das contribuições que a

¹ As citações de textos em inglês e espanhol usadas em toda a dissertação foram traduzidas pela autora.

² Um exemplo disso é o Hamas, recentemente eleito para chefia do governo da Autoridade Nacional Palestina, considerado por Israel, Estados Unidos e outros governos como um grupo terrorista.

mídia pode ter trazido para o processo de construção social do terrorismo naquele período, por meio da análise de dois veículos de comunicação importantes.

O modo como decidimos orientar essa análise dos textos dos jornais, tem como ponto de partida o reconhecimento de que não existe um conceito amplamente aceito de terrorismo, nos meios acadêmicos, assim como nos fóruns de política internacional. Existem teóricos, como Walter Laqueur (1996, 2002), que consideram pouco relevante a discussão sobre o conceito de terrorismo. Para ele, todas as definições de terrorismo são “insuficientes para capturar a magnitude do problema ao redor do mundo” (Laqueur, 1996, p. 24). No entanto, mesmo estudiosos que entendem o terrorismo como um fenômeno socialmente construído, defendem a importância de insistir na tentativa de consenso amplo em torno de um único conceito de terrorismo (Jenkins, 2003, p. ix).

Hoje, não há um único conceito de terrorismo amplamente aceito que possa servir de parâmetro para uma análise sobre as representações do terrorismo em textos jornalísticos. Decidimos, então, buscar parâmetros para essa análise nas discussões acadêmicas sobre o conceito de terrorismo. Uma vez que não há consenso amplo, fomos investigar, afinal, onde estão algumas das principais discordâncias que impedem um consenso.

Nosso foco na literatura acadêmica voltou-se, então, para os pontos em que há controvérsia em relação à definição de um conceito de terrorismo. Em meio a esses debates, investimos em dois temas de discussão acadêmica sobre terrorismo, ligados tanto à discussão conceitual quanto aos debates que se seguiram aos atentados de 11 de setembro de 2001. Nossa investigação sobre a produção acadêmica se restringiu aos pontos de controvérsia dos debates acadêmicos sobre a legitimidade do uso da força para fins políticos e sobre a idéia da existência de um novo terrorismo na contemporaneidade.

O primeiro debate – sobre legitimidade do uso da força para fins políticos – é um dos principais temas que geram discussão e discordâncias quando relacionados ao esforço de definição de terrorismo, seja nos meios acadêmicos ou na esfera das relações internacionais. As Nações Unidas tentam, há mais de 30 anos, atingir unanimidade em torno de um texto de uma resolução ampla sobre o tema. Até hoje, um dos principais entraves é a intenção de determinados governos de evitar que causas que consideram justas para o uso da violência política percam a legitimidade por receberem o rótulo de terroristas (Schmid, 2004, p. 389). O

debate sobre o novo terrorismo gira em torno de diferentes pontos de vista sobre os aspectos que podem ser considerados novos no terrorismo contemporâneo.

Nossa intenção foi fazer uma revisão de textos de diferentes autores que trabalham com aspectos destes dois debates, com o objetivo de encontrar pontos de discordância entre os argumentos. Nossa interpretação dos textos e de seus pontos de confronto, revelou questionamentos de fundo sobre a definição do conceito de terrorismo. E partimos dessas questões de fundo - que levam a diferentes respostas nos debates acadêmicos - para elaborar perguntas de orientação da análise dos textos jornalísticos. Dessa forma, acreditamos ter sido possível estabelecer parâmetros para a análise do conceito de terrorismo presente nos textos jornalísticos, sem a necessidade de favorecer nenhuma das inúmeras definições de terrorismo existentes na literatura acadêmica sobre o tema.

Nos jornais, buscamos respostas para as perguntas elaboradas a partir da discussão acadêmica, com base na identificação de padrões de associações de idéias presentes nos textos jornalísticos. A nossa metodologia de pesquisa pressupõe ser possível encontrar, entre as idéias associadas ao terrorismo nos textos jornalísticos, algumas das questões envolvidas no debate acadêmico. Embora não haja discussão sobre definição conceitual na maior parte dos textos de jornais, a forma como o conceito de terrorismo é empregado nos textos dos jornais envolve associações de idéias entre as quais se pode identificar categorias semelhantes às elaboradas a partir do debate acadêmico.

Nossa metodologia de análise buscou identificar os possíveis padrões de repetição de associações de idéias envolvidos na forma como os jornais se referem ao terrorismo. A nossa proposta é identificar alguns dos aspectos que compõem um conceito de terrorismo usado pelos jornais no período analisado, por meio das repetições de associações de idéias.

Assim como as representações do terrorismo na mídia não são os únicos aspectos envolvidos no processo de construção social do terrorismo, também os dois veículos de comunicação selecionados não esgotam as diferentes formas de uso do termo na mídia. A escolha desses dois jornais americanos se baseou no fato de o New York Times e o Washington Post estarem entre os mais tradicionais jornais americanos e entre os de maior circulação dos Estados Unidos e, também, terem grande influência na mídia internacional.

Os dois jornais funcionam como referência de formação de opinião nos Estados Unidos e, igualmente, ao redor do mundo. Além da importância das duas fontes primárias para a mídia americana, o reconhecimento de que os textos produzidos por esses dois jornais são reproduzidos em veículos de comunicação de mídia impressa e eletrônica, em todo o mundo, também foi determinante para a seleção de fontes primárias. Pode-se dizer que os dois jornais escolhidos para a nossa análise exercem profunda influência na forma como a imprensa mundial relata os fatos ocorridos nos Estados Unidos.

Escolhemos como recorte temporal o período entre o dia seguinte aos atentados – 12 de setembro de 2001 – e o dia em que os Estados Unidos iniciaram o ataque ao Afeganistão – sete de outubro de 2001 - por tratar-se de um período que pode ser visto, em bloco, como um momento de transição entre dois fatos históricos marcantes – os atentados e a guerra. Consideramos que esse período equivale ao impacto inicial dos atentados de 11 de setembro, quando se iniciam os movimentos de tentativa de explicar os acontecimentos, de elaboração do choque e, ao mesmo tempo, da transição para uma nova etapa, que é a reação – seja individual, de grupo ou de governos – aos ataques.

Significativamente, esse é o período em que o governo americano formula a resposta aos atentados em termos de uma guerra contra o terrorismo. Embora a política externa americana não seja o objeto de estudo dessa dissertação, esse contexto, sem dúvida, teve influência no modo como os jornais retrataram o terrorismo.

Selecionamos para análise uma amostra que consideramos relevante do material de texto produzido por esses jornais, dentro do período delimitado. São as reportagens de primeira página dos dois jornais em que aparece a palavra terrorismo – “*terrorism*” em inglês. Escolhemos as reportagens com chamada na capa por serem, ao mesmo tempo, as consideradas mais importantes pelos próprios veículos e, também, por terem grande visibilidade e atratividade para o leitor.

Restringimos a análise aos textos onde aparece a palavra terrorismo (*terrorism*) para garantir um recorte uniforme para a amostra dos dois jornais. Tivemos esse cuidado por saber do histórico de restrições impostas pela própria mídia ao uso do termo terrorismo, embora não especificamente em relação a estes dois jornais, neste período. Em outro contexto, na ocasião em que mais de

trezentas pessoas, a maioria crianças, foram massacradas em uma escola de Beslan, na Ossétia do Norte, um editor do New York Times respondeu a críticas de leitores sobre a relutância em chamar o ataque de terrorista. Na ocasião, ele declarou que o jornal não tem nenhuma política de uso da palavra terrorista, a não ser a de evitar o termo ao máximo (Apud Hoffman, 2006, p. 30).

O próprio debate sobre o conceito de terrorismo parece influenciar a forma como a mídia trata o assunto (Hoffman, 2006, p. 28). Segundo Bruce Hoffman, o modo como a mídia se refere ao terrorismo continua sendo influenciado pelo debate semântico travado na década de 1970, especialmente na esfera da ONU, sobre a legitimidade do uso da força, um dos debates que vamos explorar nessa dissertação (Hoffman, 2006, p. 28). Há exemplos de casos recentes em que o uso do termo terrorismo foi deliberadamente evitado em veículos de comunicação importantes, como a agência de notícias Reuters³. No contexto dos atentados de 11 de setembro, a Reuters foi acusada de relativismo moral por ter evitado o uso do termo.

A análise de aspectos do processo de produção dos textos jornalísticos foi deixada de lado na delimitação da análise dessa pesquisa. Nossa intenção é trabalhar com o resultado do processo de produção dos jornais – o texto e seu conteúdo – e não analisar esse processo. O resultado das escolhas editoriais dos jornais é o que chega a casa dos leitores, todos os dias. São as associações de idéias presentes nesses textos aos quais centenas de milhares de pessoas tiveram acesso, em diversas partes do mundo, durante o período seguinte aos atentados de 11 de setembro, que interessaram a nossa pesquisa.

No próximo capítulo, vamos apresentar alguns dos elementos mais frequentemente associados ao conceito de terrorismo e algumas das diferentes manifestações de violência já rotuladas de terroristas ao longo da História. Nos capítulos seguintes, vamos apresentar os principais pontos dos dois debates acadêmicos que serão centrais para nossa análise – sobre a legitimidade do uso da força para fins políticos e sobre o novo terrorismo. Nos últimos capítulos, vamos analisar os jornais com base em perguntas de fundo encontradas nos debates acadêmicos e apresentar as conclusões da pesquisa.

³ O episódio foi relatado em artigo, no Washington Post, em 5 de outubro de 2001 (KINSLEY, M. Defining Terrorism: It's Essential. It's Also Impossible. Washington Post, 2001, p. A 37).

De forma modesta, esperamos contribuir para a reflexão sobre os usos do conceito de terrorismo pela mídia, naquele período. Como lembra Martha Crenshaw, “o modo como se nomeia algo importa” (Crenshaw, 1995, p. 7). No mínimo, para a constituição do entendimento que a sociedade terá dos fatos. No máximo, para as decisões de governo sobre quem deve ser atacado ou qual a melhor estratégia para combater o terrorismo. Decisões que podem contribuir para escolhas entre a agressão e a negociação, a paz e a guerra, ou, por fim, entre a vida e a morte, como ocorreu com as milhares de vítimas da barbárie de 11 de setembro de 2001.

2

O terrorismo em perspectiva histórica

Um dos principais motivos do terrorismo ter se tornado um conceito tão amplamente contestado e difícil de definir reside na própria história dos usos e significados do termo. Desde que foi relacionado em dicionário pela primeira vez, há mais de dois séculos, a palavra teve os mais diferentes significados e foi empregada para se referir a diferentes tipos, práticas, nos mais diversos contextos. Segundo Laqueur, “nenhuma definição pode abarcar todas as variedades de terrorismo que existiram ao longo da história” (Laqueur, 2002, p. 7).

Neste capítulo vamos recordar a história do terrorismo desde as primeiras manifestações associadas ao termo, até os diferentes tipos de terrorismo que podem ser identificados no mundo contemporâneo. Apesar de não haver consenso em torno de um conceito único de terrorismo, é possível relembrar os principais exemplos de fenômenos que receberam o rótulo de terrorismo, em diferentes contextos históricos.

Para atingir o objetivo desta dissertação, não será adotada nenhuma definição específica de terrorismo. A pesquisa proposta aqui vai trabalhar com os debates e os pontos em que não há consenso sobre o tema. No entanto, é possível delimitar o campo de pesquisa sobre o terrorismo a partir de alguns elementos comuns encontrados em diferentes definições de terrorismo nos meios acadêmicos. Embora não haja amplo consenso em torno de um único conceito, o terrorismo tem alguns aspectos singulares, em torno dos quais há consenso relativo.

Em primeiro lugar, os objetivos políticos do terrorismo são considerados por muitos teóricos como o elemento central para distinção entre o terrorismo e outros tipos de violência, como os crimes comuns (Lutz & Lutz, 2005, p. 10). Os seqüestros de políticos, por exemplo, com objetivo de pressionar um governo, são diferentes de seqüestros de pessoas com objetivo único de extorquir dinheiro (Lutz & Lutz, 2005, p. 10). Entendido como um fenômeno político, o terrorismo é usualmente descrito como uma tática que é “empregada para gerar poder onde ele

não existe ou consolidá-lo, onde é fraco” (Hoffman, 2006, p. 41). Também nesse sentido, o terrorismo se diferencia do crime comum pela existência de uma causa a qual o terrorista acredita estar servindo, por mais irracional e incompreensível que aparente ser (Hoffman, 2006, p. 37).

Outro ponto de alguma concordância sobre a natureza do terrorismo é que envolve “violência ou ameaça de violência” (Lutz & Lutz, 2005, p. 10). Há, no entanto, diferentes formas na literatura acadêmica de definir o modo de operação, os objetivos e os alvos desse tipo de violência política. Geralmente, o terrorismo é definido pelo caráter indiscriminado (Jenkins, 2003, p. 28) da violência, que se caracteriza pelo desrespeito às normas que limitam o uso da força entre os Estados - em relação à escolha de alvos não militares, ao desrespeito a zonas neutras e períodos onde não existe conflito declarado, ao uso de armas e táticas não convencionais e a imprevisibilidade dos ataques (Schmid, 2004, p. 383). Em algumas definições, é enfatizada a intenção de provocar medo, de aterrorizar uma audiência maior do que as vítimas diretas dos ataques, como uma característica distintiva do terrorismo (Lutz & Lutz, 2005, p. 11). Na proposta de Schmid de definição baseada nos pontos em que houve maior consenso entre 73 jornais acadêmicos, também a intenção de conseguir publicidade por meio do uso da força aparece com “papel significativo” (Schmid, 2004, p. 381) para distinguir o terrorismo de outros tipos de violência.

Muitos outros elementos podem ser envolvidos em definições do que é o terrorismo. As diferentes maneiras de delimitar o conceito estão relacionadas a diferentes debates no meio acadêmico. Entre estes debates, estão os que serão explorados no capítulo três. Alguns desses debates envolvem formas de entender o terrorismo com relação ao seu contexto histórico e a evolução do fenômeno no contínuo da história.

Ao longo dos últimos 200 anos, o termo terrorismo já foi usado para representar a ação de Estados e de grupos não-estatais¹. Embora haja muita discussão sobre esse aspecto, na atualidade, o terrorismo se tornou mais associado a grupos não estatais nos usos correntes². Para definir a natureza do agente do

¹ Laqueur aprofunda a discussão sobre os diferentes grupos chamados de terroristas ao longo da História. Ver LAQUEUR, W. A History of Terrorism, 2002.

² Cronin, por exemplo, ao relacionar a história do terrorismo com a dificuldade de definição do termo, observa que esse primeiro uso do termo não se enquadraria na classificação de terrorismo utilizada em seu texto. (CRONIN, 2002/03, p. 34).

terrorismo, pode-se enfatizar seu caráter de clandestinidade (Ruby, 2002, p. 10), como usa a definição do Departamento de Estado Americano – que limita a natureza do agente a grupos sub-nacionais e agentes clandestinos (Apud RUBY, 2002, p. 10). Por essa forma de definir a natureza do agente, o terrorismo se aplica ao uso da força de forma clandestina, mesmo quando Estados estão por trás da ação não oficial de agentes³.

Depois de identificar alguns aspectos mais frequentemente associados ao terrorismo no meio acadêmico, vamos lembrar os principais fenômenos que receberam esse rótulo controverso ao longo da História.

2.1. Dos primeiros usos do termo ao terrorismo moderno

Essa pesquisa trabalha com a idéia de que um dos motivos pelos quais o significado do conceito de terrorismo é tão contestado é o fato do uso do termo ter sido usado de tão diferentes formas, ao longo da história. Por essa perspectiva, percebe-se que a investigação do significado da palavra “terrorismo” – assim como a classificação de grupos como terroristas - também está relacionada a um determinado contexto histórico.

Pode-se começar a traçar a linha do tempo do terrorismo já a partir dos primeiros anos D.C (63-73 D.C) com a ação dos *Sicarii* (Laqueur, 2002, p. 7), que, com a intenção de “expulsar os romanos da Palestina, usavam métodos não ortodoxos de violência para aquela época (como assassinatos no meio da multidão), com objetivo de forçar judeus moderados a uma oposição a ocupação e os romanos a uma retirada” (Maskaliünaité, 2001, p. 40).

O mesmo estilo de ação - que Laqueur chamou de “mistura de esperança messiânica com terrorismo político”(Laqueur, 2002, p. 8) - era encontrado em outro grupo, mais conhecido – os Assassinos - que atuava na Pérsia e na Síria, no século XI D.C. e só foi suprimido dois séculos depois pelos Mongóis (Laqueur, 2002, p. 8).

No entanto, o que se pode chamar de terrorismo moderno nasceu com a Revolução Francesa. Nesta época, o termo foi cunhado pelos próprios

³ Segundo Philip Jenkins, essa definição encontra consenso relativamente amplo (JENKINS, 2003, p 28).

revolucionários, depois de assumirem o poder, para denominar a ação contra os opositores do novo regime. Na época, os jacobinos, então no poder, usavam o termo com um sentido positivo, sobre si mesmos (Laqueur, 2002, p.6). A divulgação do destino trágico dos contra-revolucionários nos tribunais de Robespierre tinha um “efeito mais amplo na população” (Cronin, 2002/3, p. 34) e “pode ser vista como um exemplo incipiente da manipulação da mídia muito mais desenvolvida por grupos terroristas no século XX” (Cronin, 2002/3, p. 34).

O aparecimento de grupos que usavam o terrorismo como principal arma de luta é um fenômeno datado comumente a partir da segunda metade do século XIX. Laqueur propõe dividir em categorias os grupos que - em meados para o fim do século XIX e início do século XX - optaram pelo caminho da violência política (Laqueur, 2002, p. 11). Os “revolucionários russos” (Laqueur, 2002, p. 11) lutavam contra um governo autocrático entre os anos de 1878 e 1881. Nessa época, atuou o mais importante grupo terrorista do século XIX, o Narodnaya Volya. Os “radicais nacionalistas” (Laqueur, 2002, p. 11) - com objetivos separatistas - agiam em países como a Irlanda e a Macedônia. Na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, havia os “anarquistas” (Laqueur, 2002, p. 11). Na Rússia, há ainda duas outras fases de manifestações terroristas fortes, no início do século XX, a última delas contra os líderes comunistas, após a revolução Bolchevique.

Assim, o terrorismo primeiramente nascido de uma associação com a ação do Estado contra seus cidadãos, passa a denominar a ação de grupos mais fracos, não-estatais, contra governos. O Narodnaya Volya – que pode ser traduzido do russo para algo como Vontade do Povo ou, em outra forma, Liberdade do Povo - era um pequeno grupo de constitucionalistas russos, que se formou para desafiar o Czarismo, em 1878 (Hoffman, 2006, p. 5). Segundo Laqueur, a campanha terrorista do Narodnaya Volya se distinguia de outros grupos anarquistas que usavam o terrorismo na época e que tinham as ações organizadas “por indivíduos isolados” (Laqueur, 2002, p. 38). O terrorismo russo era, ao mesmo tempo, um aspecto da formação de um partido socialista e um sintoma da crise geral na sociedade russa” (Laqueur, 2002, p. 38).

O contexto histórico que impulsiona o surgimento do terrorismo na Europa começa a ser moldado também pelos acontecimentos que se seguiram à Revolução Francesa. Hoffman destaca que “o advento do nacionalismo, suas

noções de estrutura de estado e cidadania baseada em uma identidade comum de povo” (Hoffman, 2006, p. 5), acompanharam e estimularam a criação de novos Estados-nação. Ao mesmo tempo, “as mudanças socio-econômicas provocadas pela Revolução Industrial estavam criando novas ideologias universalistas (como o comunismo/marxismo)” (Hoffman, 2006, p. 5). Neste contexto, surge o terrorismo voltado contra as estruturas de Estado.

O aparecimento de grupos terroristas, no fim do século XIX e início do século XX, ocorre em meio a mudanças no pensamento e na organização política da Europa iniciadas pela Revolução Francesa e impulsionadas pelos ideais do Iluminismo. Para Laqueur, vistas em perspectiva histórica, as várias manifestações de terrorismo, apesar de diferentes nos objetivos e no contexto político, “tinham uma origem comum: elas estavam ligadas ao surgimento da democracia e do nacionalismo” (Laqueur, 2002, p.11), quando “condições aceitas há séculos passaram a ser percebidas como intoleráveis” (Laqueur, 2002, p. 11).

Apesar dessa origem comum, o fenômeno terrorista revela sua complexidade já pelo fato de não ser possível estabelecer uma relação causal entre existência de determinadas reivindicações ou uma determinada ideologia e o aparecimento de terrorismo. O terrorismo foi adotado por grupos considerados de esquerda e por radicais de direita. Segundo Laqueur, o terrorismo “não é uma ideologia, mas uma estratégia insurrecional, que pode ser usada por pessoas de diferentes convicções políticas” (Laqueur, 2002, p. 4). Sendo assim, o estudo do terrorismo por uma perspectiva histórica mostra que o fenômeno já esteve associado a uma imensa gama de motivações e ideologias e, ao mesmo tempo, a grupos e indivíduos sem qualquer ideologia e, ainda, à ação individual e formas de organização mais ou menos estruturadas.

Em meio a essa diversidade, no entanto, algumas tendências e aspectos comuns podem ser identificados. Segundo Laqueur, antes da Primeira Guerra Mundial, o terrorismo moderno era entendido como um fenômeno preponderantemente de esquerda, mas, depois, surgem diversos grupos ligados a ideologias de extrema-direita e separatistas-nacionalistas (Laqueur, 2002, p. 17). Dois conceitos estão tradicionalmente vinculados às origens do terrorismo moderno: a “propaganda pelo ato” (Laqueur, 2002, p. 49) e a “Filosofia da Bomba” (Laqueur, 2002, p. 21).

De modo geral, a “Filosofia da Bomba” se refere à idéia de que o objetivo de retirar do poder um tirano justifica o uso de métodos violentos (Laqueur, 2002, p. 23). Para Laqueur, o conceito antigo de tiranicídio justificado – que Laqueur identifica como tendo origem no pensamento de Platão e Aristóteles – inspirou o pensamento terrorista do século XIX (Laqueur, 2002, p. 22). Laqueur identifica a origem da doutrina do terrorismo moderno nos escritos de Karl Heizen, um radical Alemão que defendia o assassinato político, em meados do século XVIII (Laqueur, 2002, p. 26).

Ainda de acordo com Laqueur, foi após a morte de Bakunin - precursor do movimento anarquista russo - que seus seguidores anarquistas se comprometeram com a “propaganda pelo ato” (Laqueur, 2002, p. 31). A expressão “propaganda pelo ato” foi cunhada pelo francês Paul Brousse, anos antes do surgimento do Narodnaya Volya na Rússia, para sintetizar a idéia de que a propaganda teórica tinha pouca eficácia e que os atos garantiam maior ressonância às idéias (Laqueur, 2002, p. 49). Dois anos depois, Kropotkin propôs a formulação clássica, definindo a ação anarquista como “incitação permanente por meio da palavra escrita e falada, da faca, do rifle, da dinamite” (Laqueur, 2002, p. 50).

No fim do século XIX e início do século XX, o terrorismo começa a ganhar algumas das características que vão se manter associadas ao fenômeno até hoje, relacionadas à ação de grupos organizados, embora em pequeno número de participantes e na clandestinidade, e ainda com atos sistematicamente planejados e motivados primordialmente por interesses políticos.

No fim do século XIX, o terrorismo irlandês também marcou o aparecimento de características do terrorismo que se mantêm até hoje. Segundo Hoffman, o terrorismo irlandês dessa época também vai ter grande impacto na evolução do terrorismo (Hoffman, 2006, p. 10). Diferente dos anarquistas do Narodnaya Volya, na Irlanda emana um tipo de violência política motivada por ideais separatistas e nacionalistas. O terrorismo na Irlanda acaba se diferenciando dos russos também pela maneira de operar suas ações. O terrorismo irlandês dessa fase tem ramificações nos Estados Unidos, onde se formou, em 1873, uma organização que se auto-intitulava *Clan na Gael* – grupo que depois de investir em propaganda e recolhimento de fundos, iniciou uma campanha terrorista na Grã-Bretanha, em 1881 (Hoffman, 2006, p. 9).

Hoffman observa que, com esse grupo, pela primeira vez se manifesta um modo de operar que vai se tornar um procedimento característico do terrorismo muito tempo depois, caracterizado pela existência de bases no exterior, pelo uso de bomba relógio, pela escolha dos sistemas de transporte como alvo preferencial e o caráter indiscriminado das ações (que denota maior descaso com a vida humana) (Hoffman, 2006, p. 10).

Até a Primeira Guerra Mundial, o terrorismo se manteve associado a esse padrão revolucionário e nacionalista. Depois da Primeira Guerra Mundial, Hoffman observa que o significado de terrorismo muda de novo, agora para se referir a “práticas de repressão em massa empregadas por estados totalitários e seus líderes ditatoriais, contra seus próprios cidadãos” (Hoffman, 2006, p. 14). Um uso que voltava a lembrar o sentido original do termo, quando cunhado durante a Revolução Francesa, em relação a ação de Estados. Logo em seguida, Hoffman marca uma outra mudança do significado, quando o termo terrorismo “ganhou novamente conotações revolucionárias que tem até hoje” (Hoffman, 2006, p. 16), usado primeiramente em referência “às revoltas violentas levadas a diante na época por grupos nacionalistas e anti-colonialistas que surgiram na Ásia, África e Oriente Médio” (Hoffman, 2006, p. 16), depois da Segunda Guerra Mundial.

Ao longo dessas décadas, as táticas usadas pelos que praticavam o terrorismo também variaram muito. Laqueur afirma que assim como a motivação, o modo de operação das ações terroristas também mudou muito (Laqueur, 2002, p. 29). O terror podia surgir junto a uma campanha política ou ação guerrilheira, ou também em estado puro, algumas vezes dirigido contra regimes autocráticos e, em muitas outras, a democracias (Laqueur, 2002, p. 29).

O poder de fogo dos armamentos usados pelo terror político também evoluiu muito na história. Para os primeiros terroristas do século XIX, a adaga e a pistola eram as armas tradicionais, e, depois, veio a era da dinamite, quando as bombas aumentaram o poder destrutivo do terrorismo (Laqueur, 2002, p. 92). O método de ação mais antigo utilizado por grupos terroristas ainda no século XIX era o assassinato de representantes do sistema político (Laqueur, 2002, p. 104). Somente nas décadas de 1960 e 1970, o terror indiscriminado – com a banalização dos assassinatos – se tornou comum (Laqueur, 2002, p. 105).

Logo depois da Segunda Guerra Mundial, o campo foi o grande palco das lutas políticas. A cidade era considerada alvo secundário da estratégia de grupos que usavam a violência contra governos (Laqueur, 2002, p. 19). Foi na década de 1960, que o terrorismo urbano passou a ser mais utilizado do que a guerrilha no campo, em parte inspirado pela derrota de guerrilheiros no interior de países da América Latina, mas também pelo surgimento ou reativação de grupos terroristas urbanos na América do Norte, Europa e Japão (Laqueur, 2002, p. 20).

As transformações da mídia também podem ser relacionadas ao estímulo do terrorismo em áreas urbanas, nas décadas de 1960 e 1970. A percepção de que a vida da cidade tinha maior repercussão na mídia contribuiu para a mudança do *locus* da luta política do campo – com a guerrilha rural das lutas de descolonização pós-Segunda Guerra - para as áreas urbanas (Laqueur, 2002).

Desde a origem, na idéia de “propaganda pelo ato”, o terrorismo tem uma relação intrínseca e complexa com os meios de comunicação. A própria idéia da propaganda pelo ato dos anarquistas se desdobrava em necessidade de visibilidade para as ações terroristas. Embora discutir o papel da mídia nas ações terroristas não seja o objetivo deste estudo, é relevante para a pesquisa que levamos adiante perceber que a mídia fez parte do fenômeno terrorista desde os primórdios, justamente por uma característica própria a esse tipo de violência: a intenção de atingir uma audiência maior do que o alvo das ações. Sendo assim, a passagem de uma mídia local, para os meios de comunicação de massa globalizados teve impacto direto nos métodos e estratégias do terrorismo, assim como no surgimento do que se entende por terrorismo internacional e, hoje, um “novo terrorismo” de dimensões globais.

2.2.

A internacionalização do terrorismo

A própria passagem do terrorismo percebido em contextos de lutas nacionais, étnico-separatistas, para um contexto internacional, representou uma mudança importante nos padrões do fenômeno terrorista, durante as décadas de 1960 em 1970. O interesse externo e o envolvimento de diferentes Estados passam a ter papel fundamental em muitas das ações terroristas das últimas décadas do século XX.

É a partir das décadas de 1970 e 1980 que diversos estudiosos do terrorismo traçam o histórico do terrorismo com caráter firmemente internacional⁴. Na formulação de Brian Jenkins, um tipo de terrorismo “onde os terroristas cruzam fronteiras para atacar, escolhem alvos por suas conexões com Estados onde são estrangeiros, atacam aeronaves em vôos internacionais ou desviam aviões para outros países” (Jenkins, 1978, p. 116).

Para Audrey Cronin, esse novo fenômeno aparece, em parte, como resultado dos avanços tecnológicos e, em parte, como reação a explosão da influência da mídia internacional (Cronin, 2002/3, p. 37). De fato, os avanços na tecnologia e na comunicação e suas implicações para as relações políticas e sociais estão diretamente ligados a transformações do terrorismo no fim do século XX.

No fim da década de 1960 e a durante a década de 1970, “o terrorismo continuava a ser visto como parte de um contexto revolucionário. No entanto, o uso foi expandido para incluir grupos nacionalistas e étnico-separatistas fora do contexto colonial ou neocolonial, assim como organizações radicais e inteiramente motivadas por ideologia” (Hoffman, 2006, p. 16). Segundo Hoffman, a simpatia de integrantes da comunidade internacional e de segmentos das próprias populações de Estados colonizados fez surgir uma linguagem mais positiva para descrever esses movimentos que usavam a violência política no que muitos governos – inclusive na esfera das Nações Unidas – consideravam “guerras de liberação” (Hoffman, 2006, p. 16). Foi também nessa época que a denominação favorável de “guerreiro de libertação”⁵ se popularizou, como resultado da legitimidade política que a comunidade internacional dava a lutas pela libertação nacional e pela autodeterminação de povos oprimidos (Hoffman, 2006, p. 16).

⁴ Cronin chama atenção para a idéia de “caráter firmemente internacional”, o que significa que o terrorismo já tinha, esporadicamente, manifestações de ordem internacional. Neste período, costuma-se considerar que esse padrão internacional se consolidou, por uma série de motivos, entre eles a evolução dos meios de comunicação, como veremos nas próximas páginas. (Cronin, 2002/03, p. 37).

Em torno da década de vinte do século XX, Laqueur identifica o início da influência de governos estrangeiros nas atividades terroristas em outros países. Os fascistas italianos, por exemplo, tiveram ligação direta em ações de terroristas croatas da Ustasha. Para ele, o que chamou de “terrorismo multinacional” só iria atingir seu auge na década de 70, com cooperação próxima entre pequenos grupos terroristas em diversos países, com os Líbios, Argelinos, Norte Coreanos e Cubanos. (Laqueur, 2002, p. 115).

⁵ No original, em inglês, “*freedom fighter*”.

Alguns atentados com características internacionais – praticados fora da área de reivindicação dos grupos ou vitimando indivíduos de nacionalidades diferentes e fora de seus países de origem – são considerados marcos de início do padrão de terrorismo internacional que se estabelece nos anos 70 e 80 do século XX. Para Hoffman, o primeiro atentado do terrorismo firmemente internacional foi o seqüestro do avião da companhia israelense El Al, em 1968, por terroristas palestinos (Hoffman, 2006, p. 63). O autor considera que a ação revelava uma mudança na natureza do terrorismo porque “pela primeira vez, terroristas começaram a viajar regularmente de um país a outro para atacar. Além disso, também começaram a escolher civis inocentes de outros países como alvos” (Hoffman, 2006, p. 64).

Outro fator associado à consolidação do terrorismo internacional é o aumento no número de casos de terrorismo internacional (Jenkins, 1978, p. 116), nas décadas de 70 e 80. Todos esses fatores levaram o terrorismo a ordem do dia da política internacional – especialmente no que diz respeito aos esforços na Assembléia Geral da ONU. Depois de outro atentado marcante em termos internacionais – o ataque aos atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique, em 1972 – a Assembléia Geral da ONU iniciou uma série de discussões sobre o terrorismo.

As discussões na ONU são influenciadas pelos caminhos das lutas políticas das décadas anteriores. Logo depois da Segunda Guerra, grupos nacionalistas em países da África, da Ásia e do Oriente Médio conquistaram sua independência empregando táticas terroristas contra poderes coloniais (Hoffman, 2006, p. 16). Nesse contexto, a causa de nações colonizadas contra seus opressores ganhou a simpatia da comunidade internacional, muitas vezes, em casos em que o terrorismo era utilizado para lutar por essas causas (Hoffman, 2006, p. 16).

Nas décadas de 60 e 70, as manifestações terroristas tinham como principais contextos a questão palestina no Oriente Médio, a ação de grupos guerrilheiros na América Latina, e, ainda, de movimentos nacionalistas na Europa Ocidental, Japão e Estados Unidos (Jenkins, 1978, p. 115). Muitas vezes, esses grupos tentavam conseguir alguma simpatia da comunidade internacional, por meio da associação com seus antecessores envolvidos nas lutas anti-coloniais (Hoffman, 2006, p. 17).

A discussão travada no âmbito da ONU sobre o terrorismo se confundiu, desde o início, com o debate sobre legitimidade do uso da força para fins políticos, que vamos explorar no próximo capítulo. A argumentação sobre a necessidade de permitir a livre ação de grupos motivados por causas legítimas foi defendida por representantes de países árabes e de terceiro mundo, durante os debates na Assembléia Geral da ONU, na década de 1970. Dois anos depois do atentado de Munique, em 1974, Yasser Arafat iria defender na ONU a distinção ente terroristas e revolucionários baseada na justiça da causa, afirmando “que a diferença entre o revolucionário e o terrorista está na existência de uma causa justa pela qual se lute” (Hoffman, 2006, p. 16).

Até a década de 1990, o terrorismo foi assunto tratado na ONU quase que exclusivamente pela Assembléia Geral, com o objetivo de abordá-lo como um “problema internacional de modo geral” (Boulden & Weiss, 2004, p. 10) e não em relação a grupos ou atentados específicos. Isso foi feito sem que se conseguisse estabelecer uma norma geral que definisse um conceito de terrorismo amplamente aceito.

Até os dias de hoje, não há consenso sobre uma definição de terrorismo. A ONU continua aprovando resoluções – como se deu com as duas aprovadas após 11 de setembro⁶ – sem partir de nenhuma definição do que é terrorismo, “se referindo apenas a terrorismo e atos terroristas com se fossem auto-explicativos” (Boulden & Weiss, 2004, p. 12). Mesmo antes de 11 de setembro, já era possível identificar uma postura mais claramente voltada para a eliminação do terrorismo internacional - sem referências a qualquer discussão sobre causas do terrorismo e à necessidade de prevenção (Mani, 2004, p. 231) - desde que o Conselho de Segurança passou a discutir o tema e aplicar sanções em casos específicos⁷.

⁶ Nos dias seguintes aos atentados de 11 de setembro, o Conselho de Segurança aprovou duas resoluções. De acordo com Boulden & Weiss, “a resolução 1368, aprovada no dia seguinte dos ataques em território americano, reconhecia o ‘direito inerente de auto-defesa, individual ou coletivo’ como uma resposta legítima” (Boulden & Weiss, 2004, p. 11.) . Já a resolução 1373 detalharam uma série de “ações significativas para os Estados membros, incluindo mudanças na legislação nacional” para o combate ao terrorismo. (Boulden & Weiss, 2004, p. 11.)

⁷ Segundo Boulden & Weiss, o Conselho de Segurança “começou a abordar a questão do terrorismo na década de 1990, em resposta a eventos específicos” (Boulden & Weiss, 2004, p. 11). Em particular, três casos que levaram a sanções conta a Líbia, o Sudão e o Afeganistão: o ataque aos aviões da Pan Am e da UTA, a tentativa de assassinato do presidente do Egito, Hosni Mubarak, e as explosões das embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia, nos anos 90. (Boulden & Weiss, 2004, p. 11).

Para além das discussões sobre terrorismo no âmbito da ONU, Hoffman também identifica outros importantes exemplos associados ao uso do termo terrorismo e ao seu carácter internacional. Na década de 80, o terrorismo começou a ser visto como um meio calculado de desestabilizar o Ocidente - parte de uma conspiração global, onde casos aparentemente isolados de terrorismo, perpetrados por diferentes grupos pelo globo, seriam elementos ligados de um mesmo complô, orquestrado pelo Kremlin e implementado pelos Estados clientes do Pacto de Varsóvia. Tudo com objetivo de destruir o Ocidente (Hoffman, 2006, p. 17).

Durante a Guerra Fria, foi muito popular, nos Estados Unidos, esse entendimento do terrorismo com características internacionais como parte de uma conspiração global articulada por Moscou para desestabilizar o inimigo americano e os países aliados do bloco capitalista. Quando essa tese cai em desuso, o terrorismo financiado por Estados capta as atenções do mundo com atentados propagados pela mídia, com objetivo de atrair as atenções da opinião pública mundial para causas regionais, especialmente, grupos ligados à causa palestina.

Essa mudança de foco no entendimento do terrorismo como uma prática internacional esteve ligada a uma série de ataques suicidas dirigidos a alvos americanos - diplomáticos e militares - no Oriente Médio. Essas ações estavam associadas a um tipo de terrorismo bem diferente dos movimentos nacionalistas e separatistas de décadas anteriores. Interesses geopolíticos de governos estrangeiros como a Líbia e a Síria, por exemplo, passaram a influenciar as ações de grupos terroristas, muitas vezes absolutamente submetidos aos interesses externos (Laqueur, 2002, p. 116).

Nesta época, a maior preocupação dos Estados Unidos em relação ao terror era com os chamados “*state sponsors*” ou “Estados financiadores”, os Estados considerados párias, contra os quais o governo americano impunha – e impõe até hoje, na maioria dos casos – restrições de todo tipo. A expressão “*state sponsor*” - que pode ser traduzida como Estado financiador do terrorismo - foi cunhada pela legislação americana, em 1979, quando se criou uma lei para exigir licença especial em caso de exportações para países que constassem de uma lista do Departamento de Estado Americano (Simon & Benjamin, 2000, p. 60). No ano 2000, faziam parte da lista oficial do governo americano de Estados envolvidos com o patrocínio do terrorismo o Irã, o Iraque, a Síria, o Sudão, a Líbia, a Coreia

do Norte e Cuba (Simon & Benjamin, 2000, p. 60). Em janeiro de 2007, apenas o Iraque e a Líbia não constavam mais da lista⁸.

2.3. O terrorismo contemporâneo

A manhã de terça-feira, 11 de setembro de 2001, fez o mundo inteiro se dar conta da dimensão real da ameaça representada por um tipo de terrorismo que apresentou suas primeiras amostras de violência na década de 1990. Esse tipo de terrorismo – exposto em escala catastrófica em setembro de 2001 - já dividia, há alguns anos, as atenções de governos e estudiosos com o terrorismo financiado por Estados. O terrorismo contemporâneo trouxe novos conceitos para o estudo do terrorismo - o que alguns autores chamam de “novo terrorismo” (Simon & Benjamin, 2000) ou de “terrorismo global” (Pillar, 2001a).

Uma das características mais frequentemente associadas ao terrorismo contemporâneo é um maior potencial de letalidade⁹. Um dos indicativos apontados dessa tendência nos textos acadêmicos sobre a letalidade do terrorismo é o aumento do número de mortos por atentado¹⁰. Mas são os dados qualitativos sobre a natureza do terrorismo contemporâneo que despertavam as mais terríveis expectativas em especialistas no tema, muito antes dos atentados de 11 de setembro.

Uma questão que aproximava o terror financiado pelos Estados, por exemplo, do terrorismo nacionalista das décadas de 1960 e 1970, era a percepção da necessidade de restringir a violência (Simon & Benjamin, 2000, p. 66). Nas palavras de Jenkins, esses terroristas de um paradigma anterior “queriam um monte de gente assistindo e não um monte de gente morta” (Jenkins, 2001, p. 8). As características do terrorismo contemporâneo levaram Jenkins a repensar a formulação da conhecida frase sobre a estratégia terrorista. O autor ainda acredita que essa idéia se aplique à “maioria dos grupos que apelaram para o terrorismo”

⁸Segundo o site do Departamento de Estado Americano, são considerados, hoje, países que dão suporte ao terrorismo internacional: Cuba, Irã, Coreia do Norte, Sudão e Síria. Disponível em: <http://www.state.gov/s/ct/c14151.htm>. Acesso em: 20 de janeiro de 2007.

⁹ Para uma aproximação geral da discussão sobre o aumento da letalidade do terrorismo ver: Hoffman, 2006. p. 267 et. seq..

¹⁰ Por exemplo, segundo Hoffman, “embora a Al Qaeda tenha executado apenas 0,1 por cento dos ataques terroristas entre 1998 e 2004, for responsável por quase 19 por cento do total de mortes em atentados no mesmo período”(Hoffman, 2006. p 88).

(Jenkins, 2001, p. 8), mas “a violência em larga escala e indiscriminada se tornou a realidade do terrorismo nos anos 90” (Jenkins, 2001, p.8).

Terroristas de outros paradigmas, muitas vezes, desconsideraram esse princípio da contenção da violência. No entanto, pode-se considerar que a maioria dos grupos que usavam o terrorismo por motivação total ou em parte relacionada a interesses nacionalistas e separatistas ou mesmo financiados internacionalmente por interesses de outros Estados calculava que a violência indiscriminada poderia ser negativa para seus objetivos (Simon & Benjamin, 2000, p. 66).

Outra característica desse novo terrorismo contemporâneo, cujo potencial destrutivo ficou evidente em setembro de 2001, é a mudança na forma da organização terrorista. O terrorismo de que se trata aqui não tem como referência principal as estruturas de Estado, não se organiza em torno dele, seja para financiamento, viabilidade ou para combatê-lo exclusivamente. A perda da referência estatal teve desdobramentos múltiplos para o estudo e a prática do terrorismo. O terrorismo internacional contemporâneo tende a se organizar em células espalhadas por diferentes países, muitas vezes sem contato direto umas com as outras. Outras vezes, indivíduos são treinados pela “matriz” para levarem o conhecimento da prática terrorista a outras regiões. O principal exemplo desse tipo de organização na atualidade é a rede terrorista Al Qaeda, com influência direta ou indireta em mais de 60 países (Phillips, 2006, p. 1).

A perda da referência do Estado na prática do terrorismo também pode ser percebida quando se discute as motivações do terrorismo contemporâneo. As ambições de grupos terroristas tornam-se também mais difíceis de captar por não se limitarem mais a causas localizadas e centradas no desafio a uma estrutura estatal identificável. O que o mundo viu surgir, nas últimas décadas, foi um terrorismo com ambições globais. Entre as ambições de Osama bin Laden – o idealizador da Al Qaeda – está a criação de um Estado muçulmano único, com a derrubada dos governos do mundo muçulmano e a unificação destes sob um único regime de acordo com sua interpretação radical do Islã (Phillips, 2006, p. 4).

Como se pode notar ao discutir os supostos objetivos da Al Qaeda, a caracterização das motivações do terrorismo contemporâneo envolve também um segundo aspecto central, que é a religião. A relação entre religião e terrorismo não é um fenômeno do século XXI. No entanto, a motivação religiosa tornou-se uma

das características definidoras do terrorismo que vem sendo apresentado como o de maior potencial destrutivo da história.

A relação entre religião e terrorismo pode ser traçada há mais de dois mil anos. Na base do que se conhece hoje como os primeiros atos terroristas praticados na história estava a motivação religiosa (Hoffman, 2006, p. 83), como vimos antes, como os *Sicarii* e os Assassinos. Já naquela época, junto à motivação religiosa estava presente um componente fundamental do terrorismo, que é sua intenção de atingir – e aterrorizar - uma audiência maior do que as vítimas diretas de seus atos.

Outro exemplo do terrorismo religioso do passado são os Thugs, grupo religioso que cultuava o deus Hindu do terror – Kali - e praticava a violência em rituais de sacrifício, na Índia do século VII até meados do século XIX. Nos doze séculos de atividade, “o grupo pode ter tirado a vida de mais de um milhão de pessoas, uma marca surpreendente até para comparação com grupos terroristas contemporâneos” (Hoffman, 2006, p. 83).

O exemplo dos Assassinos - o grupo formado por muçulmanos xiitas que atuou entre 1090 e 1272 D.C. - tem especial relevância para associações com o terrorismo contemporâneo. A relação entre a interpretação da religião islâmica adotada por este grupo e sua percepção da legitimidade do uso da violência guarda inúmeras semelhanças com o terrorismo religioso associado ao islamismo na atualidade. Para os antigos “guerreiros”, a violência e o martírio religioso eram deveres divinos, ordenados pelos textos sagrados e por clérigos, características que podem ser identificadas no terrorismo ligado ao extremismo islâmico contemporâneo (Hoffman, 2006, p. 84).

Essa ligação intrínseca entre terrorismo e religião foi ofuscada durante séculos pela maior incidência de grupos motivados por ideais nacionalistas e etno-separatistas entre os principais envolvidos com práticas terroristas (Hoffman, 2006, p. 84). No entanto, em 1994, “um terço das organizações terroristas identificáveis podiam ser classificadas como de caráter religioso ou motivadas por ideais religiosos” (Hoffman, 2006, p. 86).

Muito embora alguns dos grupos que usaram o terrorismo ao longo dos séculos XIX e XX tenham tido elementos de religiosidade misturados a suas ideologias e motivações – como o IRA e a OLP, por exemplo – é possível identificar diferenças entre os grupos em que a religião aparece como raiz central

da motivação terrorista e os que tem como motivação central outros ideais, como o nacionalismo ou a auto-determinação (Hoffman, 2006, p. 84). No caso da OLP, por exemplo, formada essencialmente por muçulmanos, ou do IRA, na Irlanda do Norte, predominantemente católico, apesar do componente religioso também estar presente, a motivação política, étnico- nacionalista, predomina, em relação ao componente religioso (Hoffman, 2006, p. 82).

Nos últimos anos do século XX, pode-se destacar alguns exemplos emblemáticos de ações terroristas praticadas predominantemente por motivação religiosa, como o assassinato do primeiro-ministro israelense Itzak Rabin, e os ataques contra alvos americanos no Oriente Médio praticados pela Al Qaeda¹¹.

Steven Simon e Daniel Benjamin estabelecem uma relação entre a maior letalidade do terrorismo contemporâneo e a motivação religiosa, considerando que os grupos motivados pela religião:

Colocam as questões e disputas políticas em um contexto sagrado, o que dá a elas um significado ontológico ainda mais carregado. Neste quadro, os guerreiros acreditam estar envolvidos numa luta ordenada por Deus, onde seus atos são purificados por serem simbólicos, ligados a um estágio cósmico. Por essas características, a intensidade da violência perpetrada por esses grupos não pode ser confinada a cálculos de prudência (Simon & Benjamin, 2000, p. 66).

A análise da relação entre a motivação religiosa do terrorismo e a maior letalidade dos atos terroristas nesse contexto envolve o lugar ocupado pela violência em interpretações extremistas de diversas religiões. A violência se torna um ato sacramental ou uma dívida divina por ser parte de alguma demanda inscrita nos ensinamentos da religião (Hoffman, 2006, p. 88). A religião, de algum modo, parece funcionar como mecanismo de legitimação para o uso da violência para esses grupos.

Além de oferecer legitimidade para a violência, a inspiração religiosa para o terrorismo costuma dirigir a violência a uma categoria mais ampla de inimigos – qualquer um que não integre a religião professada pelos terroristas (Hoffman, 2006, p. 89). Para Cronin, a religiosidade torna os novos terroristas especialmente perigosos, principalmente pelo desconhecimento da cultura religiosa em que estão inseridos por parte de quem está de fora da religião praticada pelos terroristas

¹¹ São exemplos o ataque às embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia, em 1998, atribuídos à Al Qaeda.

(Cronin, 2002/3, p. 41). Essa dificuldade de compreensão da motivação terrorista torna os atos de violência mais imprevisíveis (Cronin, 2002/3, p. 41).

Outra característica do terrorismo contemporâneo, relacionada ao maior potencial de letalidade e à religião, é a prática do martírio religioso em missões suicidas. Embora o martírio religioso praticado por terroristas não seja propriamente uma novidade, a formação da Al Qaeda renova a relevância dessa prática como uma estratégia potencialmente letal de emprego da violência. Desde os primeiros planos executados pela organização terrorista idealizada pelo saudita Osama Bin Laden, já se podia perceber um claro aumento de potencial destrutivo do terrorismo internacional.

Embora os ataques suicidas não sejam praticados apenas por inspiração de interpretações da fé islâmica, desde 11 de setembro de 2001, esses grupos foram responsáveis por 81 por cento dos ataques desse tipo (Hoffman, 2006, p. 131). O sucesso do Hezbollah em expulsar os soldados americanos do Líbano com ataques suicidas incentivou outros grupos a usarem o mesmo método (Hoffman, 2006, p. 132).

Não cabe aqui aprofundar a análise sobre a motivação e a prática do terrorismo suicida. Para efeito desse estudo é importante identificar que essa prática - vista como uma estratégia terrorista - é capaz de conferir maior letalidade ao terrorismo. O terrorismo suicida deve ser entendido como uma estratégia que ganhou espaço entre grupos terroristas motivados pela religião – em maior ou menor grau – pela eficiência que confere às operações (Hoffman, 2006, p. 132). Segundo Hoffman, “as táticas suicidas são devastadoramente efetivas, eficientes, têm grande probabilidade de sucesso e são relativamente baratas e fáceis de empreender, em relação a outros modos de ataque” (Hoffman, 2006, p. 132). Para Hoffman, “a decisão dos terroristas de empregar essa tática não é irracional nem desesperada, como se apresenta muitas vezes, mas uma escolha totalmente calculada e racional” (Hoffman, 2006, p. 132).

A condição de imprevisibilidade, a facilidade com que a ação pode atingir seu objetivo e, ao mesmo tempo, o medo que essa fórmula é capaz de espalhar por populações inteiras, é que torna o terrorismo suicida uma arma tão poderosa. A religião – ou uma determinada leitura da religião - aparece como motivação desses grupos e funciona como respaldo ético para esse tipo de prática. No caso do islã, o que muitos chamam de uma leitura extremista dos escritos do Corão.

Em uma entrevista ao ex-âncora da rede de televisão americana CNN Peter Arnett, Bin Laden declarou, em 1997, que “nós amamos esse tipo de morte pela causa de Alá tanto quanto vocês amam viver” (Apud Hoffman, 2006, p. 136). A Al Qaeda vem fazendo uso do terrorismo suicida desde as primeiras ações, na década de 1990. Atacou por terra, como nas explosões das embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia; por mar, no caso do ataque ao navio militar americano US Cole¹², e por ar, como o mundo viu em 11 de setembro de 2001. No entanto, a rede criada por Osama Bin Laden não foi a primeira a se apoiar no martírio religioso para ter sucesso operacional. A causa palestina e a guerrilha no Sri Lanka, por exemplo, aparecem como grupos com atuação desse tipo freqüente e numerosa, ao longo da história recente (Hoffman, 2006, p. 136). A análise da ação do grupo terrorista Tigres de Tamil, no Sri Lanka indica que seus principais líderes se inspiraram no Hezbollah para lançar sua própria campanha de terror suicida (Hoffman, 2006, p. 141).

A imprevisibilidade e o emprego irrestrito da violência identificados no terrorismo contemporâneo alimentam um dos principais temores de estudiosos do terrorismo: a busca por armas de destruição em massa por parte de terroristas. Embora existam dificuldades de acesso, manuseio e aplicabilidade envolvendo o cálculo de uso desse tipo de armamento não convencional, eventos nas últimas décadas indicam que grupos extremistas tentaram ter acesso a esse tipo de arma (Simon, 2003).

As ações terroristas de maior letalidade, no entanto, vem se manifestando com maior freqüência na transformação da infra-estrutura do mundo globalizado em potenciais armas letais. Embora a ameaça das bombas sujas não deva ser descartada, não se pode ignorar a capacidade desses grupos, por meio do terrorismo suicida, de transformarem outros tipos de tecnologias mais simples em armas capazes de provocar um grande número de mortes – como se viu com os aviões usados em 11 de setembro de 2001 (Hoffman, 2006, p. 40).

Os métodos usados pelos terroristas do 11 de setembro confirmam que as facilidades de transporte de pessoas e de informações também tornam o terrorismo contemporâneo especialmente perigoso. As novas tecnologias deram aos terroristas um acesso mais amplo a um maior número de alvos, em diferentes

¹² Em 2000, terroristas suicidas, a bordo de uma pequena embarcação, atingiram o navio US Cole,

territórios, além de facilitar o recrutamento à distância, seja pelo acesso a informação, pelo alcance global da mídia ou pela diversidade de redes de financiamento e troca de recursos (Cronin, 2002/3, p. 50).

Apenas para citar algumas dessas possibilidades em termos concretos, pode-se listar os diferentes usos da internet para acessar e dispersar informações, para planejar ataques e divulgar a ideologia terrorista; a facilidade de cruzar fronteiras como ocorre nos países da União Européia; a diversificação dos métodos para fluxo de investimentos e recursos de grupos terroristas, o que inclui desde métodos informais de troca usados em alguns países (sistemas Hawala e Hundi) até investimento no sistema financeiro tradicional de países distantes da base do grupo (Cronin, 2002/3, p. 50).

O forte componente religioso envolvido nas motivações do terrorismo e as inúmeras possibilidades abertas pelas novas tecnologias de informação e transportes inspiram uma maior imprevisibilidade nas ações terroristas e, ao mesmo tempo, o temor de maior potencial de letalidade. A Al Qaeda reúne a essas características outras especificidades que aumentam seu potencial destrutivo. Entre essas características próprias à rede terrorista, a principal parece ser capacidade de se organizar, cada vez mais, em uma rede de redes espalhadas por diversos países. Desde o ataque americano ao Afeganistão, a Al Qaeda conseguiu se reorganizar, sem necessidade de ocupação de grandes territórios fixos ou de usufruto de alguma estrutura de Estado.

A perda de uma “sede de operações”, levou o grupo a reinventar sua estrutura de forma ainda mais fluida e descentralizada. Pode-se dizer que a Al Qaeda se mantém operacionalmente viva em quatro formações mais identificáveis, uma constituída pelo núcleo central, do qual fazem parte Osama Bin Laden e seu braço direito Al Zawahiri; grupos filiados diretamente a esse núcleo central, embora com sua própria liderança, como no caso da Al Qaeda presente no Iraque; uma Al Qaeda local, formada por indivíduos que já tiveram laços ou ainda mantém alguma relação com a Al Qaeda central, mas que podem ter contatos esparsos ou inexistentes com seus mentores e implementam as operações do grupo por meio de recrutamento local e, ainda, a rede mais ampla da Al Qaeda formada por islâmicos de países do Sul ou do Sudeste da Ásia ou Norte

da marinha americana, atracado em um porto do Iêmem, matando dezessete pessoas.

da África ou mesmo do Oriente Médio que não têm ligação direta com a base, mas são inspirados por sua ideologia e método de operação (Hoffman, 2006, p. 285 et. seq.). Uma quinta manifestação da rede terrorista aparece mais recentemente em comunidades muçulmanas que vivem em diáspora em países europeus, muitas vezes por indivíduos nascidos e formados pela estrutura educacional desses países e supostamente integrados à sua cultura, o que os torna ainda mais difíceis de identificar (Hoffman, 2006, p. 285 et. seq.).

A capacidade de adaptação da Al Qaeda se mostrou eficiente não só na reorganização estrutural e operacional, mas na sobrevivência de seu apelo. Segundo Hoffman, a habilidade da Al Qaeda de continuar a sua cruzada contra os Estados Unidos e o ocidente, além de Israel, alguns governos árabes e todos os indivíduos considerados infiéis é diretamente proporcional a sua capacidade de continuar recrutando e recuperando recursos, o que torna “seu maior desafio conseguir perpetuar-se como ideologia e conceito” (Hoffman, 2006, p. 290.). O sucesso de novos ataques e a visibilidade do grupo – seja pela mídia global ou por métodos de disseminação de idéias mais localizadas, como o ensino religioso – constituem aspectos centrais para o futuro dessa organização terrorista (Hoffman, 2006, p. 290).

3 Os debates sobre o terrorismo

Na discussão proposta sobre a evolução histórica do terrorismo e suas principais características no contexto contemporâneo, evitamos propositalmente os debates sobre a definição de um conceito de terrorismo e as conseqüências do fato de não existir um conceito unânime para qualquer tentativa de compreensão do terrorismo. Assim, tornou-se possível destacar algumas das principais tendências associadas ao fenômeno, ao longo dos séculos, e os principais aspectos considerados distintivos do terrorismo contemporâneo - com ênfase nos elementos relacionados a um padrão de terrorismo com maior potencial de letalidade.

Embora haja relativa concordância sobre o aumento da letalidade do terrorismo no mundo contemporâneo, a caracterização e o contexto que acompanham a análise dessa questão não encontram consenso na literatura sobre o tema. Neste capítulo, vamos explorar os debates sobre o terrorismo, com foco nas discussões acadêmicas. Ao buscar os pontos de discordância que permeiam alguns dos principais debates sobre o tema, pretendemos encontrar perguntas relevantes a essas discussões acadêmicas a serem usadas na análise de textos jornalísticos proposta no próximo capítulo.

Ao considerar os diversos debates sobre o terrorismo na literatura acadêmica, o primeiro a ser destacado é o que acompanha décadas de tentativas de formular um conceito de terrorismo aceito amplamente, tanto entre estudiosos como no âmbito da política internacional. Esse debate sobre o conceito de terrorismo ganhou corpo ao longo das últimas décadas do século XX, quando o terrorismo internacional passou a ocupar um lugar de destaque na agenda de governos e organizações internacionais. Na esfera da ONU, a intenção de estabelecer uma norma internacional abrangente sobre o que é o terrorismo foi bloqueada principalmente pela discordância em torno de uma definição do conceito.

Desde a década de 70, o principal ponto de atrito da discussão sobre o conceito de terrorismo na ONU é a defesa, por parte de alguns governos, da

legitimidade do uso da força por parcelas de populações que lutam contra governos sem legitimidade – o direito de autodeterminação dos povos (Boulden & Weiss, 2004, p. 5). Foi amplamente divulgada na época a idéia de que era impossível estabelecer um conceito de terrorismo consensual porque o que uns chamam terrorista, outros consideram um libertário.

O debate sobre legitimidade teve impacto na mídia e nos meios acadêmicos. O mesmo debate envolvendo a idéia de legitimidade do uso da força por grupos não estatais aparece em trabalhos acadêmicos sobre o terrorismo¹ e é um dos debates que vamos explorar nesse capítulo. Vamos procurar lançar luz sobre alguns aspectos relacionados ao debate sobre legitimidade e à forma como se relaciona a elementos importantes do fenômeno terrorista – as causas do terrorismo, a natureza do agente do terrorismo e a definição do modo como operam os terroristas.

Ao considerar os atentados de 11 de setembro e o debate sobre a definição de um conceito de terrorismo, existe outro ponto de discordância entre estudiosos do tema que se torna especialmente relevante. Mesmo antes dos atentados da Al Qaeda a Nova York e Washington, pode-se encontrar, nos textos acadêmicos, novos conceitos como “novo terrorismo” (Simon & Benjamin, 2000), “terrorismo globalizado” (Cronin, 2002/3) ou “megaterrorismo” (Falk, 2003a). Todos esses conceitos relacionados ao terrorismo contemporâneo se justificam pela idéia de que algo de novo pode ser identificado no terrorismo. No entanto, o marco temporal dessa mudança e quais os aspectos distintivos desse novo terrorismo variaram de acordo com posicionamentos de diversos estudiosos do tema. Este é o segundo debate que vamos explorar nesse capítulo.

3.1.

O debate sobre legitimidade do uso da força para fins políticos

Os atentados de 11 de setembro e a posterior guerra contra o terrorismo lançada pelos Estados Unidos renovaram a relevância de uma discussão antiga sobre o conceito de terrorismo. Nos debates acadêmicos, a controvérsia sobre a definição de um conceito de terrorismo opõe estudiosos como Laqueur (1996,

2002), que consideram inútil o esforço de definição de um conceito e especialistas que apresentam propostas de definição como Hoffman².

A existência de diversos “tipos” de terrorismo é apenas um dos fatores que dificultam o consenso sobre a definição do conceito de terrorismo. Pode-se dizer que o terrorismo é difícil de definir, em primeiro lugar, porque é um termo de significado amplamente contestado e porque já foi usado das mais diferentes formas (Schmid, 2004, p. 395). É ainda mais difícil encontrar consenso em torno de um significado por se tratar de um rótulo político. Sendo assim, o ato de estabelecer limites para o que pode ser nomeado terrorismo, quando e por que, deve ser entendido como, em si, um ato político.

Por estar de tal forma inserido no processo político, o ato de definir o conceito de terrorismo também envolve o questionamento sobre quem define e porque define de tal modo (Schmid, 2004, p. 402). Hoffman (2006) exemplifica a questão relacionando diferentes definições de terrorismo usadas por algumas das principais agências da área de segurança dos Estados Unidos³. Mesmo dentro de um governo, não há uma única definição de consenso. Isso porque cada uma das agências tem necessidade de incluir ou excluir elementos relacionados a determinados aspectos de sua área de atuação.

Para o FBI⁴ por exemplo, o terrorismo é o “uso ilegal da violência contra pessoas ou propriedades para intimidar ou coagir o governo, a população civil, ou qualquer outro segmento, em busca de objetivos políticos ou sociais”⁵. Já o Departamento de Estado americano⁶ define terrorismo como “violência motivada politicamente e premeditada, dirigida contra alvos não combatentes, por grupos

¹ Segundo Boulden & Weiss, a maior parte da literatura sobre o terrorismo aborda exemplos históricos e foca a discussão sobre quais grupos devem ser considerados libertários e como o terrorismo se relaciona com o direito de auto-determinação (Boulden & Weiss, 2004 p. 5).

² Bruce Hoffman (2006) procura chegar a uma definição de terrorismo por meio de generalizações.

³ Para comparar as definições de terrorismo do Departamento de Estado Americano, do Departamento de Defesa Americano, da Polícia Federal Americana (FBI) e do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos (DHS) ver: Hoffman, 2006, p. 30 et. seq..

⁴ Refere-se à definição de 2002 (Apud Hoffman, 2006. p. 31).

⁵ No original: “the unlawful use of force or violence against persons or property to intimidate or coerce a Government, the civilian population, or any segment thereof, in furtherance of political or social objectives” (Apud Hoffman, 2006, p. 31).

⁶ refere-se à definição de 2003 (Apud Hoffman, 2006. p. 31).

sub-nacionais ou agentes clandestinos, com a intenção de influenciar uma audiência”⁷.

Como Hoffman (2006, p. 32) observa, a definição do Departamento de Estado, inclui entre os alvos do terrorismo não apenas civis, mas soldados fora de combate – ao usar o termo “não combatente”. O departamento de Estado também deixa de abordar a dimensão psicológica do terrorismo. Para Hoffman, “o terrorismo é muito mais relacionado à ameaça de violência do que à violência em si” (Hoffman, 2006, p. 32). Já a definição do FBI, com seu foco na investigação criminal, envolve essa intenção de provocar efeito psicológico do terrorismo, mas, por outro lado, amplia os alvos do terrorismo não só a pessoas, mas a propriedades públicas e privadas (Hoffman, 2006, p. 32).

A pergunta sobre quem define o que é terrorismo e por que está relacionada, então, ao lugar que o ato de formular um conceito de terrorismo ocupa nas dinâmicas da política. Nesse item do capítulo, vamos explorar um dos aspectos dessa questão que é a relação entre o conceito de terrorismo e a idéia de legitimidade do uso da força.

Esse debate ficou conhecido pela idéia de que o que para alguns parece um terrorista, para outros pode ser um libertário. A discussão foi moldada pela relativa legitimidade que lutas de populações colonizadas contra o domínio das metrópoles adquiriram aos olhos de boa parte da comunidade internacional, depois da Segunda Guerra Mundial. Por esse ponto de vista, num contexto em que se lute por causas nobres, moralmente louváveis, a violência seria, aos olhos de alguns, justificável, mesmo que empregada de forma a se enquadrar no que seria uma definição de terrorismo. Por outro lado, se chamaria de terroristas aqueles grupos que não têm uma causa justa pela qual lutar e sua prática de uso da força se enquadra nas mesmas características definidoras.

Ao enumerar as dificuldades de definição de um conceito de terrorismo, Schmid coloca em segundo lugar - depois da idéia do terrorismo como um conceito contestado - a relação do conceito com ilegitimidade no campo da ação política e criminalização, no campo da lei (Schmid, 2004, p. 395). A associação entre terrorismo e ilegitimidade é o motor dos debates que envolvem a idéia de

⁷ No original: “premeditated, politically motivated violence against non-combatant targets by subnational groups or clandestine agents, usually intended to influence an audience” (Apud Hoffman, 2006 p. 31).

legitimidade do uso da força para fins políticos e a definição de um conceito de terrorismo.

Nas próximas páginas, vamos procurar apresentar o terrorismo como fortemente associado à ilegitimidade nos usos correntes do termo. Sendo o terrorismo um rótulo político fortemente marcado por uma conotação de condenação moral, vamos procurar mostrar alguns desdobramentos do debate sobre legitimidade para o modo como o terrorismo é representado na argumentação de diferentes estudiosos do tema e as conseqüências do debate sobre legitimidade para o estudo do terrorismo e para a forma como ele é definido.

A discussão sobre a legitimidade do uso da força com fins políticos sempre esteve no centro dos debates sobre o conceito de terrorismo. De acordo com a definição do Dicionário de Política de Norberto Bobbio et. al. (1984???, p. 892 et. seq.), pode-se considerar que a legitimidade, em um significado do termo na linguagem corrente, está ligada à idéia de justiça – seja de uma atitude ou de uma causa. Pela mesma definição – elaborado com referência ao Estado - o conceito de legitimidade se refere a um atributo do Estado definido, em primeiro lugar, pela existência de consenso entre parte relevante da população suficiente para garantir a obediência sem necessidade de uso da força (Bobbio et. al., 1984???, p. 892 et. seq.). O processo de legitimação de um Estado se dá em relação aos diferentes aspectos que o compõem, incluindo sua comunidade política, o regime e o governo (Bobbio et. al., 1984???, p. 892 et. seq.). Em relação a esses aspectos, indivíduos e grupos que compõem a população estabelecem relações de legitimação ou de impugnação da legitimidade, de acordo com a identificação ou não entre seu sistema de crenças e os valores representados pelas relações de poder no âmbito do Estado (Bobbio et. al., 1984???, p. 892 et. seq.).

Quando se pensa em legitimidade do uso da força para fins políticos por parte de indivíduos ou grupos pode-se fazer referência tanto ao sentido genérico - associado à justiça de uma causa - quanto ao sentido específico na linguagem política, considerando que o monopólio do uso da força pelo Estado pode ser questionado junto aos processos de impugnação da legitimidade por grupos que clamam representar uma luta legítima pelo poder (Bobbio et. al., 1984, p. 892 et. seq.).

Por essa definição, pode-se pensar em relações entre o terrorismo e as possíveis manifestações do que se pode classificar como processos de impugnação

de legitimidade. Os processos de legitimação e impugnação de legitimidade do Estado envolvem complexas relações entre ideologia e poder, que condicionam maior ou menor legitimidade (Bobbio et. al., 1984, p. 892 et. seq.). De modo extremamente simplificado, pode-se dizer que a maior ou menor legitimidade de um Estado se refere ao menor ou maior grau de manipulação ideológica ou de poder para forjar um consenso que legitime um Estado - entendida a legitimidade como designando ao mesmo tempo uma situação (aceitação do Estado por parcela relevante da população) e um valor da convivência social (o consenso livremente manifestado por uma comunidade de indivíduos conscientes e autônomos) (Bobbio et. al., 1984, p. 892 et. seq.). Quanto mais livremente se manifeste esse aspecto de valor – com menor influência de manipulação - mais legítimo pode ser considerado um Estado (Bobbio et. al., 1984, p. 892 et. seq.).

Não cabe aqui aprofundar a investigação sobre esses processos de legitimação do Estado. Importante é ressaltar que a crença na legitimidade do Estado está submetida a influências de poder e de ideologias na percepção que os indivíduos têm da adequação entre os valores representados pelo Estado e seu próprio sistema de valores. A legitimidade é, portanto, um aspecto da vida política profundamente ligado à percepção da sociedade sobre as instituições, seus governantes e os valores por eles representados.

A partir dessa breve elaboração sobre o conceito de legitimidade, pode-se pensar nas formas em que o uso da força contra o Estado constituído pode ser percebido como legítimo ou como se pode reivindicar esse status diante da comunidade internacional ou de uma audiência politicamente relevante.

A perda de legitimidade por parte de um Estado ou de um governo pode abrir espaço para que grupos não estatais desafiem o monopólio estatal do uso da força e reivindiquem o reconhecimento do emprego da violência contra esse Estado como legítimo. A idéia de legitimidade do Estado, assim definida, está profundamente associada ao modelo de sistema de Estados e ao conceito de soberania estatal, tal como forjado na modernidade, com base em princípios de territorialidade e autonomia, sendo a autonomia de uma autoridade central sobre um território delimitado, dentro do qual o poder político é exercido (Krasner, 1995).

O conceito de soberania estatal é outro conceito contestado dentro da Disciplina de Relações Internacionais. Não cabe explorar o debate sobre soberania

nesta pesquisa, mas é pertinente registrar que o conceito de soberania vestifaliano e, junto a ele, o monopólio estatal do uso da força, estão relacionados a um contexto histórico de formação do sistema de Estados tal como o conhecemos hoje⁸. A definição de legitimidade - tendo como referência o Estado - está diretamente relacionada a esse modelo.

Vamos explorar, então, alguns dos pontos de encontro entre as questões sobre legitimidade do uso da força na política e sobre a definição de um conceito de terrorismo. O terrorismo, por exemplo, pode ter como efeito o desafio à legitimidade de um ou mais governos ou mesmo ter esse efeito como um de seus objetivos. Como o terrorismo sempre visa ao aumento de poder de indivíduos que de outra forma não poderiam desafiar estruturas de Estado, a estratégia do terrorismo pode envolver a busca desse poder por meio de um processo que pretende, ao mesmo tempo, minar a legitimidade de um poder constituído⁹ e conferir legitimidade à ação terrorista, por meio da tentativa de ganhar a aceitação de uma parcela relevante de uma população (Crenshaw, 1983, p. 25). Segundo Crenshaw, apenas quando o terrorismo encontra condições propícias para uma reação de simpatia aos seus atos por uma parcela da população com influência política se torna possível esse tipo de violência política ganhar legitimidade (Crenshaw, 1983, p. 25).

Um primeiro ponto então relacionado à possibilidade da ação de grupos terroristas conquistarem legitimidade está ligado à percepção de uma audiência que possa ser considerada influente no processo político (Crenshaw, 1983). A legitimidade, para Crenshaw, requer que esta audiência politicamente influente reconheça como relevantes e justas as causas defendidas pelos terroristas (Crenshaw, 1983, p. 27). Esse processo vai depender de uma série de aspectos,

⁸ Uma das correntes críticas à centralidade do conceito de soberania para a teoria central da disciplina de Relações Internacionais defende que o modelo de soberania vestifaliano nunca existiu para além de uma referência, um tipo ideal, que vem sendo violado ao longo da história, inclusive, no momento de sua suposta criação associada ao Tratado de Vestfália. Um dos autores que trabalham com a historicidade do conceito de soberania, Andreas Osiander (2001) procura mostrar as questões ideológicas, ligadas ao contexto da Revolução Industrial, que alçaram a idéia de soberania vestifaliana para o centro das teorias de Relações Internacionais.

⁹O que se enquadra no comportamento de impugnação da legitimidade, como classificado por Bobbio et. al. (1984, p. 894).

incluindo o contexto político e características do grupo terrorista em questão, como “o tamanho, organização, intensidade de comprometimento, técnicas de violência e objetivos” (Crenshaw, 1983, p. 26).

Como o terrorismo envolve complexas relações entre objetivos, táticas e efeitos, muitas vezes, a intenção de legitimar suas ações aos olhos de uma determinada audiência pode não ser compatível com as táticas ou causas defendidas por um grupo, ou mesmo com audiências disponíveis para a recepção da mensagem que os terroristas pretendem propagar por meio da violência política. Ao escolher táticas de violência indiscriminada contra alvos civis, por exemplo, grupos terroristas podem sacrificar a possibilidade de que uma determinada audiência perceba seus atos como legítimos, uma vez que os meios sejam moralmente reprovados e percebidos como ilegítimos mesmo sendo a causa considerada justa.

Como vimos até aqui, a discussão sobre legitimidade do uso da força está, portanto, fortemente associada à percepção de uma audiência politicamente relevante sobre determinada manifestação de violência política. Por outro lado, a definição do conceito de terrorismo também envolve a intenção de alterar a *percepção* do público, em muitas formulações propostas em textos acadêmicos¹⁰. É possível distinguir duas formas diferentes de definir o modo de operação do terrorismo, com maior ou menor ênfase nessa intenção de alterar a percepção de uma audiência como uma característica distintiva do terrorismo. Classificamos aqui como modo de operação do terrorismo os aspectos ligados à forma característica de agir do terrorismo, por meio de determinada estratégia usada para atingir um objetivo.

Com base na análise de Alex Schmid (2004), identificamos que as definições de terrorismo se diferenciam, em termos de definição do modo de operação, por conferir maior ou menor ênfase ao que vamos chamar de intenção

¹⁰Um exemplo é a proposta de definição acadêmica ampla de Alex Schmid (2004, p. 382), no original, em inglês: “Terrorism is an anxiety-inspiring method of repeated violent action, employed by (semi-) clandestine individual, group or state actors, for idiosyncratic, criminal or political reasons, whereby – in contrast to assassination – the direct targets of violence are not the main targets. The immediate human victims of violence are generally chosen randomly (targets of opportunity) or selectively (representative or symbolic targets) from a target population, and serve as message generators. Threat- and violence-based communication processes between terrorist (organization) and (imperiled) victims, and main targets are used to manipulate the main target (audience(s)), turning into a target of terror, a target of demands, or a target of attention, depending on whether intimidation, coercion, or propaganda is the primarily sought”.

de alterar a percepção de uma audiência. Algumas definições, como a própria definição ampla proposta por Schmid¹¹, associam o terrorismo à intenção de fazer propaganda ou veicular uma mensagem como características mais importantes do modo de operar dos terroristas. Os atos de violência direta para essas definições são apenas uma etapa da estratégia maior de provocar algum efeito na percepção que uma audiência tem sobre um fato, um grupo de indivíduos, uma causa ou um governo, por exemplo. Por outro lado, existem definições de terrorismo em que aspectos ligados à prática de violência direta – as táticas, alvos e armas¹² relacionadas ao emprego de violência direta do terrorismo – são enfatizados como principais características distintivas do modo de operar do terrorismo¹³.

A intenção de alterar a percepção de uma determinada audiência é enfatizada, por exemplo, quando o terrorismo é definido pela intenção de aterrorizar uma audiência maior do que a das vítimas diretas ou, como na definição ampla de consenso acadêmico proposta por Schmid¹⁴, como violência entendida como comunicação para atingir alvos de demandas ou alvos de terror. Por essa forma de definir o modo de operar do terrorismo, os alvos diretos da violência, a tática e as armas usadas para atingi-los, são secundários para a definição do que se considera um ato terrorista. A intenção de provocar algum efeito na percepção de uma audiência sobre algo é que distingue o terrorismo de outros tipos de violência política.

Quando o modo de operação do terrorismo é definido com foco na violência direta, os elementos distintivos do terrorismo podem ser as armas (risco de uso de armas de destruição em massa, explosivos, etc.), as táticas (explosão de bombas, seqüestro de aviões, assassinato de diplomatas e políticos), e, principalmente, os alvos (exclusivamente civis; civis e militares fora de combate; entre outros). Por esse entendimento do terrorismo, o que o distingue de outros tipos de violência política não é a intenção de provocar alguma transformação na percepção de uma audiência, mas a forma como a violência é empregada.

¹¹ Cf. nota 11 deste capítulo.

¹² Hoffman (2006, p. 26) usa essas três categorias para exemplificar as diferenças entre as práticas reguladas pelas normas internacionais sobre a guerra e as práticas de violência direta do terrorismo. Vamos trabalhar com as mesmas categorias – armas, alvos e táticas – para discutir o modo de operação do terrorismo.

¹³ Hoffman (2006, p. 27) apresenta uma relação de táticas, alvos e armas associados ao terrorismo

¹⁴ Cf. nota 11 deste capítulo.

Feita essa distinção sobre as possibilidades de definição do modo de operar do terrorismo, é preciso ressaltar que muitas definições vão envolver elementos dos dois grupos classificados aqui. Importante aqui é relacionar essa distinção com o debate sobre legitimidade do uso da força. Pode-se identificar aqui um ponto de encontro entre um aspecto relevante do debate sobre legitimidade e a definição do modo de operação do terrorismo.

Quando o modo de operação do terrorismo é definido com foco na intenção de alterar a percepção de uma audiência sobre uma determinada causa ou sobre seus objetivos, aparece com maior nitidez a proximidade entre esse aspecto do terrorismo e os processos referentes à percepção de legitimidade de uma causa por parte de uma audiência politicamente influente.

De forma simplificada, pode-se dizer que entre os possíveis efeitos – e, em muitos casos, intencionalmente objetivados – deste modo de operação está a possibilidade de provocar uma percepção do terrorismo como prática legítima. Anthony Quaiton (1983) enfatiza, por exemplo, que a manutenção da legitimidade do Estado e a percepção de ilegitimidade do terrorismo são aspectos centrais das políticas de combate ao terrorismo¹⁵.

Para além desse ponto, o debate sobre legitimidade do uso da força, quando relacionado à definição de terrorismo, envolve um outro aspecto controverso. Ao mesmo tempo em que o terrorismo desperta inevitavelmente o exercício de reflexão moral sobre os contextos em que a violência aflora – para o qual a idéia de legitimidade é central – o debate em torno da definição de um conceito exige posicionamento sobre se tais reflexões devem ou não determinar quando o conceito pode ser usado para rotular uma manifestação de violência política.

Para compreender a controvérsia que permeia esse aspecto do debate, é preciso lembrar que, ao longo das últimas décadas, o termo terrorismo esteve associado à ilegitimidade, cada vez mais, em seus usos correntes. A classificação de grupos ou ações como terroristas tem o efeito de conferir autoridade moral a quem em emprega o termo, e, ao mesmo tempo, condenação moral ao grupo ou ação classificado. O terrorismo tornou-se um poderoso rótulo político justamente

¹⁵ O autor defende cinco dimensões principais para o combate ao terrorismo, entre elas as dimensões legal e moral, reformas sociais e políticas, restrições da mídia e política de contenção (Quainton, 1983, p 56).

por esse sentido de condenação moral inerente os usos correntes do termo. Embora haja muita discordância sobre o que é o terrorismo, poucos divergem, na atualidade, de uma característica central: o terrorismo é mau, errado, imoral (Lutz & Lutz, 2005, p. 8).

Nem sempre foi assim, lembra Crenshaw (1995, p. 8). Os revolucionários russos e os anarquistas do fim do século XIX recebiam a denominação de terroristas como uma “honra” (Crenshaw, 1995, p. 8). Nas décadas seguintes, o significado do termo terrorismo mudou e ganhou a conotação pejorativa que tem hoje (Crenshaw, 1995, p. 8). Segundo Crenshaw, as razões para essa mudança de significado envolvem “transformações do próprio fenômeno terrorista e dos contextos históricos” (Crenshaw, 1995, p. 8). Hoje, os grupos que usam a violência para algum fim político deixaram de se auto-intitular terroristas, preferindo outros termos menos associados à ilegitimidade, como guerrilheiros, insurgentes ou até associações ao espectro da guerra, como soldados e exércitos.

Essa carga normativa inerente ao uso do termo terrorismo tem reflexos múltiplos para os debates sobre a definição de um conceito de terrorismo. Uma vez que o terrorismo está associado à ilegitimidade no uso da violência política, definir o que é o terrorismo trata-se de decidir o que pode e quando pode ser tachado com esse rótulo normativo.

Laqueur, certa vez, propôs a definição de terrorismo como “uso ilegítimo da força para atingir objetivos políticos”¹⁶. Aqui, a questão da legitimidade é transferida para o julgamento sobre quando o uso da força é ou não legítimo. Martha Crenshaw, uma defensora do esforço de definição conceitual de terrorismo, discorda de Laqueur também nesse ponto. A autora defende a possibilidade de transformar o terrorismo em uma ferramenta teórica útil, por meio de uma definição neutra (Crenshaw, 1983, p. 2). Para Crenshaw, embora o fenômeno do terrorismo suscite necessariamente julgamentos morais, isso não deve ser feito no processo de elaboração conceitual e sim em relação ao contexto (Crenshaw, 1983, p. 2).

Nas próximas páginas, vamos explorar como diferentes posicionamentos sobre a definição de um conceito de terrorismo interagem com argumentos sobre a ideia de legitimidade do uso da força para fins políticos. Para tanto, vamos

destacar como a interseção entre argumentos sobre legitimidade do uso da força e sobre o conceito de terrorismo permeia a análise de causas, natureza dos agentes e modos de operação do terrorismo.

3.1.1.

O debate sobre legitimidade e a relação com as causas, agentes e modos de operação do terrorismo

O primeiro e principal aspecto em que o confronto entre as idéias de ilegitimidade e legitimidade dos usos da força para fins políticos afeta o entendimento do terrorismo é na análise de causas ou motivações do terrorismo. Como vimos antes, a possibilidade de legitimação da violência política reside fortemente na percepção por parte de uma audiência politicamente relevante da justiça e da relevância de sua motivação ou causa.

Para entender o impacto desse debate sobre legitimidade no entendimento e no estudo do terrorismo é preciso reforçar a distinção entre os dois níveis em que se costuma pensar em causas do terrorismo. Em primeiro lugar, existem as motivações que são declaradas diretamente por indivíduos ou grupos que optam pelo terrorismo. São as ideologias, crenças e objetivos relacionados pelos próprios terroristas como motivações da ação terrorista – que vamos chamar de “motivações diretas” do terrorismo.

Em outro nível, estudiosos do terrorismo também falam sobre causas mais profundas associadas ao terrorismo. Trata-se de questões políticas, sociais, ideológicas e econômicas mais amplas, que vão além da ‘plataforma’ anunciada pelos terroristas, muitas vezes permeada de fanatismo e reivindicações impossíveis de serem negociadas (Von Hippel, 2004, p. 25) - que vamos chamar de “causas profundas” do terrorismo.

As relações entre contextos mais amplos e o surgimento do terrorismo naturalmente não são fáceis de serem estabelecidas. Análise ampla das manifestações terroristas associadas a seu contexto precisa ser elaborada com o objetivo de traçar associações. Mais a frente nesse capítulo vamos procurar relacionar o debate sobre legitimidade e a análise tanto de causas mais profundas quanto de motivações diretas do terrorismo.

¹⁶ Em inglês: “illegitimate use of force to achieve political objectives” (Apud Lutz & Lutz, 2005,

Essa classificação permite lançar luz sobre alguns dos reflexos da argumentação que integra o debate aqui analisado para a investigação de causas mais profundas do terrorismo. Importantes vozes do estudo do terrorismo defendem a necessidade de investir no maior entendimento da relação entre o terrorismo e causas mais profundas, sejam políticas, econômicas, sociais e culturais¹⁷.

Para escapar das contradições do debate sobre legitimidade relacionadas a causas do terrorismo, alguns estudiosos responsáveis por um relatório da RAND Corporation, da década de 1980, propuseram a definição de um conceito de terrorismo como um método de ação, definido pela natureza do ato e não pela identidade dos terroristas ou da natureza de sua causa (Cordes et. al., 1984). O texto diz que o terrorismo deve ser entendido “como violência ou ameaça de violência calculada para criar uma atmosfera de medo e alarme” (Cordes et. al., 1984, p. 1).

Esse tipo de definição apresenta novas possibilidades de questionamentos e discordâncias porque deixa em aberto outro aspecto controverso: a definição da natureza do agente do terrorismo. Quando o terrorismo é entendido como um método de ação, o rótulo pode ser empregado tanto a indivíduos e grupos sub-estatais, quanto à ação de Estados. A existência ou não de terrorismo de Estado é um dos principais entraves a definição de um conceito amplamente aceito pela comunidade internacional e, da mesma forma, um dos principais pontos de divergência entre argumentos acadêmicos sobre o terrorismo.

Segundo Hoffman – curiosamente um dos autores do relatório da RAND - esse tipo de argumentação não é satisfatória porque, apesar de encontrar um caminho para fugir de considerações morais sobre as motivações do terrorismo, abre espaço para a aceitação do uso do termo em relação a práticas dos Estados (Hoffman, 2006, p. 26). Para o autor, Estados não fazem terrorismo porque estão submetidos a um arcabouço normativo e, ao menos, teoricamente, têm o uso da força militar regulado por ele (Hoffman, 2006, p. 26). O terrorismo, nesse caso, aparece justamente como uma “recusa a ser limitado por essas regras de guerra ou códigos de conduta” (Hoffman, 2006, p. 28).

p. 9).

¹⁷ Para argumentação sobre o tema ver Cronin, 2002/03.

O terrorismo representa exatamente um desafio ao direito e a capacidade de regimes exercerem o monopólio do uso da força na sociedade (Crenshaw, 1983, p. 25). Quando se discute se Estados podem ser chamados de terroristas, está em jogo a idéia de que determinadas práticas quando empregadas tornam ilegítimo o uso da força, seja por parte de Estados ou de agentes não-estatais. A relação entre o debate sobre legitimidade e a definição da natureza do agente do terrorismo é outro ponto a ser explorado neste capítulo.

A relação entre o debate sobre legitimidade e a definição do conceito de terrorismo também pode ser recortada com foco em um terceiro aspecto importante. Vimos antes como a idéia de legitimidade do uso da força está relacionada à percepção de uma audiência politicamente relevante. Também destacamos como central para algumas definições do modo de operar do terrorismo a intenção de alterar a *percepção* do público, seja para aterrorizar ou criar insegurança, ou para chamar atenção sobre uma determinada causa.

É possível sugerir, então, que a discussão sobre legitimidade do uso da força – relacionada à possibilidade de percepção de legitimidade do uso da força por parte de uma audiência politicamente relevante - ganha importância diferenciada quando o modo de operação do terrorismo é definido com ênfase na intenção de alterar a percepção de uma audiência em relação a uma causa e do método empregado para defendê-la.

Vamos investigar também as diferentes formas de definir o modo de operar do terrorismo. O modo de operação do terrorismo pode ser definido com foco na intenção de transformar a percepção do público ou na dimensão do emprego da violência direta - onde alvos, armas e táticas empregadas aparecem como elementos definidores do que se percebe como moralmente condenável em termos de uso da força na política.

3.1.2.

As divergências sobre a natureza das causas do terrorismo

O principal recorte da discussão sobre legitimidade do uso da força relacionada à definição de terrorismo se refere à existência de causas justas para o emprego da violência política. Dentro desse tema, vamos explorar o reflexo do debate sobre legitimidade para o investimento analítico em dois aspectos

relacionados ao terrorismo: a investigação das motivações diretas dos terroristas e a análise de causas mais profundas relacionadas ao terrorismo.

A questão central do debate sobre a existência de motivações justas para o uso da força com fins políticos e a implicação dessa idéia para a definição do conceito de terrorismo pode ser resumida em uma pergunta que a Assembléia Geral da ONU não foi capaz de responder, em mais de 30 anos de debates:

Existem, de fato, situações em que os motivos importam mais do que o método usado, possibilitando que o terrorismo (ou o que seria terrorismo em uma definição que não envolva questionamentos sobre causas justas) seja considerado legítimo por alguns grupos ou indivíduos? (Boulden & Weiss, 2004, p. 13).

Na década de 1980, Conor Cruise O'Brien (1983) responderia afirmativamente a esse questionamento, com a defesa de que os termos “terrorismo” e “terrorista” devem ser empregados no sentido de um julgamento moral do contexto em que a violência se dá e definidos como violência contra um Estado democrático, onde há espaço para manifestação política livre e pacífica de oposição¹⁸. A violência política empregada contra Estados repressores, nesse caso, não é classificada como terrorismo.

Na mesma época, Quainton defendia a necessidade de definir as formas de violência que são ilegítimas mesmo quando empregadas com o objetivo de atingir causas moralmente defensáveis (Quainton, 1983, p. 55). Ao mesmo tempo, Quainton defende que o combate ao terrorismo envolva a resposta a possíveis causas e reivindicações, nos casos em que exista essa possibilidade (Quainton, 1983, p. 58). Como causas do terrorismo, Quainton (1983) relaciona tanto o que chamamos de motivações diretas como o que classificamos como causas profundas. O autor trabalha com a idéia de que motivações diretas do terrorismo, mesmo quando não negociáveis, podem levar à questões relacionadas passíveis de negociação, além da possibilidade de identificar outras fontes de violência no contexto social, político e econômico (Quainton, 1983).

O argumento de Quaiton (1983) revela dois pontos importantes. Em primeiro lugar, a possibilidade de pensar o terrorismo como uso ilegítimo da força

¹⁸ Para O'Brien, na política, as palavras são armas e não ferramentas analíticas e devem ser empregadas como tal. No caso do terrorismo, ele defende que seja empregado apenas em relação a grupos que agem contra Estados democráticos, considerando critérios de consentimento

e, ao mesmo tempo, considerar a sua associação a causas e motivações merecedoras de análise por serem percebidas como legítimas. Em segundo lugar, a forma como o autor trabalha com as causas do terrorismo revela as inter-relações entre as motivações diretas e as causas mais amplas do terrorismo, muitas vezes difíceis de serem distinguidas para uma análise em separado (Quainton, 1983).

É justamente na necessidade de investimento analítico sobre a relação entre causas – sejam profundas ou motivações diretas - e o surgimento de terrorismo que se pode verificar algum reflexo como consequência do debate sobre legitimidade. Como se discutiu aqui, muito do debate sobre causas do terrorismo foi influenciado pela associação entre legitimidade da causa e legitimidade do terrorismo. Dessa forma, discutir a legitimidade de causas tornou-se um tema profundamente associado à intenção de legitimar o terrorismo em determinadas circunstâncias.

A discussão sobre legitimidade de motivações para o terrorismo se tornou ainda mais delicada após 11 de setembro. A dimensão catastrófica dos eventos e o amplo consenso sobre sua imoralidade trouxeram novas discordâncias para a reflexão sobre o tema. Falar em causas do terrorismo era interpretado como um tipo de traição, por ter como consequência “a idéia de que os Estados Unidos, de algum modo, mereceram os ataques” (Boulden & Weiss, 2004, p. 13). Segundo Der Derian, representações dos atentados de 11 de setembro como “uma espécie de duelo entre o bem e o mal” tiveram como consequência o fato de que “questionamentos sobre causas profundas e intenções políticas dos atos terroristas” foram silenciados, por serem considerados “atos de equivalência moral” (Der Derian, 2002, p.102).

A relação entre as motivações para o terrorismo e representatividade de anseios legítimos de grupos ou parcelas da população é um campo de estudo complexo e que não oferece respostas simples. Crenshaw entende que possíveis causas do terrorismo só podem ser acessadas por meio de uma investigação aprofundada do contexto em que o terrorismo emerge (Crenshaw, 1995, p. 12). Essa perspectiva envolve considerar possibilidades de representatividade do terrorismo, tendo em vista o contexto histórico (Crenshaw, 1995, p. 16). Para

(“consent”) e participação (“participation”) como parâmetros para a idéia de livre exercício da

Crenshaw, a existência de “conflitos de interesses duradouros”, “de reivindicações reais baseadas em padrões de desigualdade e discriminação”, além do “compartilhamento de valores e ideologias” podem levar grupos terroristas a “terem uma genuína base popular” (Crenshaw, 1995, p. 16).

Dois temas são frequentemente associados à investigação de causas do terrorismo contemporâneo: a pobreza e o problema dos Estados falidos (Von Hippel, 2004, p. 26). Karin Von Hippel (2004) apresenta uma defesa da investigação de possíveis causas dos atentados de 11 de setembro, com base na argumentação frequente sobre ligação entre pobreza, Estados falidos e terrorismo, de acordo com a idéia de que supostas relações entre atos de terror e causas devem ser investigadas para permitir que sejam refutadas como mitos ou aprofundadas se verdadeiras. Esse tipo de argumentação, no entanto, esbarra na crítica sobre o risco de conferir legitimidade às ações brutais do terrorismo contemporâneo, por meio da identificação de causas justas associadas ao surgimento da prática.

No caso dos atentados de 11 de setembro, a tarefa de identificar causas do terrorismo se torna também mais complexa pela natureza das motivações dos terroristas fortemente associadas à religião. Por vezes, a relação entre a identidade religiosa e o entendimento do terrorismo como um fenômeno político, aproxima a percepção das motivações terroristas mais à ordem do fanatismo do que à ordem da política e do contexto em que estão inseridas¹⁹.

No entanto, diversos autores vão levantar causas políticas – motivações diretas ou causas profundas – para o terrorismo da Al Qaeda. Entre elas, é possível destacar algumas que mereceriam investigação mais profunda – como a questão do suporte oferecido pelos Estados Unidos a governos autoritários na Arábia Saudita, Egito e Argélia e a desestruturação do ensino público em países onde as escolas religiosas islâmicas – conhecidas como *madrassas* – são a única opção para grande parcela da população (Von Hippel, 2004).

Snyder (2003) aponta como um dos objetivos dos atentados de 11 de setembro - ou seja, uma motivação não explicitada, porém possível de ser identificada - a intenção de provocar a entrada dos Estados Unidos em uma guerra que aguçasse o anti-americanismo entre populações muçulmanas, colaborando

oposição por meios pacíficos (O'Brien, 1983, p. 91 et. seq.)

¹⁹ A relação entre religião e política na definição da motivação do terrorismo vai ser explorada mais a frente, no debate sobre a existência de um novo terrorismo.

para a erosão da legitimidade de governos pró-americanos em países árabes. Essa interpretação de um possível objetivo do grupo terrorista abre espaço para investigação sobre possíveis causas profundas do terrorismo neste contexto - por exemplo, a questão sobre como a ausência de ampla base popular na sustentação de governos de países árabes colabora para a existência de nichos de recrutamento de terroristas.

Com base nesse debate, consideramos relevante formular uma primeira questão de fundo que servirá de parâmetro para a análise do modo como o terrorismo é retratado nos textos dos dois jornais americanos selecionados. **Vamos verificar se e como o conteúdo dos textos associa o terrorismo a possíveis motivações diretas ou causas profundas. Vamos investigar, em primeiro lugar, se existe alguma associação entre o terrorismo e causas profundas e motivações diretas. Caso exista, vamos investigar se há associação de causas e motivações com a percepção de legitimidade dessas causas e motivações por parte de alguma audiência maior que o próprio grupo terrorista ou pelo próprio jornal.**

3.1.3.

As divergências sobre a natureza do agente do terrorismo

Como vimos antes, além da discordância em torno da necessidade de excluir do rótulo do terrorismo causas consideradas legítimas, também a exclusão do Estado das definições de terrorismo é um grande entrave ao consenso mais amplo em torno de qualquer delimitação conceitual. O conflito entre Israelenses e Palestinos – onde ambos clamam serem vítimas de terrorismo – é o melhor exemplo dos desdobramentos políticos dessa discussão sobre termos e conceitos.

Os defensores da limitação do terrorismo a agentes não estatais alegam que os Estados estão comprometidos, ao menos teoricamente, com normas e valores compartilhados pela comunidade internacional e são fiscalizados no cumprimento dessas normas pelas instâncias da governança internacional. Segundo Hoffman, mesmo que forças armadas nacionais sejam acusadas de violar as leis da guerra, com métodos semelhantes aos dos terroristas, existe o termo “crime de guerra” para nomear esses atos (Hoffman, 2006, p. 28).

Do outro lado do debate, a existência de terrorismo de Estado aparece normalmente respaldada pela referência à história dos grupos terroristas - lembrando que, na origem, o significado do termo estava ligado a uma prática estatal. Frequentemente, atos associados à ação de governos tirânicos e a crimes de guerra são classificados como terrorismo de Estado pelos defensores desse argumento²⁰.

Segundo Falk, no contexto dos atentados de 11 de setembro, a exclusão da idéia de terrorismo de Estado do significado de terrorismo empregado pelo governo americano na “guerra contra o terrorismo” reforçou a possibilidade de governos, ao redor do mundo, usarem a violência contra sua população civil e, ao mesmo tempo, associarem “qualquer reação violenta de povos oprimidos - ainda que em resistência contra ocupação estrangeira de seu território - ao terrorismo” (Falk, 2003a, p. 10).

A relação entre Estados e terrorismo deu origem ao conceito de Estados Financiadores do terrorismo (*state sponsors*), como vimos no capítulo anterior. Segundo Novotny, é justamente o arcabouço normativo a que os Estados estão submetidos que coloca suas ações fora dos limites do conceito de terrorismo (Novotny, 2005, p. 5). Isso porque quando representantes de um Estado violam as leis da guerra, cometem crimes de guerra e, da mesma forma, quando oprimem e agredem sua população são acusados de violação dos direitos humanos. Sendo Assim, para Novotny, quando grupos privados agem com apoio de estados, aplica-se o conceito de Estados financiadores e quando representantes do Estado violam normas estabelecidas, aplicam-se as penalidades correspondentes (Novotny, 2005, p. 4).

O fato de Estados usarem agentes clandestinos para praticar atos de terrorismo não necessariamente leva ao emprego do conceito de Estados financiadores do terrorismo e pode ser interpretado como a forma de um Estado empregar o terrorismo em substituição ao poderio militar, com a intenção de evitar a resposta do inimigo em termos de guerra. Segundo Crenshaw, o conceito de Estados financiadores foi popularizado na década de 1980, “em grande parte para explicar o comportamento do Irã depois da revolução iraniana de 1979” (Crenshaw, 1995, p. 10). No entanto, a ação de terroristas sob proteção de Estados

²⁰ Um exemplo é o argumento de Novotny (2005 p. 4)

já ocorria pelo menos desde o início do século XX (Crenshaw, 1995, p. 10). O conceito de estados financiadores, para Crenshaw, serve para simplificar o “problema do combate ao terrorismo ao transformar o fenômeno em um ato de agressão internacional ou até de guerra” (Crenshaw, 1995, p. 10). Para Crenshaw, o terrorismo é empregado tanto por Estados como por grupos não estatais (Crenshaw, 1983, p. 2). Embora a autora defenda a necessidade de definir o terrorismo evitando considerações morais sobre as causas envolvidas na violência política, Crenshaw defende a necessidade de julgar a moralidade do uso da força, seja por Estados ou contra eles (Crenshaw, 1983, p. 2).

Como aponta Jenkins, a controvérsia sobre a existência ou não de terrorismo de Estado envolve a dificuldade de traçar uma linha divisória entre o que é terrorismo e o que se refere aos excessos provocados pela evolução da tecnologia e de estratégia ligadas à guerra, durante o século XX (Jenkins, 2003, p. 28). Muito frequentemente, a Alemanha sob o domínio nazista e mesmo o bombardeio com armas atômicas comandado pelos Estados Unidos contra o Japão são classificados como atos de terrorismo de Estado (Jenkins, 2003, p. 28). O argumento oposto defende que, em resposta a esses casos históricos de atrocidades cometidas por Estados em guerra, existem as normas referentes às Convenções de Genebra e Haia, que restringem o uso de armamentos, limitam os alvos para proteger a população civil e estabelecem os direitos de prisioneiros de guerra, entre outros aspectos²¹.

Paul Pillar admite que Estados podem praticar terrorismo, mas propõe uma distinção entre terrorismo e o uso público, claramente identificável, de força militar, ao mesmo tempo que a clandestinidade da ação de um Estado ao usar a força é que constitui um ato de terrorismo (Pillar, 2001b, p. 15). Para distinguir a ação aberta de força militar de atos clandestinos de Estados, Pillar relaciona como elementos principais para legitimar o uso da força a “clara identificação dos combatentes” (Pillar, 2001b, p. 15) – pelo uso de uniformes, por exemplo – a “determinação de evitar ao máximo atingir alvos civis” (Pillar, 2001b, p. 15), além da “limitação do processo decisório para o uso da força a altos escalões de governo” (Pillar, 2001b, p. 15).

²¹ Para uma discussão sobre o tema, ver: Hoffman, 2006, p. 28.

O terrorismo praticado por Estados também pode ser definido em relação à ação de governos contra seus próprios cidadãos²². Segundo James Lutz & Brenda Lutz, por exemplo, a diferença entre terrorismo e repressão por parte de um Estado contra sua população é que, mesmo sob governos repressores, os cidadãos têm a possibilidade de tomar conhecimento das regras e escolherem um comportamento que os proteja de se tornarem vítimas (Lutz & Lutz, 2005, p. 12). Esse posicionamento também se insere em um debate mais amplo, no campo das Relações Internacionais, sobre o modelo de segurança internacional centrado no Estado, que pressupõe o Estado como ator único das dinâmicas de segurança – na esfera internacional – e como unificado no sentido de manter a segurança dos cidadãos. Nas últimas décadas, posicionamentos críticos surgiram na disciplina de Relações Internacionais, trazendo o indivíduo para o centro da discussão sobre segurança e questionando a capacidade do Estado de garantir a segurança a todos os cidadãos²³.

Com base nas possíveis escolhas para a associação entre Estados e a prática do terrorismo – exclusão dos Estados do conceito, a inclusão no conceito ou o uso do conceito de Estados financiadores do terrorismo - **vamos investigar um segundo ponto no conteúdo dos textos dos jornais americanos: como os jornais delimitam a natureza do agente do terrorismo? Vamos verificar se o terrorismo aparece associado a agentes estatais ou apenas agentes não estatais ou ainda se Estados aparecem como financiadores do terrorismo.**

3.1.4.

As divergências sobre a natureza do modo de operar do terrorismo

Como vimos anteriormente, alguns teóricos procuram escapar dos impasses no consenso sobre uma definição de terrorismo propondo um entendimento do terrorismo pela natureza da ação, independente de quem é o

²² Um exemplo de terrorismo de Estado contra os próprios cidadãos citado por Crenshaw é a ação da ditadura argentina contra seus cidadãos, na década de 1970 (Crenshaw, 1995, p. 12).

²³ São exemplos dessa postura crítica sobre o conceito de segurança internacional as correntes que trabalham com questões de gênero nas Relações Internacionais. Para um argumento dentro das questões de Gênero ver: SKJELSBÆK, I. Sexual Violence and War: Mapping Out a Complex Relationship. *European Journal of International Relations*, 7:2, 2001. Para uma discussão sobre os questionamentos da capacidade do Estado de prover segurança individual, ver: BOOTH, K. Security and Self: Reflection of a Fallen Realist. In: Keith KRAUSE, K & WILLIAMS, M. C. (ed.). *Critical Security Studies: Concepts and Cases*. Minnesota: Minnesota University Press, 1997.

agente ou de sua causa. Por essa forma de definir o terrorismo, a principal característica do terrorismo - o que o distingue de outros tipos de violência política - é o modo de executar as operações – a sua forma de operar.

Um exemplo de definição que enfatiza o modo de operação apresentado por Hoffman se refere a um trecho da convenção da ONU sobre eliminação de explosões terroristas²⁴. A convenção exemplifica os tipos de armas (explosivos ou outros mecanismos letais), os alvos (lugares públicos, prédios governamentais, sistema de transportes público, etc.) e a tática (intenção de provocar morte, ou ferimentos graves e destruição de propriedade com perdas econômicas) do que deve ser tratado como terrorismo.

Embora não possa ser comparada a definições mais amplas de terrorismo propostas nos meios acadêmicos (por estar submetida a todo o processo de negociação na esfera das Nações Unidas, discutido anteriormente), a definição coloca questões importantes para a discussão sobre o modo de operação do terrorismo. O foco exclusivo na dimensão concreta (alvos diretos da violência e intenção de destruir concretamente os alvos) da prática desvincula completamente o conceito de terrorismo da idéia de transmitir uma mensagem para provocar um determinado efeito em uma audiência maior do que as vítimas diretas dos ataques – o que relacionamos com a intenção de alterar a percepção de uma audiência.

Mais uma vez, a definição ampla proposta por Schmid (2004)²⁵ pode indicar alguns caminhos importantes. Embora se refira à natureza do agente e da causa do terrorismo, a definição de Schmid também delimita a natureza do modo de operar dos terroristas. Na formulação de Schmid, a estratégia do terrorismo é definida pela intenção de criar ansiedade, por meio do emprego da violência ou da ameaça de violência que gere a comunicação de uma mensagem, tendo como principais alvos os de terror ou de demanda ou de atenção. Os alvos diretos da violência concreta empregada pelos terroristas aparecem na definição claramente em papel secundário – ou seja, a violência direta é apenas parte de uma tática que

²⁴ Em inglês: “the unlawful delivery, placement, discharge, or detonation of an ‘explosive or other lethal device in, into or against a place of public use, a State or government facility, a public transportation system or an infrastructure facility with the intent to cause death or serious bodily injury; or with the intent to cause extensive destruction of such a place, facility or system, where such a destruction results in or is likely to result in major economic loss’” (Apud Hoffman, 2006. p. 25).

²⁵ Cf. nota 11 desse capítulo.

tem como finalidade principal a alteração da percepção da audiência, seja no sentido de provocar terror ou de chamar atenção para uma causa.

Outra definição que enfatiza a intenção de transformar a percepção de um grupo maior que as vítimas diretas é a proposta por Hoffman (2006, p. 40). Resumidamente, Hoffman (2006, p. 40) considera que o terrorismo pode ser definido como inevitavelmente político, em objetivos e motivações, envolvendo violência ou a ameaça de violência, com objetivo de ter repercussões psicológicas em uma audiência maior do que os alvos diretos dos ataques; conduzido por uma organização possível de ser identificada, seja com modelo de comando hierárquico tradicional ou organizada em rede ou por indivíduos motivados pelo exemplo ou pela ideologia de uma organização existente, e executada por grupos sub-nacionais ou organizações não-estatais²⁶.

Algumas definições de terrorismo vão relacionar tanto a intenção de alterar a percepção de uma audiência quanto às características da violência direta como definidoras do terrorismo. Jenkins adota a definição do departamento de Estado americano em sua análise dos processos de construção social do terrorismo por considerar que enfatiza o caráter indiscriminado da violência além de ser amplamente aceita (Jenkins, 2003, p. 29). Em relação ao modo de operação, a definição do departamento de Estado enfatiza o caráter premeditado e a intenção de influenciar uma audiência, mas também define os alvos como não combatentes.

Depois dos atentados de 11 de setembro, a distinção entre diferentes formas de definir o modo de operação do terrorismo passou a fazer parte de outro debate, sobre a associação do terrorismo à idéia de uma guerra contra o terrorismo. Mesmo antes dos atentados de 11 de setembro, muitos estudiosos do terrorismo defendiam a idéia de que o terrorismo estava se tornando mais letal²⁷. A própria reação do governo americano, formulada em termos de guerra, está

²⁶ Em inglês: “We may now attempt to define terrorism as the deliberate creation and exploitation of fear through violence or the threat of violence in the pursuit of political change. All terrorist acts involve violence or the threat of violence. Terrorism is specifically designed to have far-reaching psychological effects beyond the immediate victims(s) or object of the terrorist attack. It is meant to instill fear within, and thereby intimidate, a wider ‘target audience’ that might include a rival ethnic or religious group, an entire country, a national government or political party, or public opinion in general. Terrorism is designed to create power where there is none or to consolidate power where there is very little. Through the publicity generated by their violence, terrorists seek to obtain the leverage, influence, and power they otherwise lack to effect political change on either a local or an international scale.” (Hoffman, 2006, p. 40.)

²⁷ Diferentes análises sobre o aumento da letalidade do terrorismo serão discutidas no segundo debate proposto neste capítulo.

associada a uma escalada da letalidade evidenciada pela dimensão destrutiva dos ataques.

A relação entre a maior letalidade do terrorismo contemporâneo e o modo de operação dos terroristas é complexa e vem sendo discutida em meio ao debate sobre a existência de um novo terrorismo²⁸. O que importa para a discussão proposta até aqui é perceber que a forma como o modo de operação do terrorismo é definido tem implicações posteriores para outros aspectos do estudo do terrorismo.

De forma simplista, pode-se exemplificar essa idéia pelo exemplo de que a forma como o modo de operação do terrorismo é definido pode influenciar a identificação dos aspectos relevantes para a análise sobre aumento da letalidade do terrorismo contemporâneo. Se a intenção de afetar a percepção do público é o foco principal da estratégia terrorista, a mídia torna-se um elemento central da análise sobre a letalidade do terrorismo. Já se o foco da definição do modo de operação é a violência direta, suas táticas e alvos, as novas tecnologias passam a ser mais relevantes para o estudo do aumento da capacidade destrutiva do terrorismo.

Podemos traçar uma relação entre as diferentes formas de definir o modo de operação do terrorismo e o debate sobre legitimidade do uso da força. As definições do modo de operação terrorista focadas na intenção de afetar a percepção de uma audiência maior do que os alvos diretos de violência evidenciam o ponto de encontro entre a estratégia terrorista e os aspectos envolvidos na idéia de legitimar uma ação de violência política. O ponto de encontro que destacamos aqui é o entendimento de que a legitimidade ou ilegitimidade de uma prática de violência política está fundamentalmente baseada na percepção que uma audiência politicamente representativa tem sobre uma causa, um grupo, ou um conflito.

Se o debate sobre legitimidade do uso da força se concentra no foco na dimensão direta dos atos de violência política, são enfatizados elementos mais relacionados ao que Schmid chamou de “modelo de conflito” (Schmid, 2004, p. 375). Nesse caso, a legitimidade ou ilegitimidade de uma estratégia de uso da força para fins políticos se torna mais fortemente associada ao respeito às normas

²⁸ Este tema também será abordado no próximo debate deste capítulo.

internacionais sobre o uso da força entre Estados em guerra – o que é legítimo ou ilegítimo no âmbito da guerra. Um exemplo disso aparece na distinção – muitas vezes difícil de executar - entre o terrorismo e outros tipos de violência política, como a guerrilha. Muitas vezes, é difícil distinguir terroristas de guerrilheiros pelo fato de que muitas táticas são semelhantes e muitos grupos usam os dois métodos ao mesmo tempo (Hoffman, 2006, p. 35).

Tomando como base a distinção entre os conceitos proposta por Hoffman (2006, p. 35), as principais distinções entre as definições de guerrilha e terrorismo, em relação ao modo de operar, são a organização de guerrilheiros em grupos maiores, com hierarquias semelhantes a exércitos, o controle de parcelas do território e o ataque a alvos militares. Ao contrário, no terrorismo onde predominam pequenos grupos, o controle de território não é uma característica e alvos civis são as vítimas principais. Segundo Pillar, há uma importante distinção moral entre a ação de terroristas contra civis e de guerrilheiros que agem contra homens fardados e armados e, por isso, não são associados ao mesmo mal que os terroristas (Pillar, 2001b, p. 18).

Com base nessas duas possibilidades de foco na definição do modo de operação do terrorismo – a intenção de alterar a percepção de uma audiência e a dimensão da violência direta - propomos uma terceira questão para conduzir a análise dos textos dos jornais americanos: **Como é representado o modo de operação do terrorismo, em relação às possíveis formas de defini-lo classificadas anteriormente? É enfatizada a intenção de alterar a percepção de um público ou a dimensão da violência direta, ou, ainda, as duas dimensões relacionadas? Para tanto, vamos explorar se há especificação de armas, táticas e alvos do terrorismo – tendo em vista que essas categorias podem se referir a qualquer um dos dois focos de definição classificados anteriormente.**

3.2.

O debate sobre a existência de um “novo terrorismo”

Um aspecto dos atentados de 11 de setembro em torno do qual não há controvérsia é seu efeito multiplicador em relação à atenção dispensada ao terrorismo. Desde textos teóricos e jornalísticos até relatórios oficiais de governo,

o terrorismo tornou-se prioridade. A partir daí, outros aspectos dos acontecimentos daquela manhã de terça-feira são objeto de grandes debates.

Passado o impacto inicial, seguiram-se dias de silêncio e dúvida sobre a autoria dos ataques. Quem e porque era a pergunta presente nas discussões na mídia, nas ruas e nos meios acadêmicos. Em pouco tempo, os indícios já apontavam para uma ameaça pouco conhecida pela opinião pública ao redor do mundo, mas bastante presente em análises de especialistas no tema.

O modo como o terrorismo associado aos atentados de 11 de setembro foi e é representado pela mídia, por membros de governos e por diferentes especialistas depende, ao menos em parte, da forma como os acontecimentos daquela terça-feira são situados em uma perspectiva histórica. Na produção acadêmica sobre o terrorismo, a relação entre o terrorismo evidenciado em toda a sua brutalidade em 11 de setembro de 2001 e a própria história do terrorismo moderno deu origem aos mais diversos argumentos.

Embora seja possível desenhar uma história do terrorismo, como fizemos no capítulo anterior, cada uma das representações de grupos como terroristas, de seus métodos e motivações estão longe de encontrar consenso absoluto na produção acadêmica sobre o tema. Da mesma forma, também os marcos históricos de transformações de significado e de padrão do terrorismo são objeto de debate. Com o contexto dos atentados de 11 de setembro não foi diferente.

Políticos, acadêmicos e jornalistas lançaram-se, nos dias seguintes aos ataques, a retratar os acontecimentos como algo sem precedentes na história. O próprio presidente dos Estados Unidos declarou, ao fim do dia 11 de setembro de 2001, que “anoitecia em um mundo diferente”²⁹. Mesmo que aos poucos a relação entre a Al Qaeda e os atentados tenha começado a aparecer nos debates que se seguiram – e, com ela, o histórico de atentados do grupo - essa forma de representar os ataques a Washington e Nova York foi amplificada pelo clima de consternação global.

Argumentos sobre o caráter excepcional dos atentados terroristas estiveram no centro dos debates sobre o terrorismo no contexto do 11 de setembro. Ignatieff foi um dos pensadores expostos a críticas contundentes por apresentar os atentados como situados “fora do campo da política” (Ignatieff,

2001) e os terroristas como “nihilistas apocalípticos” (Ignatieff, 2001). Entender os acontecimentos de 11 de setembro como eventos excepcionais implica em considerar que não têm precedente histórico e, portanto, devem ser analisados sem considerações sobre sua inserção no contínuo da história. Consequentemente, as características dos atores envolvidos, suas motivações e objetivos, além de sua própria inserção na evolução de padrões do terrorismo são desconsiderados.

Na opinião de críticos a argumentos como de Ignatieff, a representação do terrorismo praticado naquela data como evento situado fora do processo histórico e político teve consequências normativas para o estudo do terrorismo, quando tentativas de investigar a complexidade dos acontecimentos, à luz de sua relação com outros aspectos da política internacional, tornaram-se sinônimo de “relativismo moral” (Der Derian, 2002, p. 103).

Uma das formas pelas quais os debates sobre o terrorismo contemporâneo podem ser classificados é em torno de argumentos que disputam o recorte temporal de surgimento de um novo padrão de terrorismo. A idéia de que há algo novo no terrorismo contemporâneo aparece em muitos textos, mesmo antes do 11 de setembro, associada a novos conceitos como “novo terrorismo”, “terrorismo globalizado” ou “megaterrorismo”.

Um dos mais recentes debates entre estudiosos do terrorismo se refere à existência ou não de algo realmente novo no terrorismo contemporâneo e que justifique, inclusive, a necessidade de cunhar novos conceitos. Como vamos explorar mais a frente, em oposição a idéia de transformação do terrorismo, existem teóricos que pensam a continuidade dos padrões de terrorismo modernos.

Uma primeira forma de pensar o terrorismo contemporâneo que vamos explorar está associada à continuidade nos padrões de terrorismo e implica em uma negação de qualquer recorte temporal de transformação nos padrões do terrorismo.

Mesmo entre os pesquisadores que defendem a investigação sobre um novo padrão de terrorismo há discordâncias. Essas diferenças de opinião sobre o que define o novo no terrorismo contemporâneo também podem ser classificadas por meio de associações entre as principais características apresentadas como

²⁹ A declaração original de George Bush, em inglês: “night fell on a different world” (Apud Kennedy-Pipe & Rengger, 2006, p. 541)

distintivas de um novo padrão de terrorismo e os recortes temporais relacionados pelos autores como marcos de nascimento desse novo terrorismo.

A idéia de um marco do novo, seja para o terrorismo, para a política internacional ou para a ordem mundial, esteve profundamente relacionada aos debates acadêmicos sobre os atentados de 11 de setembro (Duyvesteyn, 2004, p. 443). Desde o fim da Guerra Fria, conceitos como o de globalização ou a discussão sobre a nova ordem mundial já ofereciam argumentações distintas para as transformações da política e do sistema internacionais, relacionadas a marcos temporais diferentes. O conceito de globalização, por exemplo, muitas vezes associado às transformações pelas quais o mundo passou nas décadas de 60 e 70 (Held & McGrew, 2000, p. 7), é contestado por autores que defendem a existência de outros períodos - como o fim do século XIX e início do século XX - em que as relações, para além das fronteiras estatais, eram tão intensas como neste período recente (Held & McGrew, 2000, p. 15). Já outros autores vão focar o fim da Guerra Fria como marco de uma nova ordem mundial, onde a hegemonia americana e seu caráter liberal, institucionalizado e expansivo são centrais para as argumentações³⁰.

Apesar de ganhar novos contornos depois de 11 de setembro, o debate sobre o conceito de novo terrorismo aparece nos estudos do tema já na década de 1990. Assim como o próprio conceito de terrorismo, nenhum dos conceitos ligados à internacionalização da prática terrorista encontra consenso absoluto no debate teórico. O terrorismo internacional pode ser definido como ações onde os “agentes, alvos ou locais dos atentados envolvem, pelo menos, dois países” (Bergesen & Lizardo, 2004, p. 38). Ainda que haja semelhança entre as definições do que significa o terrorismo com dimensões internacionais, o marco histórico dessa passagem é objeto de discordância na literatura.

O impacto das novas tecnologias da informação que deram maior alcance à mídia, na década de 60, aparece na literatura como fator decisivo para a relevância do terrorismo como assunto da política internacional (Rapoport, 2004, p. 442). A internacionalização do terrorismo também pode ser datada especificamente a partir do ano de 1968, quando terroristas palestinos, da Frente Popular de Libertação da palestina, ligados a OLP, seqüestraram um avião da

companhia Israelense EL AL (Hoffman, 2006, p. 63). Para Hoffman, o atentado da FPLP refletia um novo padrão firmemente internacional do terrorismo (Hoffman, 2006, p. 63). Além da escolha de um alvo com valor simbólico relacionado a Israel, Hoffman considera esse o marco temporal da descoberta pelos terroristas do poder de criar grandes eventos na recém transformada mídia internacional (Hoffman, 2006, p. 64).

Outro grande evento midiático, o ataque aos atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique, em 1972, é a referência de outros autores para o nascimento do terrorismo internacional (Deutch, 1997). Nos anos seguintes, outro conceito ligado ao terrorismo internacional, o de estados financiadores do terrorismo, ajudou a compor o quadro do terrorismo que ocupava a agenda dos debates multilaterais na ONU e de governos como o dos Estados Unidos. Mas quando e porque se pode pensar uma nova transformação nos padrões do terrorismo? As respostas a essa pergunta divergem tanto em termos de cortes temporais, quanto em relação às características consideradas novas no terrorismo contemporâneo.

Nas próximas paginas vamos investigar então como diferentes associações entre características consideradas novas e os recortes temporais apresentados como marco da transformação de padrão do terrorismo indicam diferentes formas de definir o que seria novo no terrorismo contemporâneo. Vamos propor que essas diferenças de definição do novo implicam em formas distintas também de representar as definições das motivações e dos modos de operação do terrorismo.

Para o objetivo da discussão proposta, cabe destacar um ponto de concordância entre os mais diferentes estudiosos, que servirá de referência para a comparação entre diferentes recortes temporais. Trata-se da identificação de um maior potencial de letalidade no terrorismo contemporâneo. Para os mais diferentes autores que estudam o terrorismo, esse é um ponto de consenso. No entanto, os motivos pelos quais o terrorismo tornou-se potencialmente mais letal, na atualidade, são relacionados de diferentes formas e, como veremos à frente, com certa lógica em relação ao modo como o que seria novo no terrorismo é definido e como isso se reflete na definição das motivações e do modo de operação do terrorismo na contemporaneidade.

³⁰ Cf. IKENBERRY, J. *America Unrivaled: The future of Balance of Power*. Ithaca: Cornell

3.2.1. A década de 1990 – o fanatismo religioso

O maior risco de terroristas buscarem e efetivamente usarem armas de destruição em massa é um dos aspectos relacionados ao maior potencial de letalidade do terrorismo, na atualidade, por um dos mais importantes especialistas em terrorismo. Laqueur chamou de “terrorismo pós-moderno” (Laqueur, 1996) e mais tarde de “novo terrorismo” (Laqueur, 2001), o que identificou como um novo padrão de terrorismo contemporâneo.

Esse novo padrão de terrorismo, para Laqueur (2001, 1998, 1996), é potencialmente mais letal do que qualquer outro padrão de terrorismo já identificado na história. O autor é conhecido por reservar espaço considerável em suas análises à idéia de que é possível recontar uma história de evolução do terrorismo ao longo do tempo³¹. Dentro dessa evolução histórica do terrorismo, Laqueur estabelece como marco temporal de um novo padrão de terrorismo a década de 1990, assim como fazem também Simon & Benjamin (2000). Como veremos, a escolha desse recorte temporal pelo autores está relacionada a um determinado foco em um elemento principal do que define o novo no terrorismo contemporâneo em seu argumento.

A década de 1990 aparece nos textos destes autores como marco do início de um padrão de terrorismo fortemente influenciado pela religião. Nos anos 90, acontecem os primeiros grandes ataques da Al Qaeda, na África e na Ásia e a explosão em Oklahoma em 1995³². Também em 1995, outro atentado com motivação religiosa chamou atenção do mundo dessa vez pelo uso de armas não convencionais. O ataque com gás sarin ao metrô de Tóquio, em 1995, também aparece entre os principais atentados religiosos que marcaram a década (Laqueur, 1996, p.29).

Ao considerar a década de 1990 - como um todo - o marco de uma transformação do terrorismo, esses autores agrupam em um mesmo recorte, todas as ações terroristas motivadas em maior grau por ideologias religiosas – sem

University Press. 2002.

³¹ Cf. Laqueur, 2002.

³² Para uma relação dos atentados com motivação predominantemente religiosa nesta década ver: Hoffman, 2006. p. 86 et. seq.

considerar distinções entre diferentes religiões ou outros tipos de motivações diretas ou causas mais amplas relacionadas ao terrorismo. Para esses autores, há um denominador comum entre todas essas manifestações diferentes de terrorismo religioso: o fanatismo religioso.

Para Laqueur, por exemplo, a década de 1990 foi marcada por uma série de ações terroristas, em diferentes partes do mundo, que provocaram o que ele chamou de “uma revolução no terrorismo, ligada ao fanatismo e ao sadismo” (Laqueur, 1998, p. 169). Embora Laqueur considere que os exemplos mais frequentes de violência irrestrita estão ligados à religião islâmica (Laqueur, 1998, p. 173), o autor não destaca uma religião específica, mas um aspecto dentro das ideologias religiosas que podem dar origem ao terrorismo: o fanatismo religioso.

O fanatismo religioso aparece como o principal elemento distintivo do terrorismo e relacionado a um padrão de terrorismo que é potencialmente mais letal e mais propenso ao risco de emprego de armas de destruição em massa. A presença de motivações religiosas entre as ideologias que dão origem ao terrorismo, para Laqueur, não é uma característica nova do terrorismo (Laqueur, 1998, p.174). O que o autor distingue como uma nova tendência iniciada desde a década de 1990 é o fato de grupos ou seitas agirem com motivações de radicalismo religioso que se aproximam de idéias apocalípticas, onde o objetivo de provocar a maior destruição possível pode chegar até a ser um fim em si, um objetivo central do terrorismo (Laqueur, 1998, p. 177).

Esse novo elemento de fanatismo está profundamente ligado à idéia de menor racionalidade nas decisões de uso da violência. É esse aspecto que aumenta, para Laqueur, a possibilidade de uso de armas de destruição em massa por parte de terroristas (Laqueur, 1996, p. 31). O cálculo de maior letalidade do terrorismo, para Laqueur, envolve não só uma identificação quantitativa do aumento do número de mortes por atentados, mas esse aumento do risco de uso de armas de destruição em massa por terroristas cada vez menos restringidos por cálculos racionais de custos e benefícios.

Outros estudiosos que trabalham com o mesmo marco temporal de Laqueur – a década de 1990 e os atentados motivados pela religião – demonstram uma ênfase semelhante no fanatismo religioso como principal característica do novo terrorismo. A referência à década de 1990 como o berço do novo terrorismo, na visão de Simon e Benjamin, remete às primeiras operações da Al

Qaeda, mas também a série de atentados relacionados a motivações religiosas³³. A nova ameaça para os autores não se limita à manifestação islâmica do terrorismo religioso, mas a todos os tipos de interpretações radicais de uma religião. A grande ameaça comum a essa nova tendência do terrorismo, associada à religião e mais frequentemente a interpretações radicais do islamismo é o que Simon chama de “visões apocalípticas e messiânicas do futuro” (Simon & Benjamin, 2000, p. 18).

Para Simon e Benjamin, a violência de grupos motivados pela religião não é “limitada por cálculos de prudência porque as questões políticas são colocadas em um contexto sagrado, onde o terrorismo é parte de uma luta ordenada por Deus e onde seus atos são purificados por serem simbólicos” (Simon & Benjamin, 2000, p. 18). Assim como nos textos de Laqueur, aparece no argumento de Simon e Benjamin uma relação entre o terrorismo praticado pela Al Qaeda e outros exemplos de atentados com motivações religiosas, que reúnem na mesma classificação – o novo terrorismo – indivíduos agindo por conta própria, grupos ligados a seitas como os japoneses do Aum Shinrikyo e os atentados de 11 de setembro. A raiz comum entre esses exemplos, segundo estes teóricos é a motivação religiosa, definida como influenciada por idéias fanáticas, messiânicas e apocalípticas.

Aparece aqui uma primeira vertente desse debate, que caracteriza o novo no terrorismo contemporâneo como conseqüência de uma crescente influência da religião nas motivações do terrorismo, entendido como manifestações de fanatismo religioso que dão origem a um tipo de terrorismo menos restrito por cálculos racionais de custo e benefício. Para essa linha de pensamento sobre o terrorismo contemporâneo, o que o novo terrorismo apresenta como diferencial é a incidência de praticas baseadas em motivações políticas cada vez menos racionais, com tendência a ideologias apocalípticas, onde a destruição e a morte podem, inclusive, ser um fim em si.

A religião associada às motivações do terrorismo é, então, o que aparece como elemento distintivo no argumento de autores que pensam a década de 1990

³³ Entre os atentados relacionados pelos autores estão o ataque ao metrô de Tóquio, em 1995, pela seita Aum Shinrikyo; a explosão de um prédio do governo em Oklahoma provocada pela ação de Timothy McVeigh, ligado a um movimento Cristão Patriótico e o assassinato por um judeu do primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin, também em 1995 (Simon & Benjamin. 2000, p. 67).

como o marco temporal do início do novo terrorismo. No entanto, o que há de novo no terrorismo não é a combinação entre religião e terrorismo pura e simplesmente, mas o surgimento de grupos motivados principalmente por fanatismo religioso e ideais apocalípticos, tornando o modo de operação do terrorismo menos restrito a cálculos racionais de custos e benefícios, do que quando o terrorismo é mais fortemente motivado por ideologias políticas.

Para esses autores, o fanatismo religioso marca um novo padrão de terrorismo que se tornou menos restrito pela racionalidade envolvida no uso da estratégia terrorista. Dessa forma, o terrorismo contemporâneo se torna potencialmente mais letal do que outros tipos de terrorismo anteriores. Nas palavras de Simon, o uso de imagens e terminologia religiosas transforma questões de ordem política, econômica e social em assuntos religiosos, “colocando o que seriam problemas do campo da ação política fora do alcance da negociação” (Simon, 2003).

3.2.2.

A revolução iraniana e a derrota dos soviéticos no Afeganistão – o terrorismo islâmico e o nascimento da Al Qaeda

A revolução iraniana em 1979 e a derrota dos Soviéticos no Afeganistão, na década de 1980, também já serviram de referência para o surgimento de um novo padrão de terrorismo (Rapoport, 2002; Cronin, 2002/3). Nesse caso, a religião islâmica e a formação da Al Qaeda por Osama Bin Laden ganham destaque como elementos distintivos de uma mudança nos padrões do terrorismo. Diferentemente do argumento de Laqueur, Simon e Benjamin, o foco aqui é direcionado a religião islâmica e a forma como a Al Qaeda se baseia em valores do islamismo para justificar o uso de violência indiscriminada.

Embora os textos dos autores analisados nas próximas páginas destaquem também uma série de elementos, existe um foco central que pode ser relacionado diretamente a escolha desses dois acontecimentos históricos como recorte temporal do início do novo terrorismo. A escolha deste marco temporal implica em focar a influencia do islamismo na prática do terrorismo, como definidora do surgimento de um novo padrão de terrorismo. Esse novo padrão de terrorismo é influenciado pela motivação religiosa – com foco no islamismo – mas também a

outros elementos da política regional e da política internacional – com foco nos processos de globalização.

David Rapoport considera que a quarta onda³⁴ de terrorismo iniciada na década de 1980 é diferenciada fundamentalmente por ter produzido “uma organização com propósitos e padrões de recrutamento únicos na história do terrorismo” (Rapoport, 2002). Cronin também trabalha com o mesmo recorte histórico, associando o novo terrorismo – que chama de “terrorismo globalizado” (Cronin, 2002/3, p. 30) - ao início de uma “era da jihad”³⁵, quando o terrorismo se torna profundamente influenciado pela identidade religiosa islâmica.

Os dois acontecimentos históricos escolhidos como referência por esses autores dever ser analisados à luz de sua relevância e inserção em linhas distintas dentro do islamismo. A revolução que derrubou o governo do Xá no Irã foi liderado por muçulmanos xiitas. Posteriormente, o Irã se tornou um dos países mais ativos – junto à Síria, Líbia e Iraque – no uso de financiamento de terrorismo em outros países como instrumento de política externa, uma tendência que muitos autores relacionam ao incentivo para grupos terroristas xiitas em outras partes do mundo muçulmano (Rapoport, 2002).

O conflito no Afeganistão foi responsável pelo treinamento de uma legião de guerreiros muçulmanos sunitas – em grande parte com financiamento dos Estados Unidos – para derrubar o domínio soviético no país. Esse evento, que culminou com a derrota soviética na região, é por vezes relacionado com a própria seqüência de eventos que levou ao desmantelamento da União Soviética e, muito frequentemente, é associado à criação da Al Qaeda (Rapoport, 2002).

Embora os autores aqui selecionados também considerem a existência de grupos terroristas motivados por questões ligadas a outras religiões, pode-se dizer que a escolha da década de 1980, com destaque para esses dois acontecimentos históricos como referência temporal, implica em direcionar o foco de análise do novo no terrorismo contemporâneo para a religião islâmica. No entanto, em

³⁴ Rapoport (2000) identifica quatro ondas de terrorismo desde os revolucionários do fim do século XIX, passando pelos anti-coloniais, a partir da década de 20, os esquerdistas da década de 60 e por fim, a quarta onda de terrorismo religioso. Importante na argumentação do autor é a visão de que todas as ondas de terrorismo foram deflagradas por forças de grandes eventos políticos.

comparação com os autores discutidos no item anterior, aparece um diferencial entre duas formas distintas de perceber a influência da religião na motivação do terrorismo, não apenas pelo foco no islamismo, mas pela ênfase na criação da Al Qaeda como marco de um novo terrorismo.

Diferente de Laqueur, Simon e Benjamin, os autores relacionados nessa segunda classificação não apresentam a influência da identidade religiosa nas motivações do terrorismo como equivalente a uma anulação dos aspectos políticos do terrorismo. O que aparece nos textos de Rapoport e Cronin é a idéia de que um novo terrorismo, potencialmente mais letal, tem como característica distintiva a associação entre motivações religiosas específicas - ligadas à Al Qaeda e sua interpretação radical do islamismo - e questões políticas que são relacionadas às motivações da Al Qaeda.

Esses autores trabalham tanto com a idéia de motivações diretas do terrorismo quanto de causas mais profundas. As duas categorias revelam questões religiosas e políticas. Para Cronin, trata-se de um desafio em dois níveis: lidar com fanáticos religiosos que agem em nível global (o terrorismo globalizado) e, ao mesmo tempo, Estados, entidades e pessoas muito mais motivadas politicamente que os apóiam por se sentirem alijadas do poder e deixadas para trás pelo mundo globalizado (o terrorismo como reação à globalização) (Cronin, 2002/3, p. 38).

Para Cronin (2002/3), portanto, a ordem mundial definida em termos de globalização, influencia o modo de operação e as motivações do terrorismo, tanto no sentido de facilitá-los, quanto serve como estímulo ao emprego da violência política em nível global. O terrorismo globalizado, para Cronin (2002/3), tem dimensões globais tanto em termos de motivações diretas quanto de modos de operação. Ao mesmo tempo, as causas mais profundas do terrorismo também envolvem aspectos dos processos de globalização.

Cronin (2002/3) usa os conceitos de terrorismo internacional e terrorismo globalizado para marcar transformações nos padrões de terrorismo em períodos distintos. Enquanto o terrorismo para Cronin, “tornou-se firmemente internacional nas décadas de 1970 e 1980” (Cronin, 2002/3, p. 31), um novo padrão de

³⁵ Para Cronin (2002/3, p. 38), os atentados de 11 de setembro demonstraram a maturação do terrorismo nascido de uma ‘era da jihad’, que teve início na revolução Iraniana, em 1979, e na derrota dos Soviéticos no Afeganistão, pouco tempo depois, na década de 1980.

terrorismo surge a partir da revolução iraniana de 1979 e da derrota soviética no Afeganistão³⁶. A diferença entre os dois conceitos se dá pelo fato do terrorismo globalizado combinar a crescente natureza religiosa do terrorismo e o contexto histórico definido pela globalização³⁷ – com destaque para o papel dos Estados Unidos, como potência hegemônica, nesse processo (Cronin, 2002/3, p. 45).

A religião, para esses autores, transforma sim o terrorismo, dando origem a um novo padrão de terrorismo potencialmente mais letal. No entanto, o foco da análise dos autores sobre a identidade religiosa não é em um padrão de violência irracional ou com objetivos qualificados como apocalípticos. Para esses autores, a religião oferece mecanismos de legitimação para o emprego da violência por meio de sistemas de valores diferenciados. No entanto, ainda são relacionadas questões políticas entre os objetivos do terrorismo. Para esses autores, a principal transformação trazida pela influência da religião, associados aos padrões da Al Qaeda, está relacionada muito mais a uma transformação das dimensões dos objetivos do terrorismo - que não se limitam por fronteiras estatais, uma vez que a identidade religiosa não se limitada por tais fronteiras – do que ao fanatismo (Rapoport, 2002).

Por essa forma de representar o terrorismo contemporâneo, o novo terrorismo é caracterizado, então, pela influência da religião islâmica nas motivações do terrorismo, mas sem anular a existência de motivações diretas políticas do terrorismo. Segundo Rapoport (2002), o que diferencia a relação entre a religião e o terrorismo nessa onda iniciada na década de 1980 é que a religião oferece justificativa e princípios organizadores para os objetivos políticos dos terroristas. Uma relação muito mais significativa do que em ondas anteriores de terrorismo, quando havia frequentemente motivação religiosa, mas de forma que as identidades religiosas e étnicas eram coincidentes e os objetivos dos terroristas estavam relacionados à criação de estados independentes, nos moldes dos Estados soberanos que formam o sistema internacional (Rapoport, 2002).

³⁶ Segundo Cronin (2002/3), já haviam importantes ligações internacionais entre terroristas bem antes, ainda entre os anarquistas do fim do século XIX. No entanto, o terrorismo adquire um caráter internacional consolidado ao longo das décadas de 1970 e 1980, em parte como resultado de avanços tecnológicos e, em parte, pela explosão da influência da mídia.

³⁷ Cronin define globalização como “um processo de expansão gradual de interpenetração nos campos econômico, político, social e de segurança, não controlado por ou separado das noções tradicionais de soberania estatal” (Cronin, 2002/03, p. 45).

Dentro dessa argumentação, religião islâmica e política se misturam na constituição das motivações do novo terrorismo contemporâneo. A outra referência temporal que relaciona a religião como central para um novo padrão de terrorismo dá origem a uma relação distinta entre a religião e a política. Para exemplificar essa idéia, podemos identificar como a idéia de globalização é abordada por Simon, dentro do recorte temporal da década de 1990 como berço do novo terrorismo.

Para Simon (2003), questões políticas ligadas à globalização são discutidas, apenas, ao nível de causas mais profundas do terrorismo. Para o autor, “as forças do mercado global, fora do controle dos Estados ocidentais, aprofundam a penetração cultural, aumentando ainda mais os ressentimentos alimentados por profundos problemas sociais e políticos – como o crescimento lento das economias de países menos desenvolvidos ou em desenvolvimento, desemprego, baixa escolaridade, falta de recursos e o crescimento desordenado das zonas urbanas” (Simon, 2003). Do outro lado da balança de poder e riqueza, ele coloca o poderio econômico, militar e principalmente, simbólico, dos Estados Unidos, com sua influência determinante em áreas de grande instabilidade, como o Oriente Médio. O resultado desse processo, para Simon é “o surgimento de múltiplos campos para a jihad” (Simon, 2003).

O que diferencia a argumentação de Cronin (2002/3) da de Simon (2003) é a idéia de que a globalização não apenas provoca o terrorismo como uma reação, por meio da violência, mas também transforma ou influencia as motivações e o modo de operação dos terroristas. Os dois autores trabalham com o papel central da religião no surgimento de um novo terrorismo e, conseqüentemente, do aumento da letalidade do terrorismo – reconhecido como ponto de consenso entre os autores.

No entanto, a idéia de fanatismo religioso como elemento distintivo do terrorismo contemporâneo dissocia o novo terrorismo de motivações políticas diretas, o que não ocorre com a argumentação de Cronin (2002/3). Pode-se demarcar então, até aqui, duas formas distintas de representar o que define o novo no terrorismo contemporâneo, em relação a dois recortes temporais distintos de transformação do padrão de terrorismo contemporâneo. Como característica de consenso do novo terrorismo encontra-se o maior potencial de letalidade desse padrão de terrorismo.

3.2.3.

A década de 1970 e o aumento da letalidade do terrorismo

Outro recorte temporal encontrado nos debates sobre o novo terrorismo remete a década de 70, de encontro ao que alguns autores vão considerar marcou a internacionalização do terrorismo (Jenkins, 2006). Para Jenkins (2006), o terrorismo contemporâneo começou a se desenvolver na década de 1970. O que há de novo no terrorismo contemporâneo, para Jenkins (2006), pode ser resumido pelo seu maior potencial de letalidade e suas novas características de organização e de operação, associados à idéia de internacionalização do terrorismo.

Segundo Jenkins (2006), os números mostram que, na década de 70, os mortos em atentados eram contados em dezenas, nos anos 80 em centenas, na década de 90, centenas de mortos tornam-se mais freqüentes e o novo século trouxe o 11 de setembro, com vítimas aos milhares. Em termos qualitativos, Jenkins (2006) considera que o terrorismo se tornou mais letal por dois aspectos principais: a substituição das causas e motivações políticas do terrorismo pelo fanatismo religioso e por questões de ódio entre etnias e a necessidade de manter o interesse da mídia para garantir exposição.

Os outros aspectos relacionados por Jenkins (2006) como definidores de um novo padrão de terrorismo podem ser englobados pela idéia de internacionalização do terrorismo. São eles, o desenvolvimento de novas formas de financiamento, o alcance global, a incorporação de possibilidades de comunicação oferecidas pelas novas tecnologias de informação e a organização dos grupos em redes, tudo isso intensificado pelo desenvolvimento de estratégias mais amplas do que as táticas dispersas dos antigos terroristas (Jenkins, 2006).

O contexto histórico a que Jenkins (2006) remete a origem do terrorismo contemporâneo é o mesmo que alguns autores vão associar à consolidação do caráter internacional do terrorismo. Ao escolher a década de 1970 como referência para o terrorismo contemporâneo, Jenkins (2006) coloca como central para o debate sobre o novo no terrorismo a internacionalização e seus principais elementos – a forma de se organizar em redes transnacionais e a revolução nas tecnologias da informação, que envolveu a criação das redes mundiais de

televisão, das transmissões ao vivo às câmeras de vídeo mais leves e portáteis e a invenção da rede mundial de computadores.

Como vimos antes, a mesma referência temporal é usada por outros teóricos para marcar a internacionalização do terrorismo³⁸. Dois eventos são relacionados constantemente a essa mudança de padrão do terrorismo: o atentado em Munique, em 1972, e o seqüestro do avião da EL AL, em 1968. A relevância desses dois acontecimentos se deve a uma série de motivos, entre eles a escolha de alvos extremamente simbólicos e o impacto da cobertura da mídia, recém transformada pelas novas tecnologias que deram origem a redes de mídia global.

O ano de 1968, o marcou o nascimento do terrorismo internacional, segundo Hoffman, além de uma “revolução nos meios de comunicação – o início da primeira transmissão televisiva via satélite, nos Estados Unidos” (Hoffman, 2006, 178). A interação entre mídia e o terrorismo tem a mesma idade do surgimento da ideologia que impulsionou o emprego do terrorismo como tática de mobilização política - a “propaganda pelo ato”. Desde os revolucionários do século XIX e início do século XX, a imprensa era um componente importante na intenção de atingir uma audiência maior do que o alvo da violência direta.

O autor também destaca uma transformação nas motivações como definidora do novo padrão de terrorismo, mas a religião não é exclusivamente o foco do autor. O fanatismo religioso, assim como disputas étnicas, colabora para o aumento da letalidade do terrorismo na visão do autor. Pode-se dizer que a violência irrestrita associada ao ódio e ao fanatismo é que é o foco da análise do autor, por substituírem as motivações fundamentalmente políticas de antigas práticas de terrorismo.

A escalada de violência é também alimentada pela necessidade de manter o impacto na percepção de uma audiência maior do que as vítimas diretas dos ataques terroristas. As transformações da mídia identificadas com esse recorte temporal têm significativo papel nessa idéia, uma vez que o volume de informação é maior, assim como a audiência atingida e intencionada pelos terroristas e a quantidade de violência a que é exposta diariamente. Sendo assim, o autor estabelece uma relação entre a necessidade do terrorismo de garantir

³⁸ Cf. Cronin, 2002/03, p. 37.

exposição na mídia e provocar efeito na percepção de uma audiência e o aumento do potencial destrutivo do novo terrorismo contemporâneo.

O recorte temporal proposto por Jenkins (2006) para o início do terrorismo contemporâneo – a década de 1970 – foca o aumento da letalidade do terrorismo - com ênfase nas transformações das novas tecnologias da informação e na substituição de motivações políticas pelo fanatismo religioso e pelo ódio entre etnias – e aspectos da internacionalização do terrorismo – com ênfase na organização em redes, em novos mecanismos de financiamento, na exploração de novas tecnologias da informação e elaboração estratégias mais complexas.

3.2.4.

A negação dos cortes temporais – o papel da mídia no aumento da letalidade do terrorismo

Em oposição a todos esses recortes temporais relacionados ao surgimento de um novo terrorismo, há os teóricos que defendem uma continuidade do terrorismo moderno (Duyvesteyn, 2004; Spencer, 2006). O argumento central desses autores é que os supostos marcos de transformações do terrorismo se referem a mudanças mais amplas, sejam tecnológicas, sociais ou políticas.

“Foi o mundo que mudou e não o terrorismo”, segundo Duyvesteyn (2004, p. 449). A crítica perpassa tanto a idéia de um terrorismo internacional moderno, quanto a idéia de um novo terrorismo contemporâneo. Em primeiro lugar, o conceito de terrorismo internacional baseado na visão das décadas de 60 e 70 como berço do terrorismo internacional moderno não é ponto pacífico nos debates sobre o terrorismo. Nessas duas formas de situar o contexto histórico da internacionalização do terrorismo, a revolução na tecnologia da informação que permitiu as transmissões via satélite, com alcance global, está profundamente associada à possibilidade explorada pelos terroristas de provocar efeito em uma audiência maior do que as vítimas diretas dos ataques, agora a milhas e milhas de distância dos objetivos políticos que pretendiam alcançar.

A relação entre a transformação da mídia e do terrorismo é um dos pontos explorados pelos críticos da idéia da existência de características que justifiquem o uso do rótulo “novo” para o terrorismo contemporâneo. A forma de associar o surgimento do terrorismo internacional a um recorte temporal nas décadas de 60 e

70 é um dos pontos questionados por esses teóricos³⁹, que identificam continuidades e não novidades no terrorismo contemporâneo. A internacionalização do terrorismo pode ser remetida, por exemplo, aos revolucionários do fim do século XIX (Bergesen & Lizardo, 2004, p. 45), que já estabeleciam conexões e praticavam atentados cruzando fronteiras.

Para esses autores, a organização terrorista baseada em redes de células espalhadas por mais de um país também não é uma novidade do terrorismo contemporâneo. Os anarquistas do fim do século XIX, segundo Duyvesteyn, já se organizavam em redes transnacionais (Duyvesteyn, 2004, p. 444). Nas décadas de 1960 e 1970, o Hezbollah e a OLP também tinham conexões espalhadas por mais de um país, assim como o IRA.

A perspectiva de continuidade também questiona a perda de referência territorial e nacional do terrorismo. Para Duyvesteyn, o terrorismo mantém tanto interesses regionais baseados na territorialidade, quanto orientação territorial para sua organização e operação (Duyvesteyn, 2004, p. 444). Por exemplo, as ambições territoriais da Al Qaeda seriam exemplificadas pela intenção de estabelecer um califado – uma comunidade de fiéis (*Umma*) - em uma região do Norte da África ao Sudeste da Ásia (Duyvesteyn, 2004, p. 444). Além disso, a Al Qaeda operava de um santuário no Afeganistão, antes da invasão americana.

As motivações religiosas do terrorismo contemporâneo são inseridas igualmente em uma continuidade histórica. Spencer identifica a continuidade no terrorismo religioso em dois aspectos interligados (Spencer, 2006, p. 14). Por um lado, a religião esteve na origem das mais antigas manifestações de terror, como os Assassinos do século XIII e os *Zealot-Sicarii* e também permeava a ideologia étnico-separatista de muitos grupos do século XX, como o Exército Republicano Irlandês (IRA) e FLN muçulmana, na Argélia (Spencer, 2006, p. 14). Por outro lado, além da motivação fortemente religiosa do terrorismo da Al Qaeda, a rede também tem uma agenda política, que envolve a formação de uma comunidade política islâmica (*Umma*), a retirada de influência estrangeira de territórios

³⁹ Embora o terrorismo internacional não seja o conceito sobre o qual se debruçam as análises críticas do conceito de “novo terrorismo”, o recorte temporal que deu origem à idéia da internacionalização do terrorismo moderno acaba sendo questionado pela percepção de continuidade histórica do terrorismo, que remete a padrões contínuos desde o fim do século XIX.

sagrados do Islã e a derrubada dos governos da Arábia Saudita e do Egito (Spencer, 2006, p. 14).

Ainda outro aspecto importante aparece para esses teóricos como um fenômeno em evolução contínua: a maior letalidade do terrorismo. A intenção de provocar um maior número de mortes, para Spencer, já se evidenciava na década de 1980, quando as estatísticas mostram que o número de mortes por atentado aumentou⁴⁰. O conceito de novo terrorismo que o autor procura confrontar com esses números tem como marco temporal a década de 1990 (Spencer, 2006, p. 16). Como vimos anteriormente, esse não é o único marco temporal identificado na literatura sobre o tema a novas características do terrorismo.

No entanto, outros argumentos apresentados na literatura crítica ao novo terrorismo desafiam diretamente todos os recortes temporais propostos anteriormente, especialmente a referência temporal de Jenkins (2006). O aumento da letalidade, visto como processo contínuo, é associado à necessidade de causar cada vez maior impacto na opinião pública – seja local, global ou mundial - para atrair uma audiência cada vez maior. Por esse argumento, o aumento da letalidade do terrorismo, assim como outras características na contemporaneidade, é consequência das transformações pelas quais passou o mundo, nas últimas décadas.

A necessidade de violência irrestrita e de níveis cada vez maiores de destruição está, para Spencer (2006) e Duyvesteyn (2004), diretamente ligada à relação do terrorismo com as transformações da mídia global. No entanto, o que esse novo ambiente de redes globais de informação trouxe não foi uma transformação da natureza do terrorismo, mas da necessidade de provocar um maior impacto simbólico para atingir o objetivo tático do terrorismo de aterrorizar uma audiência cada vez maior e mais acostumada a um volume maior de informação e, conseqüentemente, de violência. Enquanto para Jenkins (2006), a necessidade de garantir exposição na mídia é um dos dois fatores determinantes do aumento da letalidade do terrorismo - compondo os elementos que distinguem um novo padrão de terrorismo - para Spencer (2006) e Duyvensteyn (2004), a necessidade de garantir exposição em uma mídia que adquire dimensões globais leva o terrorismo a se adaptar a uma nova realidade, aumentando a letalidade dos

⁴⁰ Para verificar os dados estatísticos, ver gráficos em Spencer. 2006, p. 16.

ataques para alcançar o mesmo efeito. Para Jenkins (2006), o aumento da letalidade e os processos de internacionalização do terrorismo marcam o surgimento de um novo terrorismo. Para Spencer (2006) e Duyvensteyn (2004), o aumento da letalidade, assim como todos os processos de internacionalização do terrorismo, são acarretados por mudanças no contexto histórico e não no terrorismo.

3.2.5.

O 11 de setembro como um recorte – o aumento da letalidade para a escala da guerra

Um outro conceito aparece nos debates sobre o terrorismo contemporâneo, relacionado a uma transformação dos padrões do terrorismo em 11 de setembro de 2001 (Falk, 2003a, 2003b). A idéia da existência de um megaterrorismo foi definida por Falk como um desafio único, diferente de outras formas anteriores de terrorismo global “pela magnitude, forma e ideologia” (Falk, 2003a, p. 39). O megaterrorismo, para Falk, implica em “violência contra civis que atinge níveis significativos de destruição concreta e simbólica, numa escala associada anteriormente apenas a ataques militares de larga-escala lançados por Estados soberanos” (Falk, 2003a, p. 7 et. seq.). Em termos concretos, os mais de 3 mil mortos, o impacto econômico e as imagens de destruição dos prédios em Nova York e Washington são facilmente identificáveis. Já a sua dimensão simbólica envolveu uma série de processos, em diferentes âmbitos, relacionados à intenção dos terroristas de alterar a percepção de uma audiência maior, seja para provocar terror e insegurança ou chamar atenção para uma determinada causa.

A distinção entre destruição concreta e simbólica remete à classificação proposta nesta dissertação entre elementos de duas dimensões do modo de operação do terrorismo, presentes em definições do conceito. A destruição concreta se refere à violência direta empregada pelos terroristas e a violência simbólica remete à intenção de alterar a percepção de uma audiência. No caso dos atentados de 11 de setembro, Falk (2003a) identifica um novo padrão tanto de violência direta como de alteração da percepção de uma audiência.

O nascimento desse novo padrão de terrorismo, para Falk, está associado às características da Al Qaeda, com ênfase no modo de operação (Falk, 2003a, p. 38). O novo no terrorismo, por essa perspectiva, é uma escala de violência direta e

de alteração da percepção comparável a um estado de guerra. O modo de operação da Al Qaeda aparece como central para o surgimento desse novo padrão de terrorismo.

Ao apontar o 11 de setembro como marco de um novo padrão de terrorismo, Falk (2003a) não identifica os atentados com nenhuma mudança profunda na ordem mundial, mas com a primeira guerra dessa nova ordem. Trata-se, então, de associar o que há de novo no terrorismo evidenciado em 11 de setembro com a guerra – uma guerra igualmente distinta, porque não se enquadra no modelo de conflito tradicional entre Estados soberanos (Falk, 2003a, p. 8).

A discussão sobre o conceito de guerra em relação à guerra contra o terror lançada em 2001 pelos Estados Unidos é complexa e não vamos explorá-la no espaço dessa dissertação. O que Falk e outros autores associam a transformações do conceito de guerra nesse contexto será abordado de forma tangencial, com a intenção de destacar os principais elementos constitutivos de um novo terrorismo nessa linha de pensamento.

O que interessa para essa pesquisa é levantar alguns dos aspectos centrais da ruptura com padrões anteriores de terrorismo para o entendimento do 11 de setembro em termos de guerra. Algumas conclusões podem ser tiradas ao confrontar o argumento de Falk (2003a, 2003b) com o de Ignatieff (2001). Ignatieff (2001) também interpretou o 11 de setembro como um evento sem precedentes na história – um marco de algo novo. No entanto, a argumentação de Ignatieff (2001) se baseia em um entendimento dos fatos como eventos excepcionais, que podem ser entendidos sem considerações sobre contexto histórico ou evolução do terrorismo. As dimensões do terrorismo praticado pela Al Qaeda aparecem como representativas de algo tão grotesco que sequer pode ser julgado imoral pela ordem normativa vigente. Trata-se de “nihilismo apocalíptico” (Ignatieff, 2001), “não pode ser pensado em relação a nenhum processo dentro do campo da política e nem da guerra, entendida como o fazer política por outros meios” (Ignatieff, 2001).

Um dos pontos que leva a discussão proposta por Falk (2003a, 2003b) para um campo absolutamente distinto, embora partindo de um mesmo ponto – o entendimento dos atentados de 11 de setembro como o marco de algo novo – é a consideração dos atos como parte do processo de transformação do terrorismo.

Dessa forma, Falk enfatiza a necessidade de tratar os ataques de 11 de setembro sem isolá-los de seu contexto social, político e cultural (Falk, 2003a, p. 44).

Nesse caso, o megaterrorismo – definido em termos de guerra – tem suas motivações, modos de operação e potenciais de letalidade moldados dentro de transformações do terrorismo. O novo em relação ao 11 de setembro é associado a uma transformação de um padrão anterior, que evolui para uma escala de letalidade comparável a de Estados em guerra. O fenômeno anterior ao qual se refere Falk (2003a) é o terrorismo globalizado.

Para atingir um potencial de letalidade da ordem da guerra, Falk (2003a) entende que as motivações e os modos de operação do terrorismo foram transformados, incluindo um aumento do impacto simbólico dos ataques terroristas. Para Falk, o que a Al Qaeda traz de novo é a associação entre uma organização em rede global e sem grande necessidade de fixação em um território delimitado e seus objetivos messiânicos de dimensões igualmente globais (Falk, 2003b, p. 49). Como consequência dessas características distintivas, o megaterrorismo atingiu uma capacidade destrutiva da ordem da guerra.

Falk alerta para a tendência inicial de tentar enquadrar a guerra contra o terrorismo em um modelo Estatal, com o Afeganistão como inimigo, ofuscando o entendimento de que atacar aquele país não iria destruir a rede terrorista (Falk, 2003a, p. 1). O que há de novo no inimigo desta guerra, para Falk, é que ele representa a forma organizacional da era da globalização – uma rede que pode operar em qualquer lugar e em todos os lugares ao mesmo tempo, sem estar situada especificamente em nenhum lugar (Falk, 2003a, p. 6). Para Falk, o megaterrorismo da Al Qaeda não se encaixa no arcabouço político e legal baseado na interação de Estados soberanos, o que implica em pensar novos parâmetros jurídicos e políticos para a guerra (Falk, 2003a, p. 8).

Aqui também outro debate extenso – sobre a natureza da guerra e as políticas de contra-terrorismo - vem sendo travado no campo acadêmico e não vamos aprofundá-lo no espaço dessa dissertação. Em oposição a argumentos sobre a necessidade de repensar as políticas de combate ao terrorismo com base na originalidade da guerra contra o terrorismo, estudiosos do tema vão afirmar, por exemplo, que a referência não-territorial da Al Qaeda foi superestimada por argumentações como a de Falk “e que a rede tinha de fato uma relação intrínseca com a estrutura de Estado afegã” (Freeman, 2002, p. 38). Outros vão defender a

adequação da guerra contra o terrorismo às normas vigentes sobre a conduta da guerra (Greenwood, 2001, p. 2).

A partir daqui, pode-se buscar conclusões análogas às das discussões anteriores neste capítulo. Pela visão de Falk, a natureza sem precedentes do megaterrorismo – tendo como marco temporal o 11 de setembro – elevou o terrorismo para um potencial de letalidade da escala da guerra (Falk, 2003a).

3.2.6. Perguntas do debate sobre o novo terrorismo

Procuramos apresentar recortes do debate sobre novo terrorismo de forma a desvendar as associações que cada autor estabelece entre marcos temporais de transformação do terrorismo e o aspecto focado como principal elemento de um novo padrão de terrorismo. Sendo assim, categorizamos a argumentação dos autores relacionados anteriormente, de acordo com o quadro abaixo:

Corte temporal	Autores	Aspecto(s) focado como principal(ais) determinante(s) da descontinuidade no padrão do terrorismo.
Década de 1990	Laqueur Simon Benjamim	- O fanatismo religioso substitui questões políticas entre as motivações do terrorismo.
Revolução iraniana de 1979 e derrota soviética no Afeganistão	Rapoport Cronin	- A formação da Al Qaeda - que envolve a influência da religião islâmica nas motivações do terrorismo, mas sem descartar os elementos políticos da motivação do terrorismo.
A década de 1970	Brian Jenkins	- O terrorismo se torna mais letal pelo fato do fanatismo religioso e o do ódio entre grupos étnicos substituírem questões políticas como motivadores do terrorismo e pela necessidade de manter a atenção da mídia para conseguir exposição. - Aspectos da internacionalização do terrorismo são enfatizados (organização em redes, novas formas de financiamento envolvendo fluxos transnacionais de recursos, exploração das novas tecnologias de mídia com alcance global).
A negação de cortes temporais	Spencer Duyvensteyn	Não existe. O único aspecto sem precedentes do terrorismo é o aumento da letalidade, visto como consequência de uma tendência contínua de aumento, pela necessidade de manter a exposição na mídia, exigindo cada vez maiores níveis de violência.
11 de setembro de 2001	Falk	A consolidação de um aumento da letalidade do terrorismo – em termos de maior capacidade de impingir violência direta e de maior capacidade de alterar a percepção de uma audiência cada vez maior – para uma escala da ordem da guerra.

A partir do quadro, podemos tirar algumas conclusões sobre diferentes formas de representar o terrorismo contemporâneo, em relação aos recortes temporais escolhidos como referência de surgimento de um novo padrão de terrorismo. A partir dessas conclusões vamos elaborar parâmetros para a análise dos textos dos jornais americanos selecionados.

Em geral, o debate em torno do conceito de novo terrorismo e outros conceitos ligados à idéia de novo é marcado por um ponto de consenso: o terrorismo contemporâneo é potencialmente mais letal do que manifestações anteriores. Os que defendem o novo terrorismo concordam sobre seu caráter de maior potencial de letalidade – mas enxergam essa característica como integrante de um novo padrão de terrorismo. No entanto, a partir daí, esses autores divergem em muitos aspectos, desde os cortes temporais que escolhem para o início de um novo padrão de terrorismo até suas características distintivas principais.

Há muitas formas de organizar esse debate e classificar seus consensos e discordâncias. Decidimos fazê-lo a partir dos recortes temporais escolhidos pelos autores como marco do surgimento de um novo padrão de terrorismo, por vezes dando origem a novos conceitos como novo terrorismo, terrorismo globalizado ou megaterrorismo.

A partir do quadro anexo, podemos tirar algumas conclusões sobre as diferentes formas de representar o terrorismo. A primeira delas diz respeito ao consenso sobre o terrorismo contemporâneo apresentar um maior potencial de letalidade. Nas relações estabelecidas entre os recortes temporais determinados pelos autores e seus focos de descontinuidade do terrorismo podemos perceber uma primeira distinção entre autores que trabalham com focos de descontinuidade que levariam a um aumento da letalidade do terrorismo e autores que trabalham com o aumento da letalidade como um foco de descontinuidade em si.

No primeiro grupo relacionamos Laqueur, Simon, Benjamin e o recorte temporal da década de 1990 e Cronin e Rapoport e o recorte temporal da revolução iraniana de 1979 e da derrota dos soviéticos no Afeganistão. No segundo grupo, relacionamos Falk com o recorte do 11 de setembro, Jenkins e o corte da década de 1970. Spencer e Duyvensteyn não trabalham com a descontinuidade do terrorismo, mas percebem o terrorismo como mais letal, dentro de uma perspectiva de continuidade do aumento da letalidade. Essa primeira distinção vai

dividir em duas novas classificações as relações que vamos estabelecer entre aspectos do terrorismo e recortes temporais.

No primeiro grupo – onde o aumento da letalidade não é um foco de descontinuidade em si - pode-se perceber duas formas distintas de relacionar religião e motivação direta do terrorismo. Sendo o fanatismo religioso entendido como uma nova motivação do terrorismo contemporâneo, vimos que ele aparece dissociado de motivações políticas. Em paralelo, quando o foco são as motivações específicas da Al Qaeda, o que há de novo nas motivações do terrorismo é representado como uma mistura complexa de influências do islamismo e de motivações políticas. Portanto, é esse aspecto – a relação entre religião e política na motivação do terrorismo - que vamos explorar na primeira pergunta deste debate e quarta questão do capítulo: **Como a relação entre motivações políticas e religiosas do terrorismo é representada nos textos jornalísticos? Para essa análise, vamos verificar se os mesmos padrões de associação entre recortes temporais e focos de descontinuidade aparecem nos textos dos jornais. A análise vai ser orientada pelas classificações que vamos delimitar a partir das referências de associações entre recortes temporais, focos de descontinuidade e a relação entre motivações políticas e ligadas à religião.**

Corte temporal	Foco de descontinuidade	Relação entre motivações políticas e religiosas
Década de 1990	Fanatismo religioso	A religião predomina e substitui a política como motivação principal do terrorismo.
Revolução iraniana de 1979 e derrota dos soviéticos no Afeganistão.	A Al Qaeda	As motivações religiosas – especificamente uma determinada interpretação do islamismo - se misturam à motivações políticas do terrorismo.

A partir do segundo grupo de autores, agrupados pelo entendimento do aumento da letalidade do terrorismo como um foco de descontinuidade em si, vamos estabelecer uma última questão de análise. Os dois recortes temporais – o 11 de setembro e a década de 1970 – têm em comum o elemento de aumento do potencial de letalidade do terrorismo como um marco de transformação do padrão

do terrorismo. O recorte temporal da década de 1970 destaca como aspectos desse aumento da letalidade a substituição de motivações políticas por fanatismo religioso e ódio entre etnias e a necessidade de garantir exposição na mídia. Já o recorte do 11 de setembro como marco do surgimento de um terrorismo mais letal relaciona a maior letalidade à capacidade de impingir maior violência direta e maior alteração na percepção de uma audiência. Embora haja ligação com a idéia de aumento da letalidade, não vamos trabalhar na pergunta com a negação de cortes temporais.

Aqui, as comparações possíveis entre focos de descontinuidade se dão ao nível do modo de operação do terrorismo. Vamos explorar esse aspecto para propor uma última questão para a análise: **Pode-se verificar nos textos dos jornais americanos a idéia de um aumento do potencial de letalidade do terrorismo? Em caso afirmativo, existem associações entre o aumento do potencial de letalidade e transformações no modo de operação do terrorismo semelhantes às identificadas no debate acadêmico?**

Nos textos acadêmicos, estabelecemos relações entre dois recortes temporais de referência para o aumento da letalidade - década de 1970 e 11 de setembro de 2001- e determinada relação entre o aumento da letalidade e o modo de operação do terrorismo, como mostra o quadro abaixo:

Recorte temporal	Foco(s) de descontinuidade	Relação entre maior letalidade e modo de operação.
A década de 1970	<p>O terrorismo se torna mais letal pelo fato do fanatismo religioso e do ódio entre grupos étnicos substituírem questões políticas como motivadores do terrorismo e pela necessidade de manter a atenção da mídia para conseguir exposição.</p> <p>Aspectos da internacionalização do terrorismo são enfatizados (organização em redes, novas formas de financiamento envolvendo fluxos transnacionais de recursos, exploração das novas tecnologias de mídia com alcance global)</p>	Aumento da letalidade é associado à necessidade de manter a atenção da mídia para conseguir exposição
11 de setembro de 2001	A consolidação de um aumento da letalidade do terrorismo para uma escala da ordem da guerra – em	Aumento da letalidade para uma escala de guerra associado ao aumento da capacidade de impingir

	termos de maior capacidade de impingir violência direta e de maior capacidade de alterar a percepção de uma audiência cada vez maior	violência direta e da capacidade de alterar a percepção de uma audiência cada vez maior
--	---	--

4

O terrorismo nos textos de dois jornais americanos – The New York Times e The Washington Post – nos dias seguintes ao 11 de setembro de 2001

Uma vez estabelecidos parâmetros para a análise de textos jornalísticos, vamos delimitar nossa metodologia de pesquisa a partir das categorias encontradas nos debates acadêmicos. A forma como essas categorias aparecem nos textos jornalísticos é distinta da encontrada no debate acadêmico.

Nos textos acadêmicos, encontramos debates sobre o conceito de terrorismo que podem ser recortados de acordo com questões ligadas a causas, modos de operação ou natureza dos agentes, como foi feito no capítulo anterior. Nos textos jornalísticos, é muito pouco freqüente a existência de discussões sobre o conceito de terrorismo ou outros aspectos ligados ao estudo do terrorismo. Embora essas questões apareçam em algumas reportagens, não vamos restringir nossa análise dos jornais a esse tipo de argumentação.

Para analisar como o conceito de terrorismo foi empregado por dois dos principais jornais americanos, vamos buscar as associações de idéias entre o terrorismo e idéias relacionadas a causas ou motivações, modos de operação e natureza dos agentes do terrorismo e, ainda, as associações entre recortes temporais e mudanças nas motivações e nos modos de operação do terrorismo.

Para tanto, não faremos distinções sobre o modo como essas idéias são apresentadas nos textos – se por meio de declarações de entrevistados ou informações apresentadas diretamente pelos redatores. Vamos considerar válidas quaisquer associações de idéias que foram usadas para compor cada uma das reportagens, seja por meio de trechos de entrevistas ou informações apresentadas pelos próprios jornais.

Cada reportagem selecionada tem a palavra terrorismo (“*terrorism*”, em inglês), o que garante que o terrorismo está entre os assuntos ou é o assunto principal do texto. Para encontrar possíveis padrões de associações de idéias vamos considerar cada uma das reportagens como uma unidade de pesquisa, em

que um determinado conjunto de associações de idéias de causas ou motivações, modos de operação e natureza dos agentes podem ser encontradas. Ao fim do período delimitado – entre os dias 12 de setembro e 7 de outubro de 2001 – vamos avaliar a existência de possíveis padrões de repetições de associações de idéias. Para tanto, vamos destacar frases, expressões ou parágrafos que contenham essas idéias e organizar tabelas de acordo com a metodologia desenvolvida para cada uma das perguntas propostas no capítulo anterior, divididas entre as perguntas do debate sobre legitimidade e do debate sobre o novo terrorismo.

4.1.

Metodologia de análise das questões do debate sobre legitimidade

Em primeiro lugar, vamos trabalhar as três questões relativas ao debate sobre legitimidade do uso da força e a definição de um conceito de terrorismo. São elas:

Pergunta 1 - Como o conteúdo dos textos associa o terrorismo a possíveis motivações diretas ou causas profundas? Vamos investigar, em primeiro lugar, se existe alguma associação entre o terrorismo e causas profundas e motivações diretas. Caso exista, vamos investigar se há associação de causas e motivações com a percepção de legitimidade dessas causas e motivações por parte de alguma audiência maior que o próprio grupo terrorista ou pelo próprio jornal.

Pergunta 2 - Como os jornais delimitam a natureza do agente do terrorismo?

Vamos verificar se o terrorismo aparece associado a agentes Estatais ou apenas agentes não estatais ou ainda se Estados aparecem como financiadores do terrorismo.

Pergunta 3 - Como é representado o modo de operação do terrorismo, em relação às possíveis formas de defini-lo classificadas anteriormente? É

ênfatizada a intenção de alterar a percepção de um público ou a dimensão da violência direta, ou, ainda, as duas dimensões relacionadas?

Para tanto, vamos explorar se há especificação de armas, táticas e alvos do terrorismo – tendo em vista que essas categorias podem se referir a qualquer um dos dois focos de definição classificados anteriormente.

Para facilitar a delimitação da metodologia para cada uma das perguntas propostas, vamos trabalhá-las em separado. Em comum, a metodologia usada para as três questões terá elementos de uma análise quantitativa e de uma análise qualitativa.

4.1.1. Metodologia para a pergunta um

Para a análise das associações entre o terrorismo e as idéias de causas e motivações cabe relacionar a delimitação proposta para as motivações diretas e as causas profundas em um contexto acadêmico com as possíveis classificações em textos jornalísticos. As motivações diretas dos terroristas aparecem em reportagens de jornais de diferentes formas. Motivações diretas do terrorismo – as causas que os terroristas dizem motivar seus atos – podem aparecer na fala direta de um terrorista citado, podem ser identificadas pela reportagem ou, ainda, estarem implícitas em expressões usadas em relação aos terroristas ou ao terrorismo, como terrorismo islâmico, por exemplo. A expressão terrorismo islâmico, por exemplo, implica no reconhecimento de que a identidade religiosa está entre as motivações do terrorismo. Motivações diretas são, então, tanto as motivações citadas pelos terroristas – relatadas diretamente por eles ou não – quanto interpretações de terceiros sobre quais seriam tais motivações. Excluem-se aqui, possíveis associações do terrorismo exclusivamente à vontade divina - a um ato direto – que é um argumento esporadicamente presente em entrevistas relatadas em reportagens, mas que não vamos incluir na categoria de motivação direta associada ao terrorismo.

Já a idéia de causa profunda pode aparecer em textos jornalísticos como um comentário de um especialista ou político ou mesmo do próprio jornal, no sentido de identificar problemas mais amplos que possam, de algum modo, servir

de estímulo para o terrorismo. Partindo dessas classificações, vamos verificar a existência de idéias de motivações diretas e causas profundas associadas ao terrorismo nos textos dos jornais. Caso existam, vamos analisar também se idéias de justiça da causa ou de legitimidade do terrorismo aparecerem associadas às causas ou motivações, vamos preencher o quadro com que tipo de idéia de justiça e legitimidade e a qual audiência se refere a percepção de justiça ou legitimidade.

Vamos analisar também se existem causas ou motivações consideradas justas por alguma audiência relacionadas ao terrorismo nos textos. A audiência a que se refere a percepção de justiça pode ser uma audiência apresentada pelo jornal, ou por um entrevistado, ou mesmo o próprio jornal reconhecendo a justiça de uma causa.

4.1.2. Metodologia para a pergunta dois

Nessa etapa da análise vamos nos restringir a verificar as idéias ligadas à natureza do agente que são associadas ao terrorismo nos textos. Não pretendemos investigar especificamente os grupos a que o terrorismo é associado ou a que tipo de organização. Vamos investigar se o terrorismo é associado a agentes não estatais, a uma prática de Estados ou à idéia de um Estado que financia ou dá abrigo, mas não pratica terrorismo.

Cabe ressaltar que não vamos trabalhar apenas com a expressão “*state sponsor*” ou agente financiador de terrorismo numa tradução livre, mas sim com a idéia de Estados que financiam ou dão proteção ao terrorismo. Vamos verificar quantas vezes aparecem associações das três categorias ao terrorismo, se há associação de duas ou três categorias ao mesmo tempo, em uma análise quantitativa das associações identificadas.

4.1.3. Metodologia para a pergunta três

Vamos verificar os tipos de modo de operação que podem ser encontrados nos textos, em relação às classificações de violência direta e intenção de alterar a percepção de uma audiência. Para tanto, vamos buscar idéias relacionadas a

armas, alvos e táticas referentes à dimensão da violência direta do terrorismo e a armas, alvos e táticas referentes à intenção de alterar a percepção de uma audiência.

Como partimos de uma discussão acadêmica para trabalhar textos jornalísticos, cabe discutir a pertinência das classificações apresentadas. Como se trata de reportagens jornalísticas, as idéias ligadas ao modo de operar dos terroristas podem aparecer em trechos de reportagens tanto em referência a fatos reais, históricos ou factuais, quanto referências genéricas às idéias classificadas.

A idéia de tática de violência direta está presente tanto quando se fala na explosão de uma bomba em Londres, quanto na discussão sobre como impedir explosões e seqüestros de aviões no ar. Já a idéia de uma tática de alteração da percepção da audiência está presente tanto na identificação de mudanças de comportamento do público depois de um ataque terrorista ou de queda na venda de passagens aéreas, quanto na identificação de novos sentimentos que afloram com o impacto de um atentado, em uma audiência maior que os parentes de vítimas diretas de atentados. Da mesma forma, os alvos de violência direta do terrorismo podem aparecer em um texto jornalístico tanto de forma geral, relacionados à qualidade dos alvos – se são frequentemente civis ou também militares, como no debate acadêmico – ou especificamente relacionados a pessoas e propriedades que de fato sofrem ou já sofreram com algum tipo de conflito político associado ao terrorismo.

No sentido do terrorismo como uma tática para alterar a percepção de uma audiência sobre algo, essa audiência se torna o alvo principal do terrorismo. Dessa forma, uma nação, a opinião pública local ou mundial podem igualmente ser associadas à idéia de alvos do terrorismo pelos jornais. Armas de violência direta podem ser os aviões que se chocaram com o World Trade Center ou os explosivos convencionais, ou, ainda, as temidas armas químicas e biológicas. As armas que afetam a percepção das pessoas são mais subjetivas, dizem respeito às emoções e à manipulação de efeitos psicológicos, assim como à comunicação de uma mensagem.

Com os resultados da tabulação de dados pretendemos verificar se há um padrão de repetição de associações do terrorismo com a esfera da violência direta ou a esfera relativa à intenção de alterar a percepção da audiência, ou com as duas ao mesmo tempo. Vamos buscar em cada um dos textos pelo menos uma

associação de idéias entre o terrorismo e as categorias de alvos, armas e táticas de violência direta, ou armas, alvos e táticas de alteração da percepção de uma audiência. Com isso, faremos a análise quantitativa de quais associações prevalecem nos textos.

No quadro elaborado para a tabulação de dados, destacaremos trechos, expressões, frases ou parágrafos dos textos associados às idéias referentes a nossas categorias. No caso de encontrarmos mais de um trecho de texto ou expressão relacionada a uma mesma categoria, vamos selecionar para tabulação no quadro as que forem mais representativas dos temas abordados nas reportagens, o que permitirá a elaboração de observações qualitativas sobre os resultados da tabulação de dados, com base na leitura dos textos.

4.2. Metodologia de análise das questões do debate sobre o novo terrorismo

A mesma lógica metodológica será aplicada às questões extraídas do debate sobre a existência de um novo terrorismo. São elas:

Pergunta 4 – Como a relação entre motivações políticas e religiosas do terrorismo é representada nos textos jornalísticos? Para essa análise, vamos verificar se os mesmos padrões de associação entre recortes temporais e focos de descontinuidade aparecem nos textos dos jornais. A análise vai ser orientada pelas classificações que vamos delimitar a partir das referências de associações entre recortes temporais, focos de descontinuidade e a relação entre motivações políticas e ligadas à religião.

Corte temporal	Foco de descontinuidade	Relação entre motivações políticas e religiosas
Década de 1990	Fanatismo religioso	A religião predomina e substitui a política como motivação principal do terrorismo.
Revolução iraniana de 1979 e derrota dos soviéticos no Afeganistão.	A Al Qaeda	As motivações religiosas – especificamente uma determinada interpretação do islamismo - se misturam à motivações políticas do terrorismo.

Pergunta 5 – Pode-se verificar nos textos dos jornais americanos a idéia de um aumento do potencial de letalidade do terrorismo? Em caso afirmativo, existem associações entre o aumento do potencial de letalidade e transformações no modo de operação do terrorismo semelhantes às identificadas no debate acadêmico?

Nos textos acadêmicos, estabelecemos relações entre dois recortes temporais de referência para o aumento da letalidade - década de 1970 e 11 de setembro de 2001- e determinada relação entre o aumento da letalidade e o modo de operação do terrorismo, como mostra o quadro abaixo:

Recorte temporal	Foco(s) de descontinuidade	Relação entre maior letalidade e modo de operação.
A década de 1970	<p>O terrorismo se torna mais letal pelo fato do fanatismo religioso e o do ódio entre grupos étnicos substituírem questões políticas como motivadores do terrorismo e pela necessidade de manter a atenção da mídia para conseguir exposição.</p> <p>Aspectos da internacionalização do terrorismo são enfatizados (organização em redes, novas formas de financiamento envolvendo fluxos transnacionais de recursos, exploração das novas tecnologias de mídia com alcance global)</p>	<p>Aumento da letalidade é associado à necessidade de manter a atenção da mídia para conseguir exposição</p>
11 de setembro de 2001	<p>A consolidação de um aumento da letalidade do terrorismo para uma escala da ordem da guerra – em termos de maior capacidade de impingir violência direta e de maior capacidade de alterar a percepção de uma audiência cada vez maior</p>	<p>Aumento da letalidade para uma escala de guerra associado ao aumento da capacidade de impingir violência direta e da capacidade de alterar a percepção de uma audiência cada vez maior</p>

Com base nessas associações, vamos buscar nos textos jornalísticos associações de idéias semelhantes, em relação ao aumento da letalidade e transformações no modo de operação do terrorismo.

4.2.1.

Metodologia para a pergunta quatro

Para a análise da pergunta quatro vamos utilizar alguns dos resultados tabulados pela pergunta 1. Vamos buscar encontrar nos textos jornalísticos, as mesmas associações sugeridas pelo debate acadêmico, sobre a relação entre motivações políticas e religiosas.

São duas as associações do debate acadêmico que vamos verificar se podem ser encontradas nos textos jornalísticos. A primeira diz respeito ao entendimento do terrorismo contemporâneo como um novo tipo de terrorismo motivado pelo fanatismo religioso. A segunda associação que trabalhamos no capítulo anterior foi a que define terrorismo contemporâneo como um novo padrão de terrorismo transformado pela Al Qaeda.

Quando o terrorismo contemporâneo é representado por motivações de fanatismo religioso, encontramos associação no debate acadêmico entre a década de 1990 como início de um novo padrão de terrorismo e motivações exclusivamente religiosas para o terrorismo – sem distinção entre diferentes religiões. Quando a Al Qaeda é o marco do novo no terrorismo contemporâneo, encontramos, no debate acadêmico, associações entre dois fatos históricos – a revolução iraniana de 1979 e a derrota dos soviéticos no Afeganistão na década de 1980 – e motivações religiosas ligadas ao islamismo misturadas a questões políticas.

A proposta nesta etapa é verificar se existem as mesmas associações nos textos jornalísticos, entre os recortes temporais do início de um padrão de terrorismo e as formas de representar a motivação direta do terrorismo. Para tanto, vamos buscar entre as motivações diretas relacionadas na resposta da pergunta 1, quais podem ser relacionadas como fanatismo religioso – tendo como base a idéia de que a religião não se mistura a objetivos políticos - e quais podem ser relacionadas como motivações da Al Qaeda – tendo como base a idéia de mistura entre objetivos políticos e religiosos restritos ao islamismo – como disposto no quadro abaixo:

Recorte temporal	Foco de descontinuidade	Relação entre motivações políticas e religiosas
Década de 1990	Fanatismo religioso	A religião predomina e substitui a política como motivação principal do terrorismo.
Revolução iraniana de 1979 e derrota soviética no afeganistão	Al Qaeda	A motivação religiosa – especificamente uma determinada interpretação do islamismo - se mistura à motivações políticas do terrorismo.

A classificação se refere exclusivamente a interpretação da forma como foram representadas nos textos essas motivações. A classificação, de forma alguma, implica em julgamento sobre se determinadas motivações são, de fato, manifestações de fanatismo religioso, onde não existem interesses políticos, ou de objetivos da Al Qaeda, onde se misturam objetivos políticos e religiosos. Vamos considerar a forma como essas motivações foram representadas nos jornais.

Feita essa primeira etapa, vamos buscar nos mesmos textos a existência ou não de referências aos recortes temporais propostos anteriormente. Sobre os recortes temporais é preciso discutir sua adequação à forma jornalística dos textos usados como fonte primária. Não tratando-se de textos acadêmicos, entendemos que a idéia de um recorte temporal pode estar presente tanto numa referência à década de 1990, por exemplo, como em referências a atentados ocorridos nessa década, bastando haver relação entre dois atentados praticados por grupos distintos, motivados pela religião, e não apenas pela Al Qaeda.

Em relação à revolução iraniana de 1979 e à derrota soviética no Afeganistão entendemos que essas referências podem aparecer juntas ou separadas, como uma referência de corte temporal para os jornais e, mesmo separadas, estarem enquadradas na mesma associação encontrada nos textos acadêmicos. O importante em relação à idéia de um corte temporal é que o texto jornalístico, embora não discuta a existência ou não de um novo terrorismo, use a referência temporal associada à idéia de uma prática de terrorismo que foi iniciada a partir daquele momento. Os dados de cortes temporais e motivações diretas serão cruzados em uma tabela e os resultados apresentados em um comentário posterior.

4.2.2. Metodologia para a pergunta cinco

A análise da pergunta cinco envolve a verificação da existência de associações semelhantes às identificadas no debate acadêmico entre o aumento da letalidade do terrorismo a partir de um determinado recorte temporal e transformações no modo de operação do terrorismo, como disposto na tabela abaixo:

Corte temporal de aumento da letalidade.	Relação entre aumento da letalidade e o modo de operação do terrorismo
Década de 1970	Aumento da letalidade associado à necessidade de manter ou aumentar a exposição na mídia
11 de setembro	Aumento da letalidade da ordem da guerra, pelo aumento da capacidade de impingir violência direta e de alterar a percepção de uma audiência, cada vez maior.

Para fazer a análise nos textos jornalísticos, vamos buscar referências ao aumento da letalidade do terrorismo na década de 1970 ou ao aumento da letalidade do terrorismo para uma escala de guerra, em 11 de setembro de 2001. Nos textos onde forem identificadas tais associações de idéias, vamos verificar se esse aumento de letalidade do terrorismo aparece associado à exposição na mídia, no caso da década de 1970 ou ao aumento da capacidade de violência direta e de alteração da percepção da audiência.

4.3. A análise dos textos do New York Times e do Washington Post em relação às perguntas do debate sobre legitimidade

Nossa análise vai igualmente seguir a organização por ordem das perguntas e etapas estabelecidas anteriormente. Seleccionamos para a pesquisa proposta as reportagens de primeira página, entre os dias 12 de setembro de 2001 e sete de outubro de 2001, onde a palavra terrorismo (*terrorism*) aparece no texto. No recorte temporal estabelecido para a pesquisa (de 12 de setembro de 2001 a sete

de outubro de 2001) foram encontradas 82 reportagens de primeira página no New York Times e 87 no Washington Post.

4.3.1. Análise sobre a pergunta um no New York Times¹

Para discutir as questões da primeira pergunta foi elaborada uma tabulação com todos os trechos de texto ou expressões relacionadas a idéias de motivação direta ou causas mais profundas associadas ao terrorismo. Os dados foram dispostos em dois quadros disponíveis no anexo um.

Os dados selecionados indicam que em 19 reportagens houve alguma referência a idéias de motivações diretas – mais de 21 por cento do material selecionado para a análise. Em duas dessas associações houve referência à idéia de justiça da causa em relação a uma determinada audiência. Causas profundas foram associadas ao terrorismo em apenas três reportagens. Em duas delas, houve alguma referência à percepção dessa causa profunda como justa por alguma audiência, no sentido da necessidade de contemplá-la.

Como estabelecido na metodologia, não foram feitas distinções entre as fontes dessas idéias expressadas nas reportagens, que vão desde relatos de falas do próprio Osama bin Laden, até informações compiladas pelos próprios jornalistas. Na maioria dos casos, trata-se de relatos ou traduções de declarações dos próprios terroristas, de integrantes de governos ou de pessoas entrevistadas pelo jornal.

O conteúdo das idéias de motivação direta encontradas em associação com o terrorismo nos textos mostra uma predominância de elementos ligados à identidade religiosa. Na maioria das idéias destacadas, a identidade religiosa dos terroristas aos quais se referem às idéias de motivação direta é enfatizada. Identificamos como referências a motivações diretas do terrorismo a adjetivação do terrorismo ou de terroristas como islâmicos, extremistas ou fundamentalistas islâmicos, onde o terrorismo aparece caracterizado pela motivação religiosa islâmica. Outro exemplo é a referência à identidade religiosa em frases como “os seqüestradores tinham conexões islâmicas” (McFadden, 2001, p. 1), quando se

¹Nos casos em que forem traduzidos trechos de reportagens nos comentários sobre os resultados de todas as análises, vamos indicar em nota a referência da reportagem citada. As traduções foram feitas pela autora, adaptando as frases para compreensão da idéia em português. Em alguns casos não indicaremos referência por tratar-se de uma idéia geral presente em diversos textos.

referiram a situações em que os indivíduos relacionados a essas expressões aparecem como terroristas nos textos. Em todos esses casos, consideramos que os usos dessas expressões e adjetivações implicam em associação da identidade religiosa do islamismo ao terrorismo, no campo das motivações diretas.

Outras idéias de motivação selecionadas também fazem referência direta à influência da religião nas motivações do terrorismo – com absoluto predomínio de referências à religião islâmica. Fala-se de “guerra santa” (Bragg, 2001, p. 1); em matar americanos como uma obrigação religiosa de todo muçulmano (Tyler, 2001, p.1); em violação dos lugares mais sagrados do Islamismo pela presença de soldados americanos na Arábia Saudita (Risen, 2001, p. 1); na forma de ver o mundo de Osama bin Laden influenciada pela religião (MacFarquhar, 2001, p.1); ou na identificação de bin Laden com uma idealização de volta a um passado referente à época da unificação da Arábia Saudita (MacFarquhar, 2001, p.1).

Em algumas das reportagens, as motivações religiosas aparecem associadas a motivações políticas do terrorismo. Nesse caso, pode-se citar a intenção de derrubar os governos de países muçulmanos como o Egito, a Arábia Saudita e a Jordânia (Bummiller, 2001, p.1); derrubar a monarquia na Arábia Saudita por permitir a presença de forças de segurança não islâmicas, ‘infiéis’² e em anti-americanismo (Tyler, 2001, p. 1). Em outras referências a idéias de motivações diretas do terrorismo, encontramos generalizações mais abrangentes, como a citação sobre os objetivos de Osama bin Laden, de modo geral (Perlez, 2001, p. 1), ou ao que bin Laden diz e faz (MacFarquhar, 2001, p. 1). Em outros dois casos, há referência a objetivos além da compreensão (Sanger, 2001, p.1) ou insanos e maníacos (Schmemann, 2001, p. 1).

Em apenas duas referências a idéias de motivação direta foi possível verificar alguma associação com a idéia da motivação ser percebida como justa, por alguma audiência. O primeiro caso se refere a uma parcela da população do Paquistão como audiência de referência e à idéia de que esta percebe a idéia de guerra santa entre as motivações de Osama bin Laden como justa e defensável (Bragg, 2001, p. 1). Em outra reportagem, uma parcela da população da Arábia Saudita aparece como referência de audiência para a idéia de percepção da hostilidade à presença de soldados americanos em solo saudita como justificada

(Brass, 2001, p. 1). Também no mesmo texto, a maioria dos muçulmanos e dos árabes são relacionados como audiência de referência para a idéia de respaldo ao que bin Laden diz e faz (MacFarquhar, 2001, p.1).

Entre as idéias de causas profundas identificadas – três no total - apareceu referência aos Estados Unidos terem que dividir a culpa pelos ataques de 11 de setembro porque bin Laden é uma criação da presença dos Estados Unidos na Arábia Saudita (Bragg, 2001, p. 1). Nesse caso, foi associada a idéia de que parcela da população do Paquistão partilha da percepção de que a reação a essa presença de soldados americanos na região é justificável. Outra causa mais profunda associada ao terrorismo em outro texto é a necessidade de envolvimento dos Estados Unidos no conflito entre israelenses e palestinos para contemplar as raízes do terrorismo. Nesse caso, o governo da Arábia Saudita é a audiência de referência da idéia dessa causa como justa, no sentido de haver necessidade justificável de contemplá-la. Em uma terceira reportagem, há a referência genérica sobre a necessidade de investigar as causas mais profundas do terrorismo que levou ao 11 de setembro (Tyler, 2001, p. 1).

4.3.2.

Análise sobre a pergunta um no Washington Post

Para discutir as questões da primeira pergunta foi elaborada uma tabulação com todos os trechos de texto ou expressões relacionadas a idéias de motivação direta ou causas mais profundas associadas ao terrorismo. Os dados foram dispostos nos quadros do anexo dois.

Os dados selecionados indicam que em 25 reportagens houve alguma referência a idéias de motivações diretas – mais de 28 por cento do material selecionado para a análise. Em apenas uma dessas associações houve referência a alguma idéia de justiça da causa percebida por uma determinada audiência. Causas profundas foram associadas ao terrorismo em apenas três reportagens. Em uma delas, houve alguma referência à idéia da causa ser percebida como justa por uma determinada audiência, no sentido do reconhecimento da necessidade de contemplá-la.

² Patrick E. Tyler. A Nation Challenged: Arab Ally; Saudis feeling pain of supporting U.S. NYT. 24 de setembro de 2001

Assim como determinado pela metodologia de pesquisa, não foram feitas distinções entre as fontes dessas idéias expressadas nas reportagens. O conteúdo das idéias de motivação direta encontradas em associação com o terrorismo nos textos mostra equilíbrio entre a frequência de associações de idéias de motivação do terrorismo ao mesmo tempo entre referências a questões políticas e religiosas e referências apenas focadas na religião. Há destaque para elementos ligados às motivações da Al Qaeda e de Osama bin Laden. O que está por trás das ações da Al Qaeda aparece relacionado principalmente à intenção de derrubar os governos de países árabes como a Arábia Saudita e o Egito (Eggen & Loeb, 2001, p. A1) e à reação à presença de soldados americanos em território saudita, onde ficam os lugares mais sagrados para o Islã, associada à guerra santa” (Dobbs, 2001, p. A1). Motivações políticas e religiosas aparecem juntas também na referência à idéia de apagar as influências ocidentais do mundo muçulmano e voltar à formação de um Estado islâmico idealizado - como bin Laden acredita existiu no passado - e também em referências ao anti-americanismo e ao ódio ao ocidente.

O terrorismo também foi associado a motivações focadas exclusivamente em questões religiosas, por exemplo, por meio de adjetivações do terrorismo, como extremista (Woodward & Loeb, 2001, p. A1) ou fundamentalista islâmico (Gaul et al, 2001, p. A1) e, ainda, quando se identificou o uso das expressões fanatismo (Harris, 2001, p. A1), extremismo islâmico (Harris & Allen, 2001, p. A1), radicais islâmicos (Struck et al., 2001, p. A1), grupo islâmico (Warrick et al., 2001, p. A1), associadas ao terrorismo. Encontramos ainda referência ao fato dos mais perigosos terroristas do futuro serem motivados por ódio étnico e religioso e não por ideologia política (Warrick & Stephens, 2001, p. A1). Entre as referências a idéias de motivação direta focadas exclusivamente na religião, há predomínio absoluto de referências à religião islâmica.

Também encontramos idéias de motivação direta do terrorismo em referências mais generalizadas, como o ódio aos valores americanos (Milbank, 2001, p. A1), a objetivos além da compreensão (Balz, 2001, p. A1) e, ainda, uma referência apenas a questões políticas ligadas ao anti-americanismo (Ottaway & Morgan, 2001, p. A1).

Entre os exemplos de motivações diretas presentes nos textos, encontramos associações com idéias de justiça da causa em apenas uma reportagem. Parcelas de populações pobres de países islâmicos são relacionadas

como audiência que percebe como justa a causa defendida por bin Laden, em relação à expulsão de soldados americanos da Arábia Saudita.

Em três reportagens encontramos associações do terrorismo a idéia de causas mais profundas. Em um dos textos, a arrogância e o posicionamento político dos Estados Unidos são apontados como a causa da existência de um terrorista como Osama bin Laden (Constable, 2001, p. A1). Na mesma reportagem, outra causa mais ampla – o financiamento americano de guerrilheiros islâmicos contra os soviéticos, no Afeganistão, na década de 1980, também é apresentada como uma causa associada ao terrorismo. Ainda no mesmo texto, aparece uma referência à necessidade de descobrir as causas mais profundas do terrorismo. É possível falar na idéia de percepção de justiça de uma causa mais ampla neste texto, em relação ao posicionamento de um colunista de jornal paquistanês que percebe a política externa americana como uma causa ampla do terrorismo e em relação ao que o próprio jornal apresenta como opinião de cidadãos de classe média paquistaneses que, apesar de condenar o terrorismo, compreendem as questões mais profundas que podem levar parcelas das populações do Paquistão e outros muçulmanos em geral a apoiar as ações da Al Qaeda. Nessa última referência, fica claro como justiça de uma causa mais ampla, no sentido da necessidade de contemplá-la, e a justiça das motivações do terrorismo podem ser difíceis de distinguir.

Encontramos, em outra reportagem, uma referência à necessidade de investigar causas mais amplas do terrorismo dirigido aos Estados Unidos (Anderson, 2001, p. A1) e, em um terceiro texto, uma referência às atitudes da monarquia saudita como estimulantes da propagação de uma ideologia que abre novas frentes de recrutamento de terroristas pela Al Qaeda (Schneider, 2001, p. A1).

4.3.3.

Análise sobre a pergunta dois no New York Times

Para a análise da segunda pergunta, buscamos nos textos referências à natureza do agente do terrorismo, dentro das categorias estabelecidas a partir da discussão acadêmica: agente não estatal, agente estatal e Estado financiador do terrorismo. Das 82 reportagens analisadas, em 52 encontramos associações entre o

terrorismo e algum tipo de categoria definidora da natureza do agente – mais de 63 por cento da amostra pesquisada.

Em 23 reportagens, o terrorismo foi associado a agentes não estatais – grupo terrorista, a rede Al Qaeda, Osama bin Laden, entre outros – e, ao mesmo tempo, à referências à idéia de um Estado financiador ou que dá abrigo a terroristas – o Afeganistão sob o governo Talibã, o Irã, por exemplo.

Em outras 21 reportagens, houve associação entre o terrorismo e, apenas, agentes não estatais. Em seis reportagens, o terrorismo foi associado apenas a idéia de um Estado financiador. E em apenas duas reportagens, houve associação entre o terrorismo e agentes não estatais e, ao mesmo tempo, a um agente estatal.

4.3.4.

Análise sobre a pergunta dois no Washington Post

A investigação sobre as associações de idéias relacionadas às categorias de agente não estatal, agente estatal e estado financiador do terrorismo, no Washington Post, revelou que das 87 reportagens analisadas, existem associações entre o terrorismo e algum tipo de agente especificado pelas categorias delimitadas por nós em 57 reportagens – mais de 65 por cento da amostra pesquisada.

Em 27 reportagens, o terrorismo foi associado a referências a agentes não estatais – grupo terrorista, a rede Al Qaeda, Osama bin Laden, entre outros - e a referências à idéia de um Estado financiador ou que dá abrigo a terroristas, ao mesmo tempo – o Afeganistão sob o governo Talibã ou o Irã, por exemplo.

Em outras 25 reportagens, houve associação apenas entre o terrorismo e agentes não estatais. Em uma reportagem, o terrorismo foi associado apenas à idéia de um Estado financiador. Em uma outra reportagem, houve associação entre o terrorismo e agentes não estatais e, ao mesmo tempo, a um agente estatal. Em outras três reportagens, o terrorismo foi associado às três categorias: agente não-estatal, agente estatal e Estado financiador.

4.3.5.

Análise sobre a pergunta três no New York Times

Nessa etapa da pesquisa, procuramos recortar dos textos, alguns dos trechos associados a idéias de armas, alvos e táticas de violência direta ou de armas, alvos e táticas de alteração da percepção. A leitura dos textos selecionados no New York Times deu origem ao quadro do anexo três, onde pelo menos uma referência a idéias de uma categoria ou de outra (dividida em violência direta ou alteração da percepção) foram destacadas, em cada reportagem em que apareceram.

A tabulação dos dados revelou associações entre referências relacionadas a idéias sobre o modo de operação do terrorismo em 53 matérias - mais de 64 por cento do material pesquisado. Predominaram associações do terrorismo nos textos a idéias relacionadas à dimensão da violência direta do modo de operação do terrorismo. Em mais da metade das reportagens em que há associações de idéias ligadas ao modo de operação – 33 matérias - o terrorismo aparece associado a elementos da dimensão de violência direta exclusivamente. Em 16, o terrorismo é associado a idéias das duas categorias pesquisadas e, em apenas quatro, apareceram associações unicamente a referências a elementos ligados à idéia da intenção de alterar a percepção de um público.

Os trechos dispostos na tabela foram selecionados com base na identificação de pontos representativos das referências feitas nas reportagens a idéias de modos de operação ligadas à violência direta ou à intenção de modificar uma percepção de um público associadas ao terrorismo.

A análise dos fragmentos selecionados, tendo como base a leitura das reportagens, mostra que, em relação aos elementos onde se encontra a idéia de alvos, armas ou táticas de violência direta, prevaleceram as referências a táticas de violência direta como a seqüestros de avião, principalmente em referência ao modo de operação dos terroristas nos atentados de 11 de setembro, mas também de modo geral, como uma prática terrorista. A idéia da violência direta empregada pelos terroristas também aparece relacionada a assassinatos e a explosões de bombas e ao uso do martírio religioso dos terroristas suicidas. Entre as armas de violência direta encontradas nos textos, havia referências ao risco de uso de armas

de destruição em massa e também várias referências ao uso de aviões como armas, como ocorreu em 11 de setembro de 2001.

Os alvos de violência direta foram identificados de modo geral, como propriedades, mais frequentemente, as relacionadas ao 11 de setembro - o World Trade Center, o Pentágono. Também a idéia de alvo de violência direta pôde ser identificada em referência a vítimas civis, principalmente aos mortos e feridos no 11 de setembro, mas também a vítimas de outros atentados como a explosão do avião da Pan Am em Lockerbie e a explosão em Oklahoma. Instituições da economia americana também aparecem em alguns textos como alvos de violência direta, pelos danos materiais, a destruição de escritórios no coração da vida financeira americana e a morte de centenas de especialistas da área econômica.

O comportamento dos americanos em aspectos ligados à economia também aparece entre os alvos relacionados à idéia de alteração da percepção de uma audiência associada ao terrorismo. Há referências nas reportagens a uma mudança do estilo dos americanos de viver - o “*american way of life*” - em relação aos hábitos de consumo, especialmente em relação ao medo de voar de avião, mas também em relação à restrição de consumo pela insegurança com o futuro.

A sensação de insegurança provocada pelos atentados em diversos níveis – não somente em relação à aviação e ao consumo, mas de modo geral - é destacada em alguns textos, denotando uma alteração da percepção dos americanos em relação à segurança. Essas idéias de transformação da percepção em relação à segurança estão implícitas quando, por exemplo, o terrorismo é associado a um esforço da nação para manter o equilíbrio ou ainda a percepção de que muitos americanos se dão conta de que estão assustados pelos ataques terroristas e com uma profunda sensação de vulnerabilidade. Nesses casos, pode-se perceber uma associação da sensação de segurança dos americanos antes dos atentados como um alvo da intenção de alterar a percepção de uma audiência pelos terroristas.

4.3.6. Análise sobre a pergunta três no Washington Post

A leitura dos textos selecionados deu origem ao quadro do anexo quatro, onde os elementos relativos à pesquisa de categorias de violência direta ou de

intenção de alterar a percepção de uma audiência, em uma mesma reportagem, foram relacionados.

A tabulação dos dados revelou um número significativo de associações entre idéias relacionadas ao modo de operação do terrorismo. No total, em 74 matérias é possível identificar elementos ligados ao modo como os terroristas operam para atingir seus objetivos – mais de 85 por cento do material pesquisado.

Predominaram associações do terrorismo nos textos a idéias relacionadas à dimensão da violência direta do modo de operação do terrorismo. Em 43 reportagens, apareceram apenas elementos ligados a alvos, armas ou táticas de violência direta. Em 24 matérias encontramos elementos dos dois grupos. Em sete reportagens apareceram unicamente idéias ligadas à intenção do terrorismo de alterar a percepção de uma audiência.

Os fragmentos de texto foram selecionados com base na identificação de pontos representativos das questões tratadas nas reportagens quando se pode identificar as idéias de modos de operação ligadas à violência direta ou à intenção de modificar uma percepção de um público associadas ao terrorismo. A análise dos fragmentos selecionados, tendo como base a leitura das reportagens, mostra que, em relação aos elementos onde se encontra a idéia de alvos, armas ou táticas de violência direta, prevaleceram as referências a táticas de violência direta, principalmente relacionadas ao modo de operação dos terroristas do 11 de setembro. Entre os elementos de violência direta aparecem o uso de aeronaves em uma missão suicida e referências à explosão de bombas. Entre as armas de violência direta, encontramos várias referências aos aviões usados como mísseis e ao risco de uso de uso de armas de destruição em massa.

Os alvos de violência direta mais citados são o Pentágono e o World Trade Center. Há também diversas referências a vítimas diretas dos atentados de 11 de setembro, como na referência as diferentes nacionalidades dos mortos, envolvida na idéia de um ataque ao mundo (Reid, 2001, p. A1).

O impacto dos atentados na economia aparece nos textos do Washington Post ligado à alteração da percepção dos americanos sobre a segurança da aviação e segurança para investimento em consumo. Em alguns trechos das reportagens, como na referência ao simbolismo do ataque ao Pentágono (Fisher & Phillips, 2001, p. A1), ou na referência aos ataques terem demonstrado que o país é vulnerável (Fisher & Phillips, 2001, p. A1), é possível identificar a idéia de um

alvo de intenção de alterar a percepção de uma audiência, sendo o alvo a sensação de segurança dos americanos. As percepções de ameaça constante, de medo e de insegurança são relatadas em trechos de texto que fazem referência à uma mudança de comportamento da população americana, depois dos atentados de 11 de setembro de 2001.

4.4.

A análise dos textos do New York Times e do Washington Post em relação às perguntas do debate sobre o novo terrorismo

4.4.1.

Análise sobre a pergunta quatro no New York Times

Entre os resultados encontrados na análise da pergunta um, selecionamos 14 que se enquadraram nas duas classificações propostas para a análise da pergunta quatro – “fanatismo religioso” e “motivação da Al Qaeda”. Vale ressaltar que, para classificação das motivações entre essas duas categorias, usamos como referência uma interpretação específica da idéia de fanatismo religioso como uma representação da motivação do terrorismo exclusivamente religiosa. Igualmente, chamamos de “motivações da Al Qaeda” uma interpretação específica da forma de representar a motivação do terrorismo misturando religião islâmica e motivações políticas.

Depois voltamos a esses 14 textos para buscar alguma associação com recortes temporais de mudança de padrão do terrorismo semelhantes aos encontrados nos textos acadêmicos – a década de 1990, a revolução iraniana e a derrota soviética no Afeganistão. Os resultados foram tabulados na tabela do anexo cinco.

O resultado do cruzamento de dados revelou associação semelhante à de textos acadêmicos em apenas uma reportagem. Nesse único caso, confirmou-se associação semelhante à encontrada no debate acadêmico entre motivações da Al Qaeda - definidas pela mistura de motivações religiosas islâmicas e motivações políticas – e o recorte temporal da derrota dos soviéticos no Afeganistão, como o momento de ascensão do prestígio de Osama bin Laden (MacFarquhar, 2001, p. 1). As motivações que classificamos como motivações da Al Qaeda – quando enfatiza-se elementos políticos e religiosos das motivações diretas – referem-se a

Osama bin Laden, suas ações e opiniões e seu discurso anti-americano e religioso (MacFarquhar, 2001, p. 1).

4.4.2. Análise sobre a pergunta quatro no Washington Post

Entre os resultados encontrados na análise da pergunta um, selecionamos 22 que se enquadraram nas duas classificações propostas para a análise do capítulo quatro – “fanatismo religioso” e “motivação da Al Qaeda”. Depois voltamos a esses 22 textos para buscar alguma relação com os recortes temporais propostos – década de 1990, revolução iraniana e derrota soviética no Afeganistão. Os resultados foram tabulados no quadro do anexo seis.

O resultado do cruzamento de dados revelou associações entre motivações diretas e um dos cortes temporais selecionados para a análise, em quatro reportagens, como as observadas no debate acadêmico. Nos quatro casos, o que chamamos de motivações da Al Qaeda – reunindo motivações religiosas ligadas ao islamismo e questões políticas – são associadas ao terrorismo, ao mesmo tempo em que o recorte temporal da derrota dos soviéticos no Afeganistão também é associado ao terrorismo. Não há, no entanto, correlação com a revolução iraniana de 1979.

No primeiro caso, aparecem idéias de motivações da Al Qaeda em associações do terrorismo com o anti-americanismo, com a intenção de derrubar governos de países árabes e de expulsar soldados ocidentais de solo muçulmano (Eggen & Loeb, 2001, p. A1). Na mesma reportagem, a formação da Al Qaeda é associada à intenção de bin Laden de reunir em um grupo os guerrilheiros que venceram os soviéticos no Afeganistão.

No segundo caso, as motivações diretas da Al Qaeda se referem à declaração da guerra santa contra os americanos, à revolta contra a presença de soldados em solo saudita e também à intenção de libertar o Iraque e a Palestina (Dobbs, 2001, p. A1). O mesmo texto relaciona a idéia de bin Laden de combater uma superpotência ao seu papel na guerrilha islâmica contra os soviéticos e a conseqüente vitória.

No terceiro caso, a guerra santa, a identidade religiosa islâmica, a reação contra a presença de soldados americanos na Arábia Saudita, a aliança americana

com Israel e a agressão contra o Iraque são as motivações diretas associadas ao terrorismo (Dobbs, 2001, p. A1). Na mesma reportagem, a idéia de guerra santa é associada aos guerrilheiros que lutaram no conflito contra a ocupação soviética.

O quarto caso relaciona o radicalismo islâmico e o ódio ao governo do Egito e aos Estados Unidos às motivações do terrorismo, ao mesmo tempo em que associa o terrorismo a guerra contra os soviéticos no Afeganistão (Eggen & Kovaleski, 2001, p. A1).

4.4.3.

Análise sobre a pergunta cinco no New York Times

Para a análise sobre a questão proposta na pergunta cinco, voltamos às reportagens para identificar, em primeiro lugar, a existência de associações entre os recortes temporais e a idéia de aumento do potencial de letalidade do terrorismo para a década de 1970 ou a idéia de aumento do potencial de letalidade para a escala de guerra, no caso do 11 de setembro. Não encontramos nenhuma referência à década de 1970 como marco de aumento da letalidade do terrorismo e cinco referências ao 11 de setembro como um ato de guerra. São elas:

13/09/2001 “as a stunned nation reeled with televised images of death and destruction and an almost wartime fervor against a faceless enemy gripped many Americans, President Bush, who had placed American military forces on alert around the world, called the attacks “ acts of war ” (McFadden, 2001, p. 1)
14/09/2001 “By equating acts of terrorism and even the harboring of terrorists with acts of war , the administration is going beyond traditional international practice.” (Apple, 2001, p. 1)
14/09/2001 “now that war has been declared on us , we will lead the world to victory” (Bumiller & Pelez, 2001, p.1)
15/09/2001 “I said that this was the first act of war on America, in the 21 st Century” (McFadden, 2001, p. 1)
20/09/2001 “Not only someone has conducted an act of war on us , our economy has slowed way down, and this is an emergency, Mr. Bush said.” (Sanger, 2001, p.1)

Voltamos então aos textos para verificar se as mesmas reportagens também fazem associações entre o terrorismo e a idéia de um aumento da capacidade de violência direta do terrorismo e de alterar a percepção de uma audiência, como na relação identificada no debate acadêmico.

O cruzamento de dados revelou apenas uma associação entre o terrorismo e aumento da letalidade, tanto em relação à violência direta quanto à alteração da percepção de uma determinada audiência e a idéia do 11 de setembro como um ato de guerra. Na mesma reportagem, aparece a idéia dos ataques de 11 de setembro como atos de Guerra, uma alteração da percepção de alguns americanos no sentido de reagirem emocionalmente aos ataques como atos de guerra (McFadden, 2001, p. 1) e a constatação de que esse foi o maior ataque terrorista da história dos Estados Unidos (McFadden, 2001, p. 1).

4.4.4.

Análise sobre a pergunta cinco no Washington Post

Para a análise sobre a questão proposta na pergunta cinco, voltamos às reportagens para identificar, em primeiro lugar, a existência de associações entre os recortes temporais e a idéia de aumento do potencial de letalidade do terrorismo para a década de 1970 ou a idéia de aumento do potencial de letalidade para a escala de guerra, no caso do 11 de setembro. Não encontramos nenhuma referência à década de 1970 como marco de aumento da letalidade do terrorismo e cinco referências ao 11 de setembro como um ato de guerra. São elas:

12/09/2001 'He's declared war on the United States' (Eggen & Loeb, 2001, p. A1).
13/09/2001 The president called the attacks on the World Trade Center and the Pentagon, acts of war (Sipress & Mufson, 2001, p. A1).
15/09/2001 War has been waged against us , by stealth and deceit and murder (Drehle, 2001, p. A1).
15/09/2001 The United States moves the defense of the homeland yesterday to a level not seen since the raid on Pearl Harbor, reflecting the deep civil and military concern that the attacks on the World Trade Center and the Pentagon were but the open salvos in a war unlike any nation has ever faced (Tucker, 2001, p. A1).
24/09/2001 We are at war, we were attacked (DeYoung, 2001, p. A1).

Voltamos então aos textos para verificar se as mesmas reportagens também fazem associações entre o terrorismo e a idéia de um aumento da capacidade de violência direta do terrorismo e de alterar a percepção de uma audiência, como na relação identificada no debate acadêmico.

O cruzamento de dados revelou uma associação entre o terrorismo e aumento da letalidade, tanto em relação à violência direta quanto à alteração da percepção de uma determinada audiência e a idéia do 11 de setembro como um

ato de guerra. O caso identificado relaciona a idéia do 11 de setembro como primeiros ataques de uma guerra, com um nível de terrorismo que demanda a revisão de todos os procedimentos de emergência e com um estado de emergência só verificado antes em tempos de guerra, uma guerra considerada diferente de qualquer outra jamais vista (Tucker & Loeb, 2001, p. A1).

5 Conclusão

A intenção da pesquisa realizada nessa dissertação foi encontrar algumas respostas para a pergunta sobre como dois dos principais jornais americanos usaram o conceito de terrorismo, nas semanas seguintes aos atentados de 11 de setembro de 2001. Decidimos fazê-lo a partir de questionamentos de fundo de dois importantes debates acadêmicos sobre o terrorismo.

Temos clareza da natureza diferenciada entre as discussões acadêmicas e o jornalismo. São – e devem ser – espaços com modos de reflexão e de produção distintos. No entanto, há um ponto de encontro entre as duas formas de acessar a realidade, se pensamos os problemas do mundo real como socialmente construídos e a mídia como integrante desse processo de construção social. Sendo assim, em relação ao tema dessa dissertação, impõe-se à mídia um papel na construção social do conceito de terrorismo - independente da discussão conceitual não ser um assunto de interesse primordial para os meios de comunicação.

A investigação de associações de idéias nos textos jornalísticos entre o terrorismo e categorias delimitadas com base nas discussões teóricas apontou repetições de alguns elementos na cobertura dos jornais. Ao representar um padrão de associação de idéias, essas repetições podem indicar respostas para a pergunta inicial de pesquisa. Vamos procurar, então, relacionar os resultados encontrados com as questões que os motivaram. E para isso, comparar os resultados nos dois veículos de comunicação pesquisados – The New York Times e The Washington Post.

Em primeiro lugar, buscamos nos jornais a existência ou não de associações entre o terrorismo e idéias de motivações diretas e causas mais profundas do terrorismo. Encontramos uma frequência semelhante de associações entre essas idéias nos dois jornais pesquisados. Motivações diretas foram associadas ao terrorismo em aproximadamente 21 por cento do material pesquisado, no New York Times, e 28 por cento, no Washington Post. Já a idéia

da existência de uma causa mais ampla que esteja relacionada ao aparecimento do terrorismo foi igualmente associada ao terrorismo em apenas três reportagens em cada um dos jornais – cerca de três por cento do material pesquisado nos dois veículos.

Considerando o período analisado em bloco, podemos dizer que não há um padrão de repetição de associações forte entre o terrorismo e a idéia de motivações diretas. Na grande maioria das reportagens analisadas – 79 por cento no New York Times e 72 por cento no Post – não há qualquer referência a idéias de motivação direta. Em relação a causas mais amplas, é ainda menor a incidência de associações - praticamente irrelevante, considerando todo o período analisado.

Sendo assim, a discussão sobre justiça de causas, sejam as motivações diretas ou as causas mais amplas ligadas ao terrorismo, teve pouquíssima expressão na cobertura dos dois jornais naquele período. Como vimos, entre as associações entre o terrorismo e idéias de motivação direta, em apenas dois casos, no New York Times, é discutida a percepção de justiça das questões referidas como motivações diretas por alguma audiência maior do que os próprios terroristas. No Washington Post, isso ocorre em apenas um caso.

A análise das referências encontradas a idéias de causa e motivações também chama atenção para um dos possíveis aspectos relacionados a pouca incidência de tais referências nos jornais. Assim como no debate acadêmico, percebe-se a dificuldade de distinção entre o que são motivações diretas e o que são possíveis causas mais profundas do terrorismo. Um dos trechos que selecionamos como uma referência à idéia de causa mais profunda do terrorismo, por exemplo, expressa claramente essa controvérsia. Uma reportagem informou que diversas pessoas no Paquistão acreditavam que os Estados Unidos deveriam dividir a culpa com os terroristas pelos atentados de 11 de setembro, porque bin Laden seria uma criação da presença americana em solo saudita. Ao mesmo tempo em que esse trecho de texto se refere à identificação por um grupo e pelo próprio redator da reportagem de uma possível causa mais profunda do terrorismo – a presença de soldados americanos em um país islâmico, onde o anti-americanismo é um sentimento profundamente presente – também esse fato é uma das mais freqüentes referências nos textos a idéias de motivação direta da Al Qaeda.

No fragmento de texto que destacamos aqui, a idéia de que essa causa mais ampla possa ter alguma relevância para o entendimento e o combate ao terrorismo se mistura à idéia de justiça de uma motivação direta do terrorismo. Nesse caso, essa mistura entre categorias de motivação direta e causas mais profundas do terrorismo deu origem a uma desconfortável referência a possível culpa do país vitimado pelo atentado mais sanguinário da história.

Não pretendemos discutir no espaço dessa dissertação o papel que a dificuldade de distinção entre idéias de motivação direta e de causas mais amplas e sua relação com possíveis associações a idéias de justiça das causas ou motivações tem na pouca incidência de referências a idéias de motivação e causas do terrorismo nos textos dos jornais. A intenção dessa análise é apontar que o mesmo problema que alimenta debates acadêmicos sobre o tema aparece refletido nas referências de textos jornalísticos dos veículos analisados. Ao mesmo tempo, verificamos que os veículos utilizam poucas referências a essas idéias. Se esses dois aspectos identificados na cobertura têm alguma relação direta dentro do processo de produção dos textos jornalísticos é um ponto que pode ser explorado em análises futuras.

A segunda pergunta que serve de parâmetro para a análise dos textos jornalísticos dizia respeito à forma como os jornais se referiram à natureza do agente do terrorismo. Nesse ponto, encontramos também um padrão semelhante nos dois jornais pesquisados. Os jornais procuraram associar o terrorismo a idéias de categorias de natureza do agente em mais de 60 por cento do material pesquisado, o que indica um padrão de repetição de associação de idéias entre o terrorismo e algum tipo de agente. Predominaram nos dois jornais as mesmas categorias, com incidência de associações bastante próximas.

Pode-se dizer que no período analisado como um todo, o terrorismo esteve associado a agentes não-estatais e Estados financiadores do terrorismo em aproximadamente metade do material pesquisado, nos dois jornais, considerando associações aos dois tipos de agentes ao mesmo tempo ou individualmente.

Aqui cabe lembrar que o período que analisamos se situa entre os ataques terroristas e a resposta americana formulada em termos de uma guerra contra o terrorismo - iniciada com um ataque a um Estado acusado de proteger terroristas. A possível influência desses aspectos da política externa americana na forma como os jornais definiram a natureza do agente do terrorismo também pode ser

explorada em pesquisas posteriores. Cabe aqui identificar apenas que a cobertura dos jornais deu ênfase semelhante a associações entre o terrorismo e agentes não estatais exclusivamente e associações com agentes não estatais e Estados que apóiam o terrorismo, ao mesmo tempo.

Não tiveram representatividade as associações entre o terrorismo e Estados, no sentido do terrorismo ser praticado por um Estado. Podemos destacar aqui – assim como nos resultados sobre causas e motivações do terrorismo – uma pequena incidência de referências à idéia que aparece como um dos pontos mais controversos dos debates acadêmicos sobre a definição da natureza do agente do terrorismo, que é a existência ou não de terrorismo de Estado. A relevância de destacar esse fato não está diretamente associada à sugestão de qualquer influência entre a polêmica no debate acadêmico e a pouca incidência de referências nos textos acadêmicos. Consideramos, no entanto, que uma investigação sobre essas relações no processo de produção de reportagens jornalísticas pode ser investigada em trabalhos posteriores.

A terceira pergunta que levamos para a análise dos jornais procurou identificar como o modo de operação do terrorismo foi representado nos jornais, naquele período. Os resultados foram ligeiramente diferentes nos dois jornais, embora haja incidência representativa de referência a categorias de modo de operação nos dois veículos. No Washington Post encontramos um maior número de referências à idéia de uma ou mais categorias relativas ao modo de operação do terrorismo – 85 por cento do material pesquisado. No New York Times identificamos referências a essas categorias em 64 por cento das reportagens.

Pode-se dizer que identificamos um padrão de repetição de associações entre o terrorismo e idéia de violência direta – táticas, armas ou alvos, na grande maioria das reportagens analisadas. Se considerarmos as associações exclusivamente com a categoria de violência direta, há incidência em metade do material pesquisado no Post e pouco menos da metade no Times. Considerando também as reportagens em que encontramos associações, ao mesmo tempo, com as duas categorias, a incidência sobe para quase 80 por cento no Post e quase 60 por cento no Times.

A intenção do terrorismo de alterar a percepção de uma audiência pode ser identificada em referências de algumas reportagens, mas em bem menor incidência do que a idéia de violência direta. Da forma como as referências à

alteração da percepção aparecem – em grande maioria associadas à violência direta, como um efeito desta – o padrão que se estabelece é das referências ao medo e à insegurança como uma consequência da violência direta apenas. Em poucas referências a alteração da percepção de um público aparece como um fim em si do terrorismo.

Com relação às perguntas elaboradas a partir do debate sobre a existência de um novo terrorismo no meio acadêmico, não encontramos nos jornais um padrão representativo de associações semelhantes às identificadas no meio acadêmico. Encontramos referências à derrota dos soviéticos no Afeganistão como o início das operações da Al Qaeda ou como marco na trajetória de Osama bin Laden – em um caso no New York Times e quatro no Washington Post. Sobre a quinta pergunta, encontramos uma referência, em cada jornal, ao 11 de setembro como marco de aumento da letalidade do terrorismo para a escala da guerra associado ao aumento da capacidade de violência direta e de alteração da percepção do público. A incidência dessas associações não chega a estabelecer um padrão para a cobertura dos jornais, embora se possa dizer que a idéia de que existe algo novo no terrorismo apareceu, pelo menos uma vez no período analisado, com relações semelhantes entre cortes temporais e focos de descontinuidade que encontramos no debate acadêmico.

Ao relacionar os debates acadêmicos sobre o terrorismo e a forma como os jornais se referiram ao terrorismo no período analisado, percebemos que os pontos polêmicos das discussões sobre a definição de um conceito de terrorismo e a legitimidade do uso da força e a existência de um novo terrorismo foram pouco abordados pelas reportagens. Os elementos em torno dos quais há controvérsia apareceram com menos frequência nos textos, não chegando a estabelecer um padrão dentro da cobertura jornalística do período.

Nos dias seguintes ao 11 de setembro, até o início da guerra no Afeganistão, o terrorismo esteve muito mais associado a agentes não estatais e Estados financiadores do terrorismo, mas muito poucas referências foram feitas à existência ou não de terrorismo de Estado.

Da mesma forma, os dois jornais se referiram de modo muito semelhante à existência de motivações diretas ou causas mais amplas do terrorismo, não estabelecendo associações muito frequentes entre o terrorismo e possíveis causas. Pouco destaque foi dado a questões ligadas às causas do terrorismo de modo geral

e, em pouquíssimos casos, apareceram contradições sobre a percepção de alguma audiência de que existam causas justas envolvidas no terrorismo, seja em relação ao que chamamos de motivações diretas ou causas mais amplas.

No período analisado, o terrorismo também esteve muito mais associado a uma prática que usa violência direta – seqüestros de avião, explosões e almeja armas de destruição em massa – para atingir seus objetivos. O papel que a intenção de alterar a percepção do público tem na estratégia terrorista ficou em segundo plano na cobertura dos jornais.

O terrorismo no contexto dos atentados de 11 de setembro também não foi freqüentemente associado a questionamentos ou referências sobre a existência de transformações no padrão do terrorismo, com o surgimento de um novo terrorismo.

Para o leitor dos jornais naquele período, o terrorismo ficou fortemente associado a uma ação de grupos não estatais, com auxílio de Estados financiadores, que usa armas, táticas e alvos de violência direta para atingir seus objetivos. As motivações desses atos não foram definidas claramente no período, pelo estabelecimento de um padrão de associação de idéias. A identificação de características novas no terrorismo – seja com relação a motivações ou modos de operação - também não apareceu como um padrão freqüente.

O que essa análise e seus resultados despertam são muito mais questionamentos do que conclusões finais. O que pretendíamos com essa investigação, em primeiro lugar, era chamar atenção para os aspectos importantes da construção de um conceito de terrorismo que pudessem estar presentes nos textos dos jornais naquele período. Ao fim da pesquisa, percebemos que se mostra igualmente importante a reflexão futura sobre os aspectos que ficaram de fora da cobertura jornalística.

Um dos motivos pelos quais consideramos relevante o tema desta dissertação é a crença de que, cada vez mais, é preciso refletir sobre o papel dos meios de comunicação na construção de significados de questões ligadas à segurança, que tem conseqüências tanto para a forma com a sociedade reage aos problemas quanto para as políticas adotadas pelos governos para combatê-los. Consideramos que, cada vez mais, estas serão questões fundamentais para o estudo das relações internacionais e da segurança internacional.

Para a imprensa, a reflexão sobre esses temas impõe maior responsabilidade tanto sobre o que é dito - e como se diz – quanto a respeito do que não se diz. Conciliar tamanha responsabilidade com as exigências do processo de produção jornalístico deve ser um desafio diário da imprensa. Uma tarefa com desdobramentos cada vez mais complexos, em um mundo onde um mesmo evento é experimentado em tempo real, em todas as partes do globo, com toda a riqueza de detalhes trágicos, como ocorreu na manhã de terça-feira, 11 de setembro de 2001.

6

Referências Bibliográficas

ACHENBACH, J. 'You never imagine': A hijacker next door. **The Washington Post**, Washington, 16 set. 2001. p. A1.

ALLEN, M. Bush and Blair warn Taliban of retaliation. **The Washington Post**, Washington, 3 out. 2001. p. A1.

ALLEN, M.; BLUSTEIN, P. Bush moves to cut terrorist's support. **The Washington Post**, Washington, 25 set. 2001. p. A1.

ALLEN, M.; SCHNEIDER, G. National guard to be used at airports. **The Washington Post**, Washington, 28 set. 2001. p. A1.

ALVAREZ, L.; LABATON, S. A Nation Challenged: The Bailout. An airline bailout. **The New York Times**, Nova York, 22 set. 2001. Front Page, p. 1.

ANDERSON, J. W. Behind closed doors, Iran blames bin Laden. **The Washington Post**, Washington, 6 out. 2001. p. A1.

APPLE JR, R. W. After the Attacks: News Analysis: No Middle Ground. **The New York Times**, Nova York, 14 set. 2001(a). Front Page, p. 1.

_____. A Nation Challenged: News Analysis. A clear message: 'I will not relent'. **The New York Times**, Nova York, 21 set. 2001(b). Front Page, p.1.

_____. A Nation Challenged: News Analysis. Issue Now: Does U.S. have a plan?. **The New York Times**, Nova York, 27 set. 2001(c). Front Page, p. 1.

BALZ, D. Bush warns of casualties of war. **The Washington Post**, Washington, 18 set. 2001(a). p. A1.

_____. A resolute and focused call to arms. **The Washington Post**, Washington, 21 set. 2001(b). p, A1.

BALZ, D.; SIPRESS, Alan. The diplomatic offensive intensifies. **The Washington Post**, Washington, 19 set. 2001. A1

BARRY, D. After the Attacks: The search. A few moments of hope in a mountain of rubble. **The New York Times**, Nova York, 13 set. 2001. Front Page, p. 1.

BAKER, P. For Afghan fighters, a tangled web of loyalties **The Washington Post.**, Washington, 25 set. 2001. p. A1.

BEARAK, B. A Nation Challenged: News Analysis. In Pakistan, a shaky ally. **The New York Times**, Nova York, 2 out. 2001. Front Page, p. 1.

BENNET, J. A Nation Challenged: West Bank; soon after the rebuking U.S., Israel moves into Arab neighborhoods. **The New York Times**, Nova York, 6 out. 2001. Front Page, p. 1.

BERGESEN, A. J.; LIZARDO, O. International Terrorism and the World System. **Sociological Theory** , v. 22, n. 1, 2004. p. 38-52.

BERGMAN, L.; VAN VATTA, D. A Nation Challenged: The investigation. Agents pursue German Leads on terror trial. **The New York Times**, Nova York, 25 set. 2001. Front Page, p. 1.

BERKE, R. L.; ELDER, J. A Nation Challenged. The Poll. Poll finds support for war and fear on economy. **The New York Times**, Nova York, 25 set. 2001. Front page, p. 1.

BERRY, J. M.. Fed trims rates again, hints at further cuts. **The Washington Post**, Washington, 3 out. 2001. p. A1.

BRAGG, R. A Nation Challenged: The streets. Streets of huge Pakistan City seethe with hatred of U.S. **The New York Times**, Nova York, 30 set. 2001. Front Page, p. 1.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Diccionario de política**. México, D.F.: Siglo Veintiuno, 1984. p. 892-897.

BOOTH, K. Security and self: reflection of a fallen realist. In: KRAUSE, K ; WILLIAMS, M. C. (ed.). **Critical security studies: concepts and cases**. Minnesota: Minnesota University Press, 1997. p. 83-119.

BOULDEN, J.; WEISS. T. G. Whither terrorism and the United Nations. In: BOULDEN, J.; WEISS, T. G. **Terrorism and the UN - Before and After September 11**. Bloomington: Indiana University Press, 2004. p. 3-26.

BUMILLER, E. A Nation Challenged. The Overview. Bush pledges attack on Afghanistan unless it surrenders bin Laden now. He creates cabinet post for security. **The New York Times**, Nova York, 21 set. 2001(a). Front Page, p. 1.

_____. A Nation Challenged: The President. Bush to increase federal role in security at airports. **The New York Times**, Nova York, 28 set. 2001(b). Front Page, p. 1.

BULMILLER, E.; PERLEZ, J. After the Attacks: The Overview. Bush and Top Aides proclaim policy of 'ending' states that back terror; local airports shut after an arrest. **The New York Times**, Nova York, 14 set. 2001. Front Page, p. 1

BULMILLER, E.; SANGER, David E.. A Day of Terror: The President. a somber Bush says terrorism cannot prevail. **The New York Times**, Nova York, 12 set. 2001. Front Page, p. 1.

BULMILLER, E.; SHANKER, T. A Nation Challenged: the White House. Bush steps up appeal to Afghans to rip their country of Taliban. **The New York Times**, Nova York, 26 set. 2001. Front Page, p. 1.

BULMILLER, E.; SCHMITT, E. A Nation Challenged: Pentagon tries to avoid using Pakistan bases. **The New York Times**, Nova York, 3 out. 2001. Front Page, p. 1.

BURNS, J. F. A Nation Challenged: The Taliban. Afghans coaxing bin Laden, but U.S. rejects clerics bid. **The New York Times**, Nova York, 21 set. 2001. Front Page, p. 1.

CANEDY, D. A Nation Challenged: The Troops. Peacetime recruits getting ready for war's perils. **The New York Times**, Nova York, 20 set. 2001. Front Page, p. 1.

CONSTABLE, P. Pakistan Walks fine line in cooperation with U.S. **The Washington Post**, Washington, 15 set. 2001. p. A1.

CORDES, B.; HOFFMAN, B.; JENKINS, B.; KELLEN, K.; MORAN, S.; SATER, W. **Trends in international terrorism, 1982 and 1983**. Santa Monica, CA: RAND, 1984. 53p.

CRENSHAW, M. Introduction. In: CRENSHAW, M. (Ed.). **Terrorism, legitimacy, and power**. Middletown: Wesleyan University Press, 1983. p 1-37.

_____. Thoughts on relating terrorism to historical contexts. In: CRENSHAW, M. (Ed.). **Terrorism in context**. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1995. p. 3-24.

CRONIN, A. K. Behind the curve: globalization and international terrorism. **International Security**, v. 27, n. 3, 2002/03. p. 30-58.

DALEY, S. A Nation Challenged: The evidence. NATO says U.S. has proof against bin Laden group. **The New York Times**, Nova York, 3 out. 2001. Front Page, p. 1.

DAO, J.; TYLER, P. A Nation Challenged: The Alliance. Military called just one element in war on terror. **The New York Times**, Nova York, 27 set. 2001. Front Page, p. 1.

DER DERIAN, J. In terrorem: before and after 9/11. In: BOOTH, K.; DUNNE, T. **Worlds in collision: terror and the future of global order**. New York: Palgrave Mac Millan, 2002. p. 101-117.

DEUTCH, J. Terrorism. **Foreign Policy**, n. 108, 1997. p. 10-22.

DOBBS, M. Inside the mind of Osama bin Laden. **The Washington Post**, Washington, 20 set. 2001(a). p. A1.

_____. A few loyal men direct bin Laden's sprawling network. **The Washington Post**, Washington, 27 set. 2001(b). p. A1.

DOBBS, M.; Anderson, J. W. A fugitive's splintered family tree. **The Washington Post**. 29 set. de 2001. p. A1.

DREHLE, D. V. Bush Pledges victory. **The Washington Post**, Washington, 14 set. 2001(a). p. A1.

_____. Congress approves use of force. **The Washington Post**, Washington, 15 set. 2001(b). p. A1

DREHLE, D. V.; SIPRESS, Alan. War won't be short, Bush says. **The Washington Post**, Washington, 16 set. 2001. p. A1.

DROZDIK, W. Putin eases stance on NATO expansion. **The Washington Post**, Washington, 4 set. 2001. p. A1.

DUYVESTYEN, I. How New Is The new Terrorism? **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 27, 2004. p. 439-454.

EGGEN, D.; LOEB, V. U.S. intelligence points to bin Laden network. **The Washington Post**, Washington, 12 set. 2001. p. A1.

EGGEN, D.; SHERIDAN, M. B. Justice drafts new rules for deportation. **The Washington Post**, Washington, 19 set. 2001. A1.

EGGEN, D.; KOVALESKI, S. F. Bin Laden aide implicated. **The Washington Post**, Washington, 7 out. 2001. p. A1.

EGGEN, D.; MASTERS, B. A. FBI alerts hazardous material haulers. **The Washington Post**, Washington, 26 set. 2001. p. A1.

EILPERIN, J. House approves U.N. payment. **The Washington Post**, Washington, 25 set. 2001. p. A1.

FALK, R. **The great terror war**. New York: Olive Branch Press, 2003(a). 203p.

_____. Identifying limits in a borderless map. In: BÜLENT, G.; WALKER, R. B. J. **11 September 2001: war, terror and judgment**. London: Frank Cass publishers, 2003. p. 46-61.

FINN, P. German officials link hijackers to Al Qaeda group. **The Washington Post**, Washington, 27 set. 2001. p. A1.

FISHER, M.; PHILLIPS, D. On Flight 77: 'Our plane is being hijacked'. **The Washington Post**, Washington, 12 set. 2001, p. A1.

FRANTZ, D.; BONNER, R. A Nation Challenged: terrorists. Web of terrorism. **The New York Times**, Nova York, 23 set. 2001. Front Page, p. 1.

FREEMAN, L. A New Type of War. In: BOOTH, K.; DUNNE, T. **Worlds in collision: terror and the future of global order**. New York: Palgrave Mac Millan, 2002. p. 37-47.

GAUL, G. M.; GRIMALDI, J. V.; WARRICK, J. How terror could break through. **The Washington Post**, Washington, 16 set. 2001. p. A1

GELLMAN, B. 'I saw bodies falling out – Oh god, jumping, falling'. **The Washington Post**, Washington, 12 set. 2001(a), p. A1.

_____. U.S. was foiled multiple times in efforts to capture bin Laden or have him killed. **The Washington Post**, Washington, 3 out. 2001(b). p. A1.

GELLMAN, B.; ALLEN, Mike. The week that redefined the Bush presidency. **The Washington Post**, Washington, 23 set. 2001. p. A1.

GOLDSTEIN, A. Terrorism tied to jump in pain problems. **The Washington Post**, Washington, 1 out. 2001. p. A1.

GOODSTEIN, L.; LEWIN, T. A Nation Challenged: Violence and Harassment. Victims of mistaken identity, Sikhs pay a price for turbans. **The New York Times**, Nova York, 19 set. 2001. Front Page, p. 1.

GORDON, M. After the Attacks: The Strategy. A new war and Its scale. **The New York Times**, Nova York, 17 set. 2001. Front Page, p. 1.

GORDON, M.; SCHMITT, E. A Nation Challenged: Pentagon tries to avoid using Pakistan bases. **The New York Times**, 3 out. 2001. Front Page, p. 1.

GORDON, M.; SCHMITT, E; SHANKER, T. A Nation Challenged: The Combat. Scarcity of Afghanistan targets prompts U.S. to change strategy. **The New York Times**, Nova York , 19 set. 2001. Front Page, p. 1.

GREENWOOD, C. International law and the war against terrorism. **International Affairs**, v. 78, n. 2, 2002. p. 301-317.

GRIMALDI, J. V.; FAINARU, S.; GAUL, G. M.. Losing Track on illegal immigrants. **The Washington Post**, Washington, 7 out. 2001. p. A1.

HARDEN, B. A Nation Challenged: Personal safety. **The New York Times**, Nova York, 6 out. 2001. Front Page, p. 1.

HARRIS, J. F. Bush gets more international support for U.S. crusade against terrorism. **The Washington Post**, Washington, 17 set. 2001. p. A1.

HARRIS, J. F.; ALLEN, M. President details global war on terrorists and supporters. **The Washington Post**, Washington, 21 set. 2001. p. A1.

HELD, D.; MCGREW, A. **Prós e Contras da Globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 107 p.

HENRIQUES, D. B.; BARSTOW, D. A Nation Challenged: Victims' compensation. Fund for victims' families proves sore point. **The New York Times**, Nova York, 1 out. 2001. Front Page, p. 1.

HIPPEL, K. V. The roots of terrorism: probing the myths. **The Political Quarterly**, Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 25-37.

HOFFMAN, B. **Inside terrorism**. New York: Columbia University Press, 2006. 432 p.

HSU, S. S.; ALLEN, M. Bush Clears National to reopen. **The Washington Post, Washington**, 2 out. 2001. p. A1.

IGNATIEFF, M. It's war, but It doesn't have to be dirty. **The Guardian**, publicado em 1 de outubro de 2001. Disponível em:

<http://www.guardian.co.uk/g2/story/0,,560891,00.html>. Acesso em: junho de 2006.

IKENBERRY, J. **America Unrivaled**: The future of Balance of Power. Ithaca: Cornell University Press. 2002. 336 p.

JENKINS, B. International terrorism: trends and potentialities. **Journal of International Affairs**, v. 32, n. 1, 1978. p. 115-123.

JENKINS, B. M. **Terrorism**: current and long term threats. Publicado em novembro de 2001. Disponível em: <<http://www.rand.org/pubs/testimonies/2005/CT187.pdf>> acesso em: julho de 2006.

JENKINS, B. **The New Age of Terrorism**. Disponível em: http://www.rand.org/pubs/reprints/2006/RAND_RP1215.pdf. Acesso em: julho de 2006.

JENKINS, P. **Images of terror**: what you can and can't know about terrorism. New York: Aldine de Gruyter, 2003. 227 p.

JOHNSTON, D.; SHENON, P. F.B.I curbed scrutiny of man now a suspect in the attacks. **The New York Times**, Nova York, 6 out. 2001. Front Page, p. 1.

KENNEDY-PIPE, C.; RENGGER, N. Apocalypse Now? Continuities and Disjunctions in World Politics. **International Affairs**, v. 82, n. 3, 2006. p. 539-552.

KINSLEY, M. Defining terrorism: It's essential. It's also impossible. **The Washington Post**, Washington, 5 out. 2001. p. A 37.

KRASNER, S. Compromising Westphalia, **International Security**, v. 20, n. 3, 1995. p. 115-151.

LANE, C.; MINTZ, J. Bid to thwart hijackers may have led to plane crash. **The Washington Post**, Washington, 13 set. 2001. p. A1.

LAQUEUR, W. Postmodern Terrorism. **Foreign Affairs**, v. 75, n. 5, 1996. p. 24-37.

_____. The new face of terrorism. **The Washington Quarterly**, v. 21, n. 4, 1998. p. 169-179.

_____. **The new terrorism: fanatics and the arms of mass destruction**. London: Phoenix, 2001.

_____. **A history of terrorism**. New Brunswick: Transaction Publishers, 2002. 277 p.

LEWIS, N.; PEAR, R. A Nation Challenged. Negotiators back scaled-down bill to battle terror. **The New York Times**, Nova York, 2 out. 2001. Front Page, p.

LOEB, V.; PRIEST, D. Saudis balk at U.S. use of key facility. **The Washington Post**, Washington, 22 set. 2001. p A1.

LUTZ, J.M.; LUTZ, B.J. **Global Terrorism**. London: Routledge, 2005. 281 p.

LYMAN, R.; CARTER, B. A Nation Challenged. In Little Time, Pop Culture is almost back to normal. **The New York Times**, Nova York, 4 out. 2001. Front Page, p. 1.

MACFADDEN, R. D. After the Attacks: The overview. Stunned rescuers comb attacks sites, but thousands are presumed dead. FBI tracking hijacker's movements. **The New York Times**, Nova York, 13 set. 2001 (a). Front Page, p. 1.

_____. After the Attacks: The President. Bush leads prayer, visits aid crews. Congress backs use of armed force. **The New York Times**, Nova York, 15 set. 2001(b). Front Page, p. 1.

_____. A Nation Challenged. The Reaction. Many listeners are reassured by tough talk. **The New York Times**, Nova York, 21 set. 2001(c). Front Page, p. 1.

MACFARQUHAR, N. A Nation Challenged: Jidda. Saudi Dilemma: a native son, a heinous act. **The New York Times**, Nova York, 5 out. 2001. Front Page, p. 1.

MANI, R. The root causes of terrorism and conflict prevention. In: BOULDEN, J.; WEISS, T. G. (ed). **Terrorism and the UN: before and after September 11**. Bloomington: Indiana University Press, 2004. p. 219-241.

MASKALIÛNAITÉ, A. Defining terrorism in the political and academic discourse. **Baltic Defense Review**, v. 8, n. 2, 2001. p. 36-50.

MASTERS, B. A.; SMITH, L.; SHEAR, M. D. Dulles hijackers made maryland their base. **The Washington Post**, Washington, 19 set. 2001. p. A1.

MILBANK, D. Crisis brings shift in presidential style. **The Washington Post**, Washington, 14 set. 2001(a). p A1.

_____. More terrorism likely, U.S. warns. **The Washington Post**, Washington, 1 out. 2001(b). p. A1.

_____. House bill would expand federal detention powers. **The Washington Post**, Washington, 2 out. 2001(c). p. A1.

MILBANK, D.; KESSLER, G. Saudis Sever Ties to Taliban. **The Washington Post**, Washington, 26 set. 2001. p. A1.

MILLER, J.; EICHENWALD, K. A Nation Challenged: the investigation. U.S. set to widen financial assault. **The New York Times**, Nova York, 1 out. 2001. Front Page, p. 1.

MITCHELL, A.; PURDUM, T. S. A Nation Challenged: The Lawmakers. Ashcroft, seeking broad powers, says congress must act quickly. **The New York Times**, 1 out. 2001. Front Page, p. 1.

MOORE, M.; KHAN, K. Afghanistan: A nightmare battlefield. **The Washington Post**, Washington, 17 set. 2001. p. A1.

MUFSON, S. Foreign policy's 'pivotal moment'. **The Washington Post**, Washington, 27 set. 2001. p. A1.

MUFSON, S.; SIPRESS, A. Bush seeks nation's support tonight. **The Washington Post**, Washington, 20 set. 2001(a). p. A1.

MUFSON, S.; SIPRESS, A. U.S. was set to support Palestinian statehood. **The Washington Post**, Washington, 2 out. 2001(b). p. A1.

MURPHY, C. No time for hatred, clergy warn. **The Washington Post**, Washington, 17 set. 2001(a). p. A1.

_____. For Muslims, benevolence is prevailing over backlash. **The Washington Post**, Washington, 6 out. 2001(b). p. A1.

NOVOTNY, D. **What's terrorism**. Publicado em 2005. Disponível em: <<http://www.cla.purdue.edu/academic/engl/conferences/covar/Program/novotny.pdf>>. Acesso em: outubro de 2006.

O'BRIEN, C. C. Terrorism under democratic conditions: the case of IRA. In: CRENSHAW, M (org.). **Terrorism, legitimacy and power: the consequences of political violence**. Middletown: Wesleyan University Press, 1983. p. 91-104.

OSIANDER, A. Sovereignty, international relations and the Westphalia myth, **International Organization**, v. 55, n. 2, 2001. p. 251-287.

OTTAWAY, D. B.; MORGAN, D. Muslim charities under scrutiny. **The Washington Post**, Washington, 29 set. 2001. p. A1.

PERLEZ, J. After The Attacks: The Overview. U.S. demands Arab countries 'choose sides'. **The New York Times**, Nova York, 15 set. 2001(a). Front Page, p. 1.

_____. A Nation Challenged: Cooperation. U.S. Sanctions on Islamabad will be lifted. **The New York Times**, Nova York, 22 set. 2001(b). Front Page, p. 1.

PERLEZ, J.; SANGER, D. E. A nation Challenged: State Department. Powell says U.S. had signs, but no clear ones, of a plot. **The New York Times**, Nova York, 3 out. 2001. Front Page, p. 1.

PERLEZ, J.; SANGER, D. E; SHANKER, T. A Nation Challenged: The advisers. From many voices, one battle strategy. **The New York Times**, NYT, 23 setembro de 2001. Front page, p. 1.

PHILLIPS, J. The evolving Al Qaeda threat. **Heritage Lectures**. n. 928, 2006. p. 1-10.

PIANIN, E.; GRAHAM, B. Ridge is tapped to head homeland security office. **The Washington Post**, Washington, 21 set. 2001. p. A1.

PIANIN, E.; GRAHAM, B; CONNOLLY, C. Across U.S., A security scramble. **The Washington Post**, Washington, 23 set. 2001. p A1

PILLAR, P. Terrorism goes global: extremist groups extend their reach worldwide. **The Brookings Review**, v. 19, n. 4, 2001(a). p. 34-37.

_____. **Terrorism and US Foreign Policy**. Washington D.C: Brookings Institution Press, 2001(b). 272 p.

PINCUS, W.; EGGEN, D. New Powers sought for surveillance. **The Washington Post**, Washington, 17 set. 2001. p. A1.

PURDUM, T. S. After The Attacks: The White House. Bush warns of a wrathful, Shadowy and Inventive War. **The New York Times**, Nova York, 17 set. 2001. Front Page, p. 1.

PURDY, M. A Nation Challenged: The Suburbs. In the suburbs, quiet pockets fill with grief. **The New York Times**, Nova York, 22 set. 2001. Front Page, p. 1.

QUAINTON, A. C. E. Terrorism and political violence: a permanent challenge to governments. In: CRENSHAW, M. **Terrorism, legitimacy and power: the consequences of political violence**. Middletown: Wesleyan University Press, 1983. p. 52-64.

RAPOPORT, D. **The four waves of rebel terror and September 11**. publicado em 2002. disponível em: <http://www.anthropoetics.ucla.edu/ap0801/terror.htm#b1>. acesso em: outubro de 2006.

REID, T.R. An attack on the world. **The Washington Post**, Washington, 19 set. 2001(a). p. A1.

_____. Intelligence data leave 'no doubt' of role in attacks. **The Washington Post**, Washington, 5 set. 2001(b). p. A1.

RICKS, T. E. Air power to team with special forces. **The Washington Post**, Washington, 20 set. 2001. p. A1.

RISEN, J. In Hindsight, C.I.A sees flaws that hindered efforts on terror. **The New York Times**, Nova York, 7 out. 2001. Front Page, p. 1.

ROHDE, D. A Nation Challenged: Strategy. Taliban's rivals show off forces. **The New York Times**, Nova York, 6 out. 2001. Front Page, p. 1.

ROSIN, H. Some cry foul as authorities cast a wide net. **The Washington Post**, Washington, 28 set. 2001. p. A1.

RUBY, C. L. The Definition of Terrorism. **Analyses of Social Issues and Public Policy**, v. 2, n. 1, 2002. p. 9-14.

RUSSAKOFF, D. N.J. Town becomes community of sorrow. **The Washington Post**, Washington, 24 set. 2001. p. A1.

SANGER, D. E. A Nation Challenged: The president. Bin Laden is wanted in attacks, 'dead or alive', president says. **The New York Times**, Nova York, 18 set. 2001(a). Front Page, p. 1.

_____. A Nation Challenged: The Overview. Bush orders heavy bombers near afghans. Demands Bin laden now, not negotiations. **The New York Times**, Nova York, 20 set. 2001(b). Front Page, p. 1.

SANGER, D. E.; SCHMITT, E. A Nation Challenged: the military; U.S. puts afghan strike ahead of full plan. Bush rewarding Pakistan for its support. **The New York Times**, Nova York, 22 set. 2001. Front Page, p. 1.

SCHEMO, D. J.; PEAR, R. A Nation Challenged: Immigration. Suspects in hijackings exploited loopholes in immigration policy. **The New York Times**, Nova York, 27 set. 2001. Front Page, p. 1.

SCHMEMANN, S. A Nation Challenged: The Mayor. Giuliani is blunt in rare U.N. Talk. **The New York Times**, Nova York, 2 out. 2001(a). Front Page, p. 1.

_____. A Nation Challenged: resolution. U.N. requires members to act against terror. **The New York Times**, Nova York, 29 set. 2001(b). Front Page, p. 1.

SCHMID, A. Terrorism: the definitional problem. **Case Western Reserve Journal of International Law**, v. 36, n. 2/4, 2004. p. 375-412.

SCHMITT, E. A Nation Challenged: The military. Generals given power to order downing of jets. **The New York Times**, Nova York, 27 set. 2001. Front Page, p. 1.

SCHNEIDER, G. Aftershocks rock local economy. **The Washington Post**. 19 set. 2001(a). p. A1.

SCHNEIDER; G; KESSLER, G.; ALEXANDER, K. L. Airline Aid gains. **The Washington Post**, Washington, 20 set. 2001. p. A1.

SCHNEIDER. G.; VINZANT, C. Stock continue to fall. **The Washington Post**, Washington, 21 set. 2001. p. A1.

SCHNEIDER, H. Ending Doubts, Saudis to allow U.S. to use base. **The Washington Post**. 28 set. 2001(b). p. A1.

_____. Bombing on Saudi city kills American. **The Washington Post**, Washington, 7 out. 2001(c). p. A1.

SIMON, S. The new terrorism: securing the nation against a messianic foe. **The Brookings Review**, v. 21, n. 1, 2003. p. 18-24.

SIMON, S.; BENJAMIN, D. America and new terrorism. **Survival**, v. 42, n.1, 2000. p. 59-75.

SWOBODA, F.; HAMILTON, M. M.. Congress passes \$15 billion airline bailout. **The Washington Post**, Washington, 22 set. 2001. p. A1.

SHENON, P.; TONER, R. A Nation Challenged: Policy and Legislation. U.S. widens policy on detaining suspects. Troubled airlines get federal aid pledge. **The New York Times**, Nova York, 19 set. 2001. Front Page, p. 1.

SIPRESS, A.; HOCKSTADER, L. Sharon speech riles U.S. **The Washington Post**, Washington, 6 out. 2001. p. A1.

SIPRESS, A.; MUFSON, S. America lines up support for strike. **The Washington Post**, Washington, 13 set. 2001. p. A1.

SIPRESS, A.; RICKS, T. E. Military strike not imminent, officials say. **The Washington Post**, Washington, 27 set. 2001. p. A1.

SNYDER, R. Hating america: bin Laden as a civilizational revolutionary. **The Review of Politics**. v. 65, n. 4, 2003. p. 325-349.

SPENCER, A. Questioning the concept of 'new terrorism'. **Peace & Conflict Development**, v. 8, 2006. Disponível em: <http://www.peacestudiesjournal.org.uk/docs/Feb%2006%20SPENCER%20version%202.pdf>> acesso em: novembro de 2006.

ST. GEORGE, D.; GOLDSTEIN, A. Sleepless nights, shattered psyches. **The Washington Post**, Washington, 23 set. 2001. p. A1.

STEINHAEUER, J. A Nation Challenged: The mayor. In crisis, Giuliani's popularity overflows city. **The New York Times**, Nova York, 20 set. 2001. Front Page, p. 1.

STEVENSON, R. In rapid shift, a budget surplus is expected to turn into deficit. **The New York Times**, Nova York, 1 out. 2001. Front Page, p. 1.

STEVENSON, R.; FUERBRINGER, J. After The Attacks: The economy. Nation shifts its focus to Wall Street as a major test of attack's aftermaths. **The New York Times**, Nova York, 17 set. 2001. Front Page, p. 1.

STEVENSON, R.; KAHN, J. A Nation Challenged: The Economy. Bush tries to steady economy jolted by attack. **The New York Times**, Nova York, 23 set. 2001. Front Page, p.1.

STRUCK, D.; SCHNEIDER, H.; VICK, K.; BAKER, P. Borderless network of terror. **The Washington Post**, Washington, 23 set. 2001. p. A1.

TAGLIABUE, J.; BONNER, R. A Nation Challenged: German Intelligence. German data led U.S. to search for more suicide hijacker teams. **The New York Times**, Nova York, 29 set. 2001. Front Page, p. 1.

TIMBERG, C.; HSU, Spencer S. National can't reopen son, officials say. **The Washington Post**, Washington, 17 set. 2001. p. A1.

TYLER, Patrick E. A Nation Challenged: Arab Ally. Saudis feeling pain of supporting U.S. **The New York Times**, Nova York, 24 set. 2001(a). Front Page, p. 1.

_____. A Nation Challenged. The Family. Fearing harm, Bin laden Kin fled from U.S. **The New York Times**, Nova York , 30 set. 2001(b). Front Page, p. 1.

_____. A nation Challenged: Evidence. British detail bin Laden's links to U.S. attacks. **The New York Times**, Nova York , 5 out. 2001(c). Front Page, p. 1.

TUCKER, N.; DVORAK, P. Lapses plague security at federal buildings. **The Washington Post**, Washington, 28 set. 2001. p. A1.

TUCKER, N.; LOEB, V. D.C. Region, Nation Move to high alert, **The Washington Post**, Washington, 15 set. 2001. p. A1.

TWOMWY, S.; LEONNING, C. D. Rush is on to boost region's response to terror attacks. **The Washington Post**, Washington, 30 set. 2001. p. A1.

TWOMWY, S.; LEONNING, C. D.; DVORAK, P. District unprepared to cope with attack. **The Washington Post**, Washington, 17 set. 2001. p. A1.

UCHITELLE, L. A Nation Challenged: The consumer. Sales drop and spending waits as uncertainty grips economy. **The New York Times**, Nova York, 30 set. 2001. Front Page, p 1.

VEDANTAN, S. Fear on the 86th floor. **The Washington Post**, Washington, 15 set. 2001. p. A1

WARRICK, J.; STEPHENS, J. Before attack, U.S. expected different hit. **The Washington Post**, 2 de out. 2001. p. A1.

WARRICK, J.; STEPHENS, J; FLAHERTY, M. P.; GRIMALDI, J. V.. FBI agents ill-equipped to predict terror attacks. **The Washington Post**, Washington, 24 set. 2001. p. A1.

WINES, M. 76 on board perish as a jet from Israel explodes off Russia. **The New York Times**, Nova York, 5 out. 2001. Front Page, p. 1.

WOODWARD, B.; LOEB, V. CIA's covert war on Bin Laden. **The Washington Post**, Washington, 14 set. 2001. p. A1.

7 Anexos

7.1. Anexo1 – tabelas da pergunta 1 do New York Times

Motivações diretas	Idéia de justiça da causa	Audiência de referência
13/09/2001 “Suggested that the hijackers had Middle Eastern and Islamic connections ” ¹		
14/09/2001 “Osama bin Laden, the Islamic militant ” ²		
14/09/2001 “ Islamic militant , Osama bin Laden” ³		
15/09/2001 “Whether the Arab governments, which must often contend with significant segments of their populations who sympathize with the goals of militants like Osama bin Laden , will agree to the administration’s request is an open question” ⁴		
18/09/2001 “They slit throats of women in order to achieve an objective that is beyond comprehension ” ⁵		
19/09/2001 “Osama bin Laden, the Islamic militant ” ⁶		
21/09/2001 “They are the heirs of all the murderous ideologies 20 th century, he said. By sacrificing human life to serve their radical visions by abandoning every value except		

¹ McFadden, 2001(a), p. 1.

² Bumiller & Perlez, 2001, p. 1.

³ Apple Jr., 2001 (a), p. 1.

⁴ Perlez, 2001(a), p. 1.

⁵ Sanger, 2001(a), p. 1.

⁶ Gordon et al., 2001, p. 1.

<p>the will to power, they follow in the path of Facism, Nazism and Totalitarianism”⁷</p> <p>“The president said this such groups wanted to overthrow existing governments in Muslim countries, like Egypt, Saudi Arabia and Jordan”⁸</p>		
<p>21/09/2001 “Osama bin Laden, the Islamic extremist”⁹</p> <p>“And reassured Muslims worldwide that we won’t tolerate the extremists”¹⁰</p>		
<p>23/09/2001 “Another wing deals with public relations, trying to spread the anti-American message as far as possible through interviews and videotapes”¹¹</p> <p>“Deep hatred of the United States”¹²</p>		
<p>24/09/2001 “From exile, he called on Muslims to overthrow the monarchy for allowing in ‘infidel’ forces”¹³</p>		
<p>30/09/2001 “In a nation that has become a crucial one but brittle ally in the United States’ war on terrorism, there are cries and signs for Asama bin laden, for Taliban, for holy war”¹⁴</p> <p>“There are many wealthy and middle-class Pakistanis here, people who support the alliance with the United states, who fear a rise in fundamentalist religion that, they say, could transform their country. But there seem to be</p>	<p>30/09/2001 “In a nation that has become a crucial one but brittle ally in the United States’ war on terrorism, there are cries and signs for Osama bin laden, for Taliban, for holy war”¹⁶</p>	<p>Parcela da população paquistanesa</p>

⁷ Bumiller, 2001(a), p. 1.

⁸ Ibid..

⁹ Macfadden, 2001(c), p. 1.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Frantz & Bonner, 2001, p. 1.

¹² Ibid.

¹³ Tyler, 2001(a), p. 1.

¹⁴ Bragg, 2001. p. 1.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Ibid.

many more in Karachi who would welcome it, who in choosing sides would choose Mr. bin Laden in a heartbeat, because they see him as a hero of Islam” ¹⁵		
01/10/2001 “Glorify martyrdom by Muslims in pursuit of jihad, or holy war ” ¹⁷ .		
02/10/2001 “Let those who say that we must understand the reasons for terrorism come with me to the thousands of funerals we’re having in New York City – thousands – and explain those insane, maniacal reasons to the children who will grow up without fathers and mothers and to the parents who have their children ripped from them for no reason at all” ¹⁸		
02/10/2001 “ Islamic terrorists ” ¹⁹		
03/10/2001 “ Islamic terrorism ” ²⁰		
05/10/2001 “Saudi born Islamic extremist ” ²¹ “The language of Mr. bin Laden’s incitement to murder and hatred of the United States is knitted throughout the document. ‘The killing of Americans and their civilian and military allies is a religious duty for each and every Muslim to be carried out in whichever country they are found’ his February 1998 fatwa, or religious edict, states.” ²²		
5/10/2001 “Terrorist hostility particularly to the presence of American troops on Saudi soil , is threatening to the House of Saud, particularly	5/10/2001 “Terrorist hostility to the and particularly to the presence of American troops on Saudi soil, is threatening to the House of	Parcela da população da Arábia Saudita.

¹⁷ Miller & Eichenwald, 2001, p. 1.

¹⁸ Schmemmann, 2001(a), p. 1.

¹⁹ Bearak, 2001, p. 1.

²⁰ Gordon & Schmitt, 2001, p. 1.

²¹ Tyler, 2001(c), p. 1.

²² Ibid.

<p>because that hostility finds some sympathy in a population angry over American support of Israel.”²³</p> <p>“What he (bin laden) says, what he does represents what most Muslims or Arabs want to say and can’t. What he says we like, we agree with it”²⁴</p> <p>“Bin Laden religious world views are not that different from every one in Saudi Arabia”.²⁵</p> <p>“Mr. bin Laden has argued that the royal family’s closeness to the United States makes it unfit to govern”²⁶</p> <p>“One of the reasons Mr. bin Laden is so popular is that he represents the long lost ideal – not seen in the kingdom since King Abdel Aziz unified the land that became Saudi Arabia in the 1920’s.”²⁷</p>	<p>Saud, particularly because that hostility finds some sympathy in a population angry over American support of Israel.”²⁸</p> <p>“What he (bin laden) says, what he does represents what most Muslims or Arabs want to say and can’t. What he says we like, we agree with it”²⁹</p>	<p>Maioria dos muçulmanos ou árabes</p>
<p>6/10/2001 “Islamic extremist beliefs”³⁰</p>		
<p>7/10/2001 “Mr. bin Laden, born in Saudi Arabia, has typically focused his anti-American statements on the presence of American troops in Saudi Arabia, declaring it a violation of Islamic holy places”³¹</p>		

Causas profundas	Idéias de justiça e legitimidade	Audiência de referência
21/09/2001 “I wish that terrorists have		

²³ Macfarquhar, 2001, p. A1.

²⁴ Ibid.

²⁵ Macfarquhar, 2001, p. A1.

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid.

³⁰ Bennet, 2001, p. 1.

³¹ Risen, 2001, p. 1.

been described a little more as not just people who hate us, and that he had elaborated a little more on the conditions that led to them hating us and what we anticipate doing to keep people from being terrorists ” ³²		
30/09/2001 “If the mastermind behind the attacks is Mr. bin Laden, the United States must share the blame , people here say, It was the United States presence in Saudi Arabia, they argue, that created bin Laden ” ³³	“If the mastermind behind the attacks is Mr. bin Laden, the United States must share the blame , people here say, It was the United States presence in Saudi Arabia, they argue, that created bin Laden ” ³⁴	Parcela da população do Paquistão
30/09/2001 “For this reason, Prince Bandar is also pressing the Arab world’s message on Washington: that if the United States hopes to dry up the sources of terrorism, in the region, it must get more deeply involved in the Arab Israeli peace-process. ” ³⁵	“For this reason, Prince Bandar is also pressing the Arab world’s message on Washington: that if the United States hopes to dry up the sources of terrorism , in the region, it must get more deeply involved in the Arab Israeli peace-process. ” ³⁶	Governo da Arábia Saudita

7.2.

Anexo 2 – tabelas da pergunta 1 do Washington Post

Motivações diretas	Idéia de justiça das motivações	Audiência de referência
12/09/2001 “ Extremist Islamic militant ” ³⁷ In February, 1998, bin Laden issued a fatwa, or religious order, that said “it was the duty of all Muslims to kill U.S. citizens civilian or military, and their allies everywhere”, according to the State department” ³⁸ “!and it now works ‘ to overthrow regimes it deems non-Islamic ’ and expel Westerners and non-Muslims from Muslim countries ” ³⁹		

³² Macfadden, 2001(c), p. 1.

³³ Bragg, 2001, p. 1.

³⁴ Ibid.

³⁵ Tyler, 2001(b), p. 1.

³⁶ Ibid.

³⁷ Eggen & Loeb, 2001. p. A1.

³⁸ Eggen & Loeb, 2001. p. A1.

³⁹ Eggen & Loeb, 2001. p. A1.

14/09/2001 “Those who ‘hate our values’ and ‘hate what America stands for.’ ” ⁴⁰		
14/09/2001 “ Extremist Osama bin Laden” ⁴¹		
15/09/2001 “Osama is not the cause but the consequence of American arrogance and bias, he wrote, suggesting that Washington needs to reflect on the ‘fury of despair’ that motivates terrorists to commit extreme acts” ⁴² “and bin Laden as a symbol of heroic defiance against the West ” ⁴³ “America is against Osama because he is a true Muslim and a defender of Islam ” ⁴⁴		
16/09/2001 “The thwarted efforts left to a porous line of defense that was exposed to the world Tuesday when 19 Islamic fundamentalist terrorists passed undeterred through security at three airports, commandeered four commercial jets and turned them into the equivalent of 200-ton cruise missiles” ⁴⁵		
16/09/2001 “Bin Laden wants to cleanse the Muslim world of Western influences and return it into an idealized state that he believes existed a thousand years ago. He’s enraged by American support of Israel and the presence of American soldiers – infidels – on his home soil of Saudi Arabia. ” ⁴⁶ “Bin Laden has said of Westeners ‘ they violate our		

⁴⁰ Milbank, 2001(a). p A1.

⁴¹ Woodward & Loeb, 2001, p. A1.

⁴² Constable, 2001, p. A1.

⁴³ Constable, 2001, p. A1.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Gaul et al., 2001, p. A1.

⁴⁶ Achenbach, 2001, p. A1.

⁴⁷ Ibid.

<p>land and occupy it and steal the Muslims' possessions and when faced by resistance, they call it terrorism”⁴⁷</p>		
<p>17/09/2001 “A titanic struggle ‘between the civilized world and fanaticism’”⁴⁸</p>		
<p>18/09/2001 They slit throats of women on airplanes in order to achieve an objective that is beyond comprehension⁴⁹</p>		
<p>20/09/2001 “Taken together, these statements provide insight into an ideology that seems abhorrent and even crazy to the vast majority of Americans but has been carefully crafted to appeal to the disgruntled and dispossessed of the Islamic world”⁵⁰</p> <p>“At the heart of the bin Laden opus are two declarations of holy war – jihad – against America. The first, issued in 1996, was directly specifically at “Americans occupying the land of the two holy places””⁵¹</p> <p>“In bin Laden’s war, the goal of expelling the “Judeo-Christian enemy” from the holy lands of Islam should be met first on the Arabian peninsula. His next priority is Iraq, which for 500 years was the most powerful Islamic state, or caliphate. A distant third on his agenda is Palestine, site of the Al-Aqsa mosque in Jerusalem, which Muslims believe was the place where Muhammad ascended to heaven”⁵²</p>		
<p>20/09/2001 “One of bin Laden’s major objections to U.S. foreign policy is the presence of the</p>		

⁴⁸ Harris, 2001, p. A1.

⁴⁹ Balz, 2001(a), p. A1.

⁵⁰ Dobbs, 2001(a), p. A1.

⁵¹ Ibid.

⁵² Ibid.

American military in Saudi Arabia, which is home of Islam's holiest sites ⁵³		
21/09/2001 “And imposing its radical beliefs on people everywhere” ⁵⁴ “A fringe form of Islamic extremism ” ⁵⁵		
22/09/2001 “ Extremist Osama bin Laden” ⁵⁶		
23/09/2001 “ Radical Islamists ” ⁵⁷ “Its aims were narrower and more nationalistic than those of bin Laden’s borderless Al Qaeda. It aims to topple President Islam Karimov and carve out an Islamic state in the Ferghana Valley, a fertile region that includes Uzbek, Tajik and Kyrgyz territory. ” ⁵⁸ “But in the 1970’s, he moved beyond the staid and nationalist political activism of the brotherhood to forge a broader theory of holy war. He saw it s an attack not only on rulers perceived to be unjust, such as those in Egypt, but as justification to fight beyond national borders, anywhere that tyranny existed. ” ⁵⁹ “Now, they believe, they were after the power behind the throne ” ⁶⁰		
24/09/2001 “ Islamic group ” ⁶¹		
27/09/2001 “ Islamist movement ” ⁶²		

⁵³ Ricks, 2001, p. A1.

⁵⁴ Harris & Allen, 2001, p. A1.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ Loeb & Priest, 2001, p. A1.

⁵⁷ Struck et al., 2001, p. A1.

⁵⁸ Struck et al., 2001, p. A1.

⁵⁹ Ibid.

⁶⁰ Ibid.

⁶¹ Warrick et al. 2001, p. A1.

⁶² Dobbs, 2001(b), p. A1.

<p>“Ideas of jihād”⁶³</p> <p>“Before 1998, bin Laden focused primarily on expelling U.S. forces from his native Saudi Arabia, the site of Islam holiest places. After 1998, he broadened his agenda to include denunciations of the U.S. alliance with Israel and its ‘aggression’ against Iraq.”⁶⁴</p>		
<p>27/09/2001</p> <p>“Islamic extremists”⁶⁵</p> <p>“Uzbek Islamic group”⁶⁶</p>		
<p>27/09/2001</p> <p>“Islamic terrorists”⁶⁷</p>		
<p>28/09/2001</p> <p>“Even if the vast majority of Arabs are repelled by bin Laden’s methods, his complaints about U.S. troops in the birthplace of Islam have wide appeal”⁶⁸</p>	<p>28/09/2001</p> <p>Even if the vast majority of Arabs are repelled by bin Laden’s methods, his complaints about U.S. troops in the birthplace of Islam have wide appeal⁶⁹</p>	<p>28/09/2001</p> <p>Parcela da população de países árabes</p>
<p>29/09/2001</p> <p>“Anti-American terrorists”⁷⁰</p>		
<p>29/09/2001</p> <p>“To the Saudi royal family and attempting to topple it”⁷¹</p> <p>“Campaigning against the stationing of U.S. troops on Saudi soil”⁷²</p> <p>“Has used his family background to promote jihād, or holy war against the United States”⁷³</p>		

⁶³ Ibid.

⁶⁴ Ibid.

⁶⁵ Mufson, 2001, p. A1.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Finn, 2001. p; A1

⁶⁸ Schneider, 2001(b), p. A1.

⁶⁹ Ibid.

⁷⁰ Ottaway & Morgan, 2001, p. A1.

⁷¹ Dobbs & Anderson, 2001, p. A1.

⁷² Ibid.

⁷³ Ibid.

<p>02/10/2001 “Extremists”⁷⁴</p> <p>“Presaging a break from the state sponsored terrorism familiar to most Americans at the time, the report said tomorrow’s “most dangerous” terrorists would be ‘ motivated not by political ideology, but by fierce ethnic and religious hatreds”⁷⁵</p> <p>“Their goal will not be political control, but utter destruction of their chosen enemies”⁷⁶</p>		
<p>03/10/2001 “Islamic extremist activities”⁷⁷</p> <p>“Since bin laden has issued a fatwa, or religious edict, denouncing the ruling House of Saud as corrupt”⁷⁸</p>		
<p>06/10/2001 “Extremists”⁷⁹</p>		
<p>07/10/2001 “An Egyptian Islamic radical network that operates within bin Laden’s larger, multinational organization. These Egyptians express virulent anger about their government and its key ally, the United States, and have vowed to wreak violence against both”⁸⁰</p> <p>“Who told fellow students of his bitter hatred of Egypt’s government”⁸¹</p> <p>“Islamic radicalism”⁸²</p>		
<p>07/10/2001 “Expelling the U.S. military from a country that is home to Islam’s holiest sites, Meca</p>		

⁷⁴ Warrick & Stephens, 2001, p. A1.

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ Ibid.

⁷⁷ Gellman, 2001(b), p. A1.

⁷⁸ Ibid.

⁷⁹ Anderson, 2001, p. A1.

⁸⁰ Eggen & Kovaleski, 2001, p. A1.

⁸¹ Ibid.

⁸² Ibid.

and Medina , has been cited by bin Laden as a goal of his war on the United States.” ⁸³		
---	--	--

Causas profundas	Idéia de justiça da causa	Audiência de referência
<p>15/09/2001 “In an ironic reversal of roles, it is this militancy, born in the crucible of the cold war and baptized in Afghanistan by the U.S. itself, which the U.S now proclaim as its principal enemy.”⁸⁴</p> <p>“Osama is not the cause but the consequence of American arrogance and bias, he wrote, suggesting that Washington needs to reflect on the ‘fury of despair’ that motivates terrorists to commit extreme acts”⁸⁵</p> <p>“Instead of going on one man, the U.S. should try to find the root causes”⁸⁶</p>	<p>15/09/2001 “Yet even middle-class professionals, while expressing deep concern for the loss of life in Washington and New York, said they understand why some Pakistanis and other Muslims would find grim satisfaction in the assaults on American symbols of power”⁸⁷</p>	<p>15/09/2001 Parcela da população paquistanesa e alguns muçulmanos em geral</p>
<p>06/10/2001 “You have to go to the roots of why terrorism exists in parts of the world and why America is the target”⁸⁸</p>		
<p>07/10/2001 With rising unemployment, falling real incomes, and steady, if slow, moves to open the society, more to outside influence, “the al-Saud family continues to act with the mentality that it owns the country and its people”, complained one journal of the largely London-based Saudi opposition. Such arguments inspired bin Laden. Propagated through “hotbed” mosques and schools in Meca and isolates provinces like Asir, they fueled a stream of recruits to his cause.⁸⁹</p>		

⁸³ Schneider, 2001(c), p. A1.

⁸⁴ Constable, 2001, p. A1.

⁸⁵ Ibid.

⁸⁶ Ibid.

⁸⁷ Ibid.

⁸⁸ Anderson, 2001, p. A1.

⁸⁹ Schneider, 2001(c), p. A1.

7.3.

Anexo 3 – tabela da pergunta 3 do New York Times

Armas/Diretas e/ou Táticas/diretas e/ou Alvos diretos	Armas/percepção e/ou Táticas/percepção e/ou Alvos/percepção
12/09/2001 “ This acts of mass murder were intended to frighten our nation” ⁹⁰	12/09/2001 “ This acts of mass murder were intended to frighten our nation ” ⁹¹
13/09/2001 “ hijackers who slammed jetliners into the twin towers in New York City and the Pentagon in Virginia” ⁹² “in the worst terrorist attack in American history.”	13/09 2001 “There were reports that a growing number of travelers feared flying and were canceling reservations and taking ground transportation ” ⁹³
13/09/2001 “after two airplanes pierced the twin towers Tuesday morning, a terrorist attack that leveled the World Trade Center buildings” ⁹⁴	
14/09/2001 “ suicide missions in New York and Washington” ⁹⁵	
14/09/2001 “as emergency workers pursued their solemn mission to find thousands of people missing in the rubble of the World Trade Center in New York and the pentagon, the nation remained palpably on edge” ⁹⁶ .	14/09/2001 “as emergency workers pursued their solemn mission to find thousands of people missing in the rubble of the World Trade Center in New York and the Pentagon, the nation remained palpably on edge ” ⁹⁷ .
15/01/2001 “ the devastation where nearly 5000 people lay buried. Still, he seemed awed as he stared up at the slope of twisted steel and concrete that four days ago had been towers that dominated the Lower Manhattan skyline ” ⁹⁸	15/09/2001 “for a nation that has struggled to find its equilibrium since Tuesday’s attacks, in which 19 hijackers turned three commandeered jetliners into missiles that demolished the trade center and part of the Pentagon, while fourth crashed in Pennsylvania” ⁹⁹
17/09/2001 “ hijacked jetliner headed toward Washington, but the plane crashed in Pennsylvania” ¹⁰⁰	17/09/2001 “don’t let what’s happened here in any way throw off their normal level of economic activity ” ¹⁰¹
17/09/2001	

⁹⁰ Bumiller & Sanger, 2001, p. 1.

⁹¹ Ibid.

⁹² McFadden, 2001(a), p. 1.

⁹³ Ibid.

⁹⁴ Barry, 2001, p. 1.

⁹⁵ Apple Jr, 2001(a), p. 1.

⁹⁶ Bumiller & Perlez. 2001, p. 1.

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ Mcfadden, 2001(b), p. 1.

⁹⁹ Ibid.

¹⁰⁰ Purdum, 2001, p. 1.

¹⁰¹ Ibid.

“assassination of its leader, Ahmed Shah Massoud, who died Saturday, after a bomb attack committed just two days before the raids in New York and Washington.” ¹⁰²	
	17/09/2001 “Many economists said the blow to consumer and investor confidence and the slowdown in economic activity caused by disruptions to air travel and ordinary commerce were likely to push it over the edge” ¹⁰³
18/09/2001 “11 at the Pentagon, where a hijacked plane was crashed last Tuesday” ¹⁰⁴	18/09/2001 “industry request of \$20 billion in loan guarantees to keep operating at a time few Americans are flying ” ¹⁰⁵
19/09/2001 “attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹⁰⁶	
	19/09/2001 “ since the attacks , people who look Middle Eastern and South Asian, whatever their religion or nation of origin, have been singled out of harassment, threats and assaults ” ¹⁰⁷
20/09/2001 “Those innocent people in New York didn’t go to work thinking there was any kind of risk” ¹⁰⁸	20/09/2001 “someone challenge the freedom that we have here in the United States, I wonder what the future holds to him ” ¹⁰⁹
20/09/2001 “A terrorist attack leveled the World Trade Center ” ¹¹⁰	
20/09/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹¹¹	
21/09/2001 “Since four hijacked jetliners on suicide missions crashed into the World Trade center and the Pentagon and a quiet field in Pennsylvania, killing more than 6.000 people ” ¹¹²	
21/09/2001 “nine days after the attacks in New York and the Pentagon left nearly 6000 people dead or missing, and deepened wounded an already fragile economy ” ¹¹³	21/09/2001 “many Americans acknowledge that they had been frightened by the terrorist attacks and left with a profound sense of vulnerability ” ¹¹⁴

¹⁰² Gordon, 2001, p. 1.

¹⁰³ Steveson & Fuerbringer, 2001, p. 1.

¹⁰⁴ Sanger, 2001(a), p. 1.

¹⁰⁵ Ibid.

¹⁰⁶ Shenon & Toner, 2001, p. 1. .

¹⁰⁷ Goodstein & Lewin, 2001, p. 1.

¹⁰⁸ Canedy, 2001, p. 1.

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ Steinhauer, 2001, p. 1.

¹¹¹ Sanger, 2001(b), p. 1.

¹¹² Bumiller, 2001(a), p. 1.

¹¹³ Macfadden, 2001(c), p. 1.

¹¹⁴ Ibid.

21/09/2001 “The terrorist attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹¹⁵	21/09/2001 “The challenge that Mr. Bush faced tonight and will continue to face in the months ahead, said Richard C. Holbrooke, the former United States ambassador to Germany and the United Nations, ‘is channeling the public’s emotions in a clear direction, because Americans are confused and, in many cases, scared ’” ¹¹⁶
21/09/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹¹⁷	
22/09/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon on Sept. 11.” ¹¹⁸	
22/09/2001 “Attacks against New York and Washington ” ¹¹⁹	
22/9/2001 “As the missing move to the list of dead, a geography of last week’s terrorism is emerging in the hardest-hit communities , which are usually a comfortable distance from the city’s hazards” ¹²⁰	22/9/2001 “The losses have spread a sense of helplessness in places used to predictable order” ¹²¹
22/09/2001 “Each of the two airplanes that crashed into the World Trade Center in New York ” ¹²²	22/09/2001 “The House and Senate are expected to act next week on legislation to deal with aviation security, which is also critical in persuading Americans to fly again. ” ¹²³
23/09/2001 “Mr. Rumsfeld was arguing even before Sept. 11 that the military needed to be reconfigured for ‘ asymmetrical threats ’ -- which is exactly what crashed into his building ” ¹²⁴	
23/09/2001 “The terrorists who attacked the U.S. on Sept. 11 targeted our economy as well as our people ” ¹²⁵	
23/09/2001 “The group intended to bomb the European Parliament in Strasbourg, France” ¹²⁶	
25/9/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹²⁷	25/09/2001 “ But clearly, Americans’ way of life has been altered. Despite security measures the government has taken, about a third of people say the attacks have made them less likely to travel by airplane any time soon.” ¹²⁸

¹¹⁵ Apple Jr., 2001(b), p. 1.

¹¹⁶ Ibid.

¹¹⁷ Burns, 2001, p. 1.

¹¹⁸ Sanger & Schmitt, 2001, p. 1.

¹¹⁹ Perlez, 2001, p. 1.

¹²⁰ Purdy, 2001, p. 1.

¹²¹ Ibid.

¹²² Alvarez & Labaton, 2001, p. 1.

¹²³ Ibid.

¹²⁴ Perlez et al., 2001, p. 1.

¹²⁵ Stevenson & Kahn, 2001, p. 1.

¹²⁶ Frantz & Bonner, 2001, p. 1.

25/09/2001 “ Hijackers who crashed airliners into the World Trade Center and the Pentagon were associated with other groups planning future attacks” ¹²⁹	
26/09/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹³⁰	
27/09/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹³¹	
27/09/2001 “If somebody had called us and said, we have a hijacking 100 miles out coming from Europe or South America, there are terrorists on board and they’ve taken over the airplane , that’s a scenario we’ve practiced, said general Eberhart, a Vietnam veteran. ‘we did not practice – and I wish to God we had – a scenario where this takes off out of Boston, and minutes later crashes into New York City. This is a whole new ballgame.’” ¹³²	27/09/2001 “Approved new rules of engagement that reflected the heightened concern over possible new terrorist strikes ” ¹³³
27/09/2001 “ Jets that rammed into the Pentagon ” ¹³⁴ .	
27/09/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹³⁵	
28/09/2001 “Since Sept. 11 hijackings of 4 jetliners ” ¹³⁶	28/09/2001 “Trying to soothe the frayed nerves of reluctant American travelers , president Bush announced today that the federal government would take on a larger role in airport security” ¹³⁷
29/09/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹³⁸	
29/09/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹³⁹	

¹²⁷ Berke & Elder, 2001, p. 1.

¹²⁸ Ibid.

¹²⁹ Bergman & Van Vatta, 2001, p. 1.

¹³⁰ Bumiller & Shanker, 2001, p. 1.

¹³¹ Apple Jr., 2001, p. 1.

¹³² Schmitt, 2001, p. 1.

¹³³ Ibid.

¹³⁴ Schemo & Pear, 2001, p. 1.

¹³⁵ Dao & Tyler, 2001, p.1.

¹³⁶ Bumiller, 2001(b), p. 1.

¹³⁷ Ibid.

¹³⁸ Tagliabue & Bonner, 2001, p. 1.

¹³⁹ Schmemmann, 2001(b), p. 1.

30/09/2001 “Since the terrorists destroyed the World Trade Center and damaged the Pentagon ” ¹⁴⁰	30/09/2001 “ But beyond the immediate damage, the terrorism and the reaction to it – particularly the psychological damage – appear to be rippling through most of the economy ” ¹⁴¹
30/09/2001 “In addition, a majority of the men who hijacked four airliners in the attacks carried Saudi passports” ¹⁴²	
01/10/2001 “ Embassy bombings in Africa in 1998” ¹⁴³	
01/10/2001 “Oklahoma city bombing ” ¹⁴⁴	
01/10/2001 “Glorify martyrdom by Muslims in pursuit of jihad, or holy war” ¹⁴⁵ .	
01/10/2001 (Northern Alliance) “Its military leader was recently killed in a suicide bomb attack that American intelligence believe was instigated by Mr. bin Laden” ¹⁴⁶	
02/10/2001 “There can be no acceptance of those who would suit to justify the deliberate taking of innocent civilian life ” ¹⁴⁷	
02/10/2001 “The bill lists many crimes like hijacking and destruction of government property as qualifying as terrorist actions , only if they were committed with a motive to influence or range the government” ¹⁴⁸	
03/10/2001 “ bombing of the destroyer Cole in Yemen harbor” ¹⁴⁹	
03/10/2001 “1998 bombings of two American embassies in East Africa.” ¹⁵⁰	03/09/2001 “I see the success of this campaign being measured in the restoration of a degree of security in society, where people are not as frightened as they are now. ” ¹⁵¹
	04/10/2001 “As the country moves past its initial period of shock over last month’s terrorist attacks” ¹⁵²
05/10/2001 “ Bomb attack of the destroyer Cole in	

¹⁴⁰ Uchitelle, 2001, p. 1.

¹⁴¹ Ibid.

¹⁴² Tyler, 2001(b), p.1.

¹⁴³ Mitchell & Purdum 2001, p. 1.

¹⁴⁴ Henriques & Barstow, 2001, p. 1.

¹⁴⁵ Miller & Eichenwald, 2001, p. 1.

¹⁴⁶ Stevenson, 2001, p. 1.

¹⁴⁷ Schmemann, 2001(a), p. 1.

¹⁴⁸ Lewis & Pear, 2001, p. A1.

¹⁴⁹ Daley, 2001, p. A1.

¹⁵⁰ Perlez & Sanger, 2001, p. A1.

¹⁵¹ Ibid.

¹⁵² Lyman & Carter, 2001, p. A1.

Yemen” ¹⁵³	
05/10/2001 “While some said terrorists might have fired a missile at the jet ” ¹⁵⁴	
	06/10/2001 “In fretful times, the rich are different, They can salve fear with money. Since Sept.11, they have been rubbing it on quite heavily, security experts say. ” ¹⁵⁵
06/10/2001 “The former leader of the Northern Alliance, Ahmed Shah Massoud, died last month, the victim of a bombing carried out two days before the Sept. 11 attacks on the United States. It is widely believed that Osama bin Laden, the prime terrorist suspect harbored by Taliban, was behind the attack.” ¹⁵⁶	
06/10/2001 “Which authorities feared indicated might have indicated the possibility of a chemical or biological attack. ” ¹⁵⁷	
7/10/2001 “ Bombing of two American embassies” ¹⁵⁸	

7.4.

Anexo 4 – tabela da pergunta 3 do Washington Post

Armas/Diretas e/ou Táticas/diretas e/ou Alvos diretos	Armas/percepção e/ou Táticas/percepção e/ou Alvos/percepção
12/09/2001 “After an hour after take off from Dulles International Airport yesterday morning, Flight 77, the Boeing 757 headed for Los Angeles with 64 people aboard, became a massive missile aimed at the White House. The target would change suddenly, but the symbolism was equally devastating” ¹⁵⁹	12/09/2001 “After an hour after take off from Dulles International Airport yesterday morning, Flight 77, o Boeing 757 headed for Los Angeles with 64 people aboard, became a massive missile aimed at the White House. The target would change suddenly, but the symbolism was equally devastating ” ¹⁶⁰ . “By about 9:40 a.m., when the diving plane carved out a massive chunk of the Pentagon, its passengers has experienced unspeakable terror, hundreds died, and the nation’s greatest symbol of security lay shattered , thick plumes of smoke camouflaging a gaping hole in its heart.” ¹⁶¹

¹⁵³ Tyler, 2001(c), p. A1.

¹⁵⁴ Wines, 2001, p. A1.

¹⁵⁵ Harden, 2001, p. A1.

¹⁵⁶ Rohde, 2001, p.A1.

¹⁵⁷ Johnston & Shenon, 200, p. A1.

¹⁵⁸ Risen, 2001, p. A1.

¹⁵⁹ Fisher & Phillips, 2001, p. A1.

¹⁶⁰ Ibid.

¹⁶¹ Fisher & Phillips, 2001, p. A1.

12/09/2001 “An hour and three quarters after the first of two jetliners ripped through New York’s twin emblems of global prestige ” ¹⁶²	12/09/2001 “An hour and three quarters after the first of two jetliners ripped through New York’s twin emblems of global prestige ” ¹⁶³
12/09/2001 “Previously was linked to the bombing of the World Trade Center” ¹⁶⁴	
13/09/2001 “much is unknown about how bands of three to six terrorists on each airliner – apparently armed with knives, razors and box cutters – eluded security measures, took control of the four aircraft and committed the worst act of terrorism on U.S. soil. ” ¹⁶⁵	
13/09/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹⁶⁶	
	14/09/2001 “White House officials agreed that Bush’s increasing visibility and toughness since the attack was a natural progression as he grasped the attack’s scope.’ It happened over time’, an aide said, “ We’ve got a different kind of country , a different kind of administration, a different kind of focus” ¹⁶⁷
14/09/2001 “ Suicide attacks against the World Trade Center and the Pentagon ” ¹⁶⁸	
14/09/2001 “Tuesday’s assault with hijacked jets on the World Trade center and the Pentagon. ” ¹⁶⁹	14/09/2001 “The carnage, the outrages, the fears and disruptions have made the public strong supporters of war ” ¹⁷⁰
	15/09/2001 “ Still, about one third of the of the normal commercial fleet was aloft ” ¹⁷¹
15/09/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ¹⁷²	15/09/2001 “Its absolute intimidating, said Therese S. Leung, a Dupont Circle resident who works at the New Executive Office Building. It’s recognition that we are not safe ” ¹⁷³
15/09/2001 “ A plane had gone through the North Tower of the World Trade Center ” ¹⁷⁴	

¹⁶² Gellman, 2001(a), A1.

¹⁶³ Ibid

¹⁶⁴ Eggen & Loeb, 2001. p. A1.

¹⁶⁵ Lane & Mintz, 2001. p. A1.

¹⁶⁶ Sipress & Mufson, 2001. p. A1.

¹⁶⁷ Milbank, 2001(a), p. A1.

¹⁶⁸ Woodward & Loeb, 2001, p. A1.

¹⁶⁹ Drehle, 2001(a), p. A1

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ Id., 2001(b), p. A1

¹⁷² Tucker & Loeb, 2001, p. A1.

¹⁷³ Ibid.

¹⁷⁴ Vedantan, 2001, p. A1.

15/09/2001 “Tuesday’s suicidal hijackings ” ¹⁷⁵	15/09/2001 “The assaults on American symbols of power ” ¹⁷⁶
16/09/2001 “The thwarted efforts left to a porous line of defense that was exposed to the world Tuesday when 19 Islamic fundamentalist terrorists passed undeterred through security at three airports, commandeered four commercial jets and turned them into the equivalent of 200-ton cruise missiles ” ¹⁷⁷	16/09/2001 “ The thwarted efforts left to a porous line of defense that was exposed to the world Tuesday when 19 Islamic fundamentalist terrorists passed undeterred through security at three airports, commandeered four commercial jets and turned them into the equivalent of 200-ton cruise missiles” ¹⁷⁸
	16/09/2001 “And with passengers confidence shaken , the industry is reeling” ¹⁷⁹
16/09/2001 “But the weapons were airplanes , once considered exotic, even physics-defying, but in the modern world as innocuous and familiar as sparrows.” ¹⁸⁰	
17/09/2001 “Airplane attacks on the Pentagon and the World Trade Center ” ¹⁸¹	
17/09/2001 ““A terrorist can attack in any time and any place using a variety of different techniques”, Rumsfeld said. ‘It may be an airplane one day, it may be a ship or a subway or a car’ ” ¹⁸²	17/09/2001 “They have already demonstrated that the country is vulnerable ” ¹⁸³
17/09/2001 “The hijacked planes of last Tuesday”	17/09/2001 “National’s fate is the subject of increasing debate within the Bush administration, Congress and the aviation industry , as powerful interests struggle to balance security, convenience and business necessity. On a small but important scale, it reflected the larger national debate over how much American life should change in the aftermath of Tuesday’s devastating terrorist attacks. ” ¹⁸⁴
17/09/2001 “More than 5000 were believed dead after hijacked jetliners crashed into the World Trade Center ” ¹⁸⁵	
17/09/2001 “A budget analyst who was killed on the Pentagon attack ” ¹⁸⁶	

¹⁷⁵ Constable, 2001, p. A1.

¹⁷⁶ Constable, 2001, p. A1.

¹⁷⁷ Gaul et al. 2001, p. A1.

¹⁷⁸ Ibid.

¹⁷⁹ Drehle & Sipress, 2001, p. A1.

¹⁸⁰ Achenbach, 2001. p. A1.

¹⁸¹ Moore & Khan, 2001, p A1.

¹⁸² Fisher & Phillips, 2001, p. A1.

¹⁸³ Fisher & Phillips, 2001, p. A1.

¹⁸⁴ Timberg & Hsu, 2001, p. A1.

¹⁸⁵ Pincus & Eggen, 2001. p A1.

¹⁸⁶ Murphy, 2001(a), p. A1.

17/09/2001 “It is unlikely that that contingencies would have included what to do when a commercial jet packed with fuel and flown by a suicide crew appears ” overhead ¹⁸⁷	17/09/2001 “‘We were lucky this time’, La Porte said, ‘but look across the river. Terrorism is here ’” ¹⁸⁸
18/09/2001 “The four hijackings that resulted in the attacks on New York’s World Trade Center and on the Pentagon ” ¹⁸⁹	18/09/2001 “ Security concerns continued to ripple throughout the country ” ¹⁹⁰
19/09/2001 “Headlines writers have called it an “attack on America”, but the wave of terrorism in the United States last week might more properly be labeled ‘attack on the world’. Hundreds of people from more than 50 countries are reported missing among the rubble” ¹⁹¹	
	19/09/2001 “Regional leaders fear that the threat of terrorism could spark a wider loss of confidence in the business environment around the capital ” ¹⁹²
19/09/2001 “The precise moment the first plane hit the World Trade Center’s North Tower ” ¹⁹³	
19/09/2001 “Last week suicide attacks on New York and Washington” ¹⁹⁴	
19/09/2001 “The five men who slammed a Boeing 757 into the Pentagon ” ¹⁹⁵	
20/09/2001 “In 1998, he broadened that edict to include killing of “Americans and their allies, civilian, military ...in any country in which it is possible to do it” ¹⁹⁶	
20/09/2001 “Attacks on the Pentagon and World Trade Center ” ¹⁹⁷	
20/09/2001 “Even before the disastrous hijackings ”	“The idea is to get travelers back into the air as quickly as possible to overcome lingering fears” ¹⁹⁸
	21/09/2001 “Beyond that uncertainty and beyond even

¹⁸⁷ Twomwy et al., 2001. p. A1.

¹⁸⁸ Twomwy et al., 2001. p. A1.

¹⁸⁹ Balz, 2001(a), p. A1.

¹⁹⁰ Ibid.

¹⁹¹ Reid, 2001(a), p. A1.

¹⁹² Schneider, 2001(a), p. A1.

¹⁹³ Balz & Sipress, 2001, p. A1.

¹⁹⁴ Eggen & Sheridan, 2001, p. A1.

¹⁹⁵ Masters et al., 2001, p. A1.

¹⁹⁶ Dobbs, 2001(a), p. A1.

¹⁹⁷ Mufson & Sipress, 2001(a), p. A1.

¹⁹⁸ Schneider et al., 2001, p. A1.

	the economic miseries facing the country, there are simple human reasons for Wall Street's painful week ¹⁹⁹
21/09/2001 "To prepare for the possibility of terrorist attacks, especially attacks using nuclear, biological or chemical weapons " ²⁰⁰	
21/09/2001 " Bombing American embassies in Tanzania and Kenya"	21/09/2001 "Tonight we are a country awakened to danger and called to defend freedom" ²⁰¹
21/09/2001 "Since terrorists in hijacked airliners attacked New York and Washington." ²⁰²	21/09/2001 "It's a delicate combination of encouraging Americans to return to some kind of normality in their daily lives, if it is possible right now , while preparing a country anxious for what could be a long, unconventional and costly campaign against terrorism" ²⁰³
22/09/2001 "Property damage from the hijackings and crashes " ²⁰⁴	22/09/2001 "And that few will return to profitability until people starts flying more . Many planes are now operating with two-thirds of their sits empty" ²⁰⁵
23/09/2001 "Attacks on the World Trade Center and the Pentagon " ²⁰⁶	23/09/2001 "Wracked by fears of a fresh round of terrorism attacks , the U.S. military, federal and state authorities and private deployment of heavily armed South Dakota state police in black tactical gear at airport gates, officials have taken defensive steps that are affecting many aspects of life for millions of Americans." ²⁰⁷
23/09/2001 "A basic rule of bomb making " ²⁰⁸	
23/09/2001 "The day Pentagon exploded " ²⁰⁹	23/09/2001 "It remains so great a trauma to the national psyche that experts say it is not just injured survivors such as Thurman who struggle with the implications" ²¹⁰
23/09/2001 "Complicit in the Pentagon and World Trade Center attacks " ²¹¹	23/09/2001 "The vice-president, in the first time in American history, stayed away from a joint session, for fear that he and the president might be killed in a single strike " ²¹²

¹⁹⁹ Schneider & Vinzant, 2001, p. A1.

²⁰⁰ Pianin & Graham, 2001, p. A1.

²⁰¹ Harris & Allen, 2001, p. A1.

²⁰² Balz, 2001(b), p. A1.

²⁰³ Ibid.

²⁰⁴ Swoboda & Hamilton, 2001, p. A1.

²⁰⁵ Ibid.

²⁰⁶ Pianin et al., 2001, p. A1.

²⁰⁷ Ibid.

²⁰⁸ Struck et al., 2001, p. A1.

²⁰⁹ St. George & Goldstein, 2001, p. A1.

²¹⁰ Ibid.

²¹¹ Gellman & Allen, 2001, p. A1.

24/09/2001 “You don’t want a bomb to drop anywhere” ²¹³	24/09/2001 “They are helpless in their sense of loss and they’re helpless in their sense there’s nothing they can do to stop this from spinning even more wildly out of control ” ²¹⁴
24/09/2001 “The airliner that crashed into the Pentagon ” ²¹⁵	
25/09/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ²¹⁶	
25/09/2001 “After hearing another hijacked planes had been flown into the World Trade Center and the Pentagon ” ²¹⁷	
25/09/2001 “And the World Trade Center and Pentagon were attacked by hijackers believed to be affiliated with bin Laden” ²¹⁸	
26/09/2001 “Sept 11 airliner hijackings ” ²¹⁹	
26/09/2001 “Attacks on World Trade Center and the Pentagon ” ²²⁰	
27/09/2001 “Embassy bombings ” ²²¹	
27/09/2001 “Attacks against the World Trade Center and the Pentagon ” ²²²	
27/09/2001 “First plane that struck the World Trade Center ” ²²³	
27/09/2001 “Against lower technology methods of terrorism ”	27/09/2001 “Every aspect of US foreign policy is being seen in new light. ” ²²⁴
28/09/2001 “No connection to the bombing ” ²²⁵	
28/09/2001 “After three planes crashed into the World Trade Center and the Pentagon ” ²²⁶	28/09/2001 “President Bush implored Americans today to do their part against terrorism by flying on commercial airlines again ”
28/09/2001 “ Bombing of the Alfred P. Murrah Federal	28/09/2001 “The government reacts to emotion and no

²¹² Ibid.

²¹³ Russakoff, 2001, p. A1.

²¹⁴ Ibid.

²¹⁵ Warrick et al., 2001, p. A1.

²¹⁶ Eilperin, 2001, p. A1.

²¹⁷ Allen & Blustein, 2001, p. A1.

²¹⁸ Baker, 2001, p. A1.

²¹⁹ Eggen & Masters, 2001. A1

²²⁰ Milbank & Kessler, 2001, p. A1.

²²¹ Dobbs, 2001(b), p. A1.

²²² Sipress & Ricks, 2001, p. A1.

²²³ Finn, 2001, p. A1.

²²⁴ Mufson, 2001, p. A1.

²²⁵ Rosin, 2001, p. A1.

²²⁶ Allen & Schneider, 2001, p. A1.

Building in Oklahoma City.”	emotion is more profound than fear” ²²⁷
28/09/2001 “ Suicide attacks ” ²²⁸	
29/09/2001 “Embassy bombings ” ²²⁹	
29/09/2001 “ Suicide bombing ” ²³⁰	
30/09/2001 “When someone could drive a truck bomb into the building’s public, underground garage ” ²³¹	30/09/2001 “ Emotionally shaken like the rest of the country”
	01/10/2001 “The widespread reaction , they said, was clearly triggered by stress over the attacks, fear of more terrorism and concern for what future will bring their children” ²³²
01/10/2001 “Possibly including chemical and biological warfare ” ²³³	
02/10/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ²³⁴	
02/10/2001 “ Suicide hijackers crashed into the World Trade Center ” ²³⁵	02/10/2001 “Industry observers say airlines face some marketing challenges to win travelers back to their shuttles . Many business people accustomed to flying between Washington and New York have shifted to other transportation.” ²³⁶
02/10/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ²³⁷	
02/10/2001 “But Sept 11 exposed a flaw in the government’s thinking about the methods and the reach of terrorist intend on mass destruction ” ²³⁸	02/10/2001 “ But Sept 11 exposed a flaw in the government’s thinking about the methods and the reach of terrorist intend on mass destruction” ²³⁹
03/10/2001 “ Suicide attacks ” ²⁴⁰	
03/10/2001 “Embassy bombings ” ²⁴¹	
03/10/2001 “ Airliner hijackings ” ²⁴²	

²²⁷ Tucker & Dvorak, 2001, p. A1.

²²⁸ Schneider, 2001(b). p. A1.

²²⁹ Ottaway & Morgan, 2001, p. A1.

²³⁰ Dobbs & Anderson, 2001, p. A1.

²³¹ Twomwy & Leonning, 2001, p. A1.

²³² Goldstein, 2001, p. A1.

²³³ Milbank, 2001(b), p. A1.

²³⁴ Mufson & Sipress, 2001(b), p. A1.

²³⁵ Hsu & Allen, 2001, p. A1.

²³⁶ Ibid.

²³⁷ Milbank, 2001(b). p. A1.

²³⁸ Warrick & Stephens, 2001. p. A1.

²³⁹ Ibid., 2001. p. A1.

²⁴⁰ Allen, 2001, p. A1.

²⁴¹ Gellman, 2001(b), p. A1.

04/10/2001 “Attacks on World Trade Center and the Pentagon ” ²⁴³	
05/10/2001 “ Suicide attacks ” ²⁴⁴	
06/10/2001 “And also for the assassination two days earlier of Ahmed Shah Massoud” ²⁴⁵	
	06/10/2001 “Many reports have suggested that tolerance was a casualty in the devastation of the World Trade Center and the Pentagon” ²⁴⁶
06/10/2001 “Attacks on the World Trade Center and the Pentagon ” ²⁴⁷	
07/10/2001 “Attacks on the Pentagon and the World Trade Center ” ²⁴⁸	
07/10/2001 “A bomb exploded ” ²⁴⁹	
07/10/2001 “The attacks against the Pentagon and the World Trade Center ” ²⁵⁰	

7.5.

Anexo 5 – tabela da pergunta 4 do New York Times

Fanatismo religioso	Motivações da Al Qaeda	Década de 1990	Revolução iraniana e derrota soviética no Afeganistão
13/09/2001 “Suggested that the hijackers had Middle Eastern and Islamic connections ” ²⁵¹			
14/09/2001 “Osama bin Laden, the Islamic militant ” ²⁵²			
14/09/2001 “ Islamic militant , Osama bin Laden” ²⁵³			

²⁴² Berry, 2001, p. A1.

²⁴³ Drozdiak, 2001, p. A1.

²⁴⁴ Reid, 2001, p. A1.

²⁴⁵ Anderson, 2001, p. A1.

²⁴⁶ Murphy, 2001(b), p. A1.

²⁴⁷ Sipress & Hockstader, 2001, p. A1.

²⁴⁸ Eggen & Kovaleski, 2001, p. A1.

²⁴⁹ Schneider, 2001(c), p. A1.

²⁵⁰ Grimaldi, 2001, p. A1.

²⁵¹ McFadden, 2001 (a), p. 1.

²⁵² Bumiller & Perlez, 2001, p.1.

19/09/2001 “Osama bin Laden, the Islamic militant ” ²⁵⁴			
	21/09/2001 “They are the heirs of all the murderous ideologies 20 th century. , he said. By sacrificing human life to serve their radical visions by abandoning every value except the will to power, they follow in the path of Facism, Nazism and totalitarianism” ²⁵⁵ “The president said this such groups wanted to overthrow existing governments in Muslim countries, like Egypt, Saudi Arabia and Jordan ” ²⁵⁶		
21/09/2001 “Osama bin Laden, the Islamic extremist ” ²⁵⁷ “And reassured Muslims worldwide that we won’t tolerate the extremists ” ²⁵⁸			
	24/09/2001 “From exile, he called on Muslims to overthrow the monarchy for allowing in ‘infidel’ forces ” ²⁵⁹		
30/09/2001 “In a nation that has become a crucial one but brittle ally in the United States’ war on terrorism, there are cries and signs for Osama bin laden, for Taliban, for holy war ” ²⁶⁰ “There are many wealthy			

²⁵³ Apple JR, 2001(a), p. 1.

²⁵⁴ Gordon et al. 2001, p. 1.

²⁵⁵ Bulmiller, 2001(a), p. 1.

²⁵⁶ Ibid.

²⁵⁷ Macfadden, 2001(c), p. 1.

²⁵⁸ Macfadden, 2001(c), p. 1.

²⁵⁹ Tyler, 2001(a), p. 1.

²⁶⁰ Bragg, 2001, p. 1.

and middle-class Pakistanis here, people who support the alliance with the United states, who fear a rise in fundamentalist religion that, they say, could transform their country. But there seem to be many more in Karachi who would welcome it, who in choosing sides would choose Mr. bin Laden in a heartbeat, because they see him as a hero of Islam” ²⁶¹			
02/10/2001 “ Islamic terrorists ” ²⁶²			
03/10/2001 “ Islamic terrorism ” ²⁶³			
	5/10/2001 “Saudi born Islamic extremist ” ²⁶⁴ “The language of Mr. bin Laden’s incitement to murder and hatred of the United States is knitted throughout the document. ‘The killing of Americans and their civilian and military allies is a religious duty for each and every Muslim to be carried out in whichever country they are found’ his February 1998 fatwa, or religious edict, states.” ²⁶⁵		
	5/10/2001 “Terrorist hostility to the and particularly to the presence of American troops on Saudi soil , is threatening to the House of Saud, particularly because that hostility finds		5/10/2001 “It was his (bin Laden) uncompromising Islamic faith and dedication that made him a symbol of the Saudi-

²⁶¹ Bragg, 2001, p. 1.

²⁶² Bearak, 2001, p. 1.

²⁶³ Gordon & Schmitt, 2001, p. 1.

²⁶⁴ Tyler, 2001(c), p. 1.

²⁶⁵ Tyler, 2001(c), p. 1.

	<p>some sympathy in a population angry over American support of Israel.”²⁶⁶</p> <p>“What he (bin Laden) says, what he does represents what most Muslims or Arabs want to say and can’t. What he says we like, we agree with it”²⁶⁷</p> <p>“Bin Laden religious world views are not that different from every one in Saudi Arabia.”²⁶⁸</p> <p>“Mr. bin Laden has argued that the royal family’s closeness to the United States makes it unfit to govern”²⁶⁹</p> <p>One of the reasons Mr. bin Laden is so popular is that he represents the long lost ideal – not seen in the kingdom since King Abdel Aziz unified the land that became Saudi Arabia in the 1920’s.²⁷⁰</p>		<p>financed campaign waged by Islamic warriors to oust soviet forces from Afghanistan in the 1980’s.”²⁷¹</p>
06/10/2001			
Islamic extremist beliefs ²⁷²			
	<p>7/10/2001</p> <p>Mr. bin Laden, born in Saudi Arabia, has typically focused his anti-American statements on the presence of American troops in Saudi Arabia, declaring it a violation of Islamic</p>		

²⁶⁶ MacFarquhar, 2001, p. 1.

²⁶⁷ Ibid.

²⁶⁸ Ibid.

²⁶⁹ Ibid.

²⁷⁰ Ibid.

²⁷¹ Ibid.

²⁷² Bennet, 2001, p. 1.

²⁷³ Risen, 2001, p. 1.

	holy places ²⁷³		
--	----------------------------	--	--

7.6.

Anexo 6 – tabela da pergunta 4 do Washington Post

Fanatismo religioso	Motivações da Al Qaeda	Década de 1990	Revolução iraniana e derrota soviética no Afeganistão
	<p>12/09/2001 “Extremist Islamic militant”²⁷⁴</p> <p>“In February, 1998, bin Laden issued a fatwa, or religious order, that said “it was the duty of all Muslims to kill U.S. citizens civilian or military, and their allies everywhere”, according to the State department”²⁷⁵</p> <p>“and it now works ‘to overthrow regimes it deems non-Islamic’ and expel Westerners and non-Muslims from Muslim countries”²⁷⁶</p>		<p>12/09/2001 “According to the report, bin Laden founded the group in the late 1980s, to bring together Arabs who fought against the Soviet Union in Afghanistan, and it now works ‘to overthrow regimes it deems non-Islamic’ and expel Westerners and non-Muslims from Muslim countries”²⁷⁷</p>
14/09/2001 “Extremist Osama bin Laden” ²⁷⁸			
<p>15/09/2001 “Osama is not the cause but the consequence of American arrogance and bias, he wrote, suggesting that Washington needs to reflect on the ‘fury of despair’ that motivates terrorists to commit extreme acts”²⁷⁹</p> <p>“and bin Laden as a</p>			

²⁷⁴ Eggen & Loeb, 2001, p. A1.

²⁷⁵ Eggen & Loeb, 2001, p. A1.

²⁷⁶ Eggen & Loeb, 2001, p. A1.

²⁷⁷ Eggen & Loeb, 2001, p. A1.

²⁷⁸ Woodward & Loeb, 2001, p. A1.

²⁷⁹ Constable, 2001, p. A1.

<p>symbol of heroic defiance against the West”²⁸⁰</p> <p>“America is against Osama because he is a true Muslim and a defender of Islam”²⁸¹</p>			
<p>16/09/2001</p> <p>“The thwarted efforts left to a porous line of defense that was exposed to the world Tuesday when 19 Islamic fundamentalist terrorists passed undeterred through security at three airports, commandeered four commercial jets and turned them into the equivalent of 200-ton cruise missiles”²⁸²</p>			
	<p>16/09/2001</p> <p>“Bin Laden wants to cleanse the Muslim world of Western influences and return it into an idealized state that he believes existed a thousand years ago. He’s enraged by American support of Israel and the presence of American soldiers – infidels – on his home soil of Saudi Arabia.”²⁸³</p> <p>“Bin Laden has said of Westerners ‘ they violate our land and occupy it and steal the Muslims’ possessions and when faced by resistance, they call it terrorism”</p>		
<p>17/09/2001</p> <p>“A titanic struggle ‘between the civilized world and fanaticism”²⁸⁴</p>			
	20/09/2001		20/09/2001

²⁸⁰ Constable, 2001, p. A1.

²⁸¹ Constable, 2001, p. A1.

²⁸² Gaul et al., 2001. p. A1

²⁸³ Achenbach, 2001. p.A1

²⁸⁴ Harris, 2001, p. A1.

	<p>“Taken together, these statements provide insight into an ideology that seems abhorrent and even crazy to the vast majority of Americans but has been carefully crafted to appeal to the disgruntled and dispossessed of the Islamic world”²⁸⁵</p> <p>“At the heart of the bin Laden opus are two declarations of holy war – jihad – against America. The first, issued in 1996, was directly specifically at “Americans occupying the land of the two holy places” “In bin Laden’s war, the goal of expelling the “Judeo-Christian enemy” from the holy lands of Islam should be met first on the Arabian peninsula. His next priority is Iraq, which for 500 years was the most powerful Islamic state, or caliphate. A distant third on his agenda is Palestine, site of the Al-Aqsa mosque in Jerusalem, which Muslims believe was the place where Muhammad ascended to heaven.”²⁸⁶</p>		<p>“He had just returned home to Saudi Arabia after a decade fighting alongside the Afghan mujaheddin in their CIA-funded insurrection against the Soviet army.”²⁸⁷</p>
	<p>20/09/2001 “One of bin Laden’s major objections to U.S. foreign policy is the presence of the American military in Saudi Arabia, which is home of Islam’s holiest sites”²⁸⁸</p>		

²⁸⁵ Dobbs, 2001(a). A1.

²⁸⁶ Ibid.

²⁸⁷ Ibid.

²⁸⁸ Ricks, 2001. p. A1.

21/09/2001 “And imposing its radical beliefs on people everywhere” ²⁸⁹			
“A fringe form of Islamic extremism ” ²⁹⁰			
22/09/2001 “ Extremist Osama bin Laden” ²⁹¹			
	23/09/2001 “ Radical Islamists ” ²⁹²		
	“Its aims were narrower and more nationalistic than those of bin Laden’s borderless Al Qaeda. It aims to topple President Islam Karimov and carve out an Islamic state in the Ferghana Valley, a fertile region that includes Uzbek, Tajik and Kyrgyz territory. ” ²⁹³		
	“But in the 1970’s , he moved beyond the staid and nationalist political activism of the brotherhood to forge a broader theory of holy war. He saw it s an attack not only on rulers perceived to be unjust, such as those in Egypt, but as justification to fight beyond national borders, anywhere that tyranny existed. ” ²⁹⁴		
	“Now, they believe, they were after the power behind the throne ” ²⁹⁵		

²⁸⁹ Harris & Allen, 2001. p. A1.

²⁹⁰ Harris & Allen, 2001. p. A1.

²⁹¹ Loeb & Priest, 2001. p A1.

²⁹² Struck et al. 2001, p. A1.

²⁹³ Ibid.

²⁹⁴ Ibid.

²⁹⁵ Ibid.

24/09/2001 “Islamic group” ²⁹⁶			
	27/09/2001 “Islamist movement” ²⁹⁷ “Ideas of jihad ” ²⁹⁸ “Before 1998, bin Laden focused primarily on expelling U.S. forces from his native Saudi Arabia, the site of Islam holiest places. After 1998, he broadened his agenda to include denunciations of the U.S. alliance with Israel and its ‘aggression’ against Iraq. ” ²⁹⁹		27/09/2001 “Its made up primarily by Saudi and Egyptian dissidents who developed their ideas of jihad during the CIA-funded insurrection against the Soviet occupation in Afghanistan between 1979 and 1989.” ³⁰⁰
27/09/2001 “Islamic extremists” ³⁰¹ “Uzbek Islamic group” ³⁰²			
27/09/2001 “Islamic terrorists” ³⁰³			
	28/09/2001 “Even if the vast majority of Arabs are repelled by bin Laden’s methods, his complaints about U.S. troops in the birthplace of Islam		

²⁹⁶ Warrick et al. , 2001. p. A1.

²⁹⁷ Dobbs, 2001 (b), p. A1.

²⁹⁸ Dobbs, 2001 (b), p. A1.

²⁹⁹ Dobbs, 2001 (b), p. A1.

³⁰⁰ Ibid.

³⁰¹ Mufson, 2001, p. A1.

³⁰² Mufson, 2001, p. A1.

³⁰³ Finn, 2001, p. A1.

³⁰⁴ Schneider, 2001(b), p. A1.

	have wide appeal”³⁰⁴		
	29/09/2001 “To the Saudi royal family and attempting to topple it”³⁰⁵ “Campaigning against the stationing of U.S. troops on Saudi soil”³⁰⁶ “Has used his family background to promote jihad, or holy war against the United States”³⁰⁷		
02/10/2001 “Extremists” “Presaging a break from the state sponsored terrorism familiar to most Americans at the time, the report said tomorrow’s “most dangerous” terrorists would be ‘ motivated not by political ideology, but by fierce ethnic and religious hatreds’³⁰⁸ “Their goal will not be political control, but utter destruction of their chosen enemies”³⁰⁹			
	03/10/2001 “Islamic extremist activities”³¹⁰ “Since bin laden has issued a fatwa, or religious edict, denouncing the ruling House of Saud as corrupt”³¹¹		
06/10/2001 “extremists”³¹²			

³⁰⁵ Dobbs & Anderson, 2001, p. A1.

³⁰⁶ Ibid.

³⁰⁷ Ibid.

³⁰⁸ Warrick & Stephens, 2001. p. A1.

³⁰⁹ Ibid.

³¹⁰ Gellman, 2001(b), p. A1.

³¹¹ Ibid.

³¹² Anderson, 2001. p. A1.

	<p>07/10/2001 “An Egyptian Islamic radical network that operates within bin Laden’s larger, multinational organization. These Egyptians express virulent anger about their government and its key ally, the United States, and have vowed to wreak violence against both”³¹³</p> <p>“Who told fellow students of his bitter hatred of Egypt’s government”³¹⁴</p> <p>“Islamic radicalism” <small>315</small></p>		<p>7/10/2001 Atef was a longtime aide of Zawahiri and a participant in the anti-Soviet war in Afghanistan during the 1980’s. Their group merged with bin Laden’s Al Qaeda three years ago.³¹⁶</p>
	<p>07/10/2001 “Expelling the U.S. military from a country that is home to Islam’s holiest sites, Meca and Medina, has been cited by bin Laden as a goal of his war on the United States.”³¹⁷</p>		

³¹³ Eggen & Kovaleski, 2001, p. A1.

³¹⁴ Ibid.

³¹⁵ Ibid.

³¹⁶ Ibid.

³¹⁷ Schneider, 2001(c), p. A1.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)